



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

BÁRBARA BRUMA ROCHA DO NASCIMENTO

HISTÓRIA, CIDADE E LITERATURA EM A. TITO FILHO (1970-1975)

TERESINA – PI
2015

BÁRBARA BRUMA ROCHA DO NASCIMENTO

HISTÓRIA, CIDADE E LITERATURA EM A. TITO FILHO (1971-1975)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, sob a orientação da Professora Doutora Cláudia Cristina da Silva Fontineles para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

TERESINA – PI
2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Serviço de Processamento Técnico

N244h Nascimento, Bárbara Bruma Rocha do.
História, cidade e literatura em A. Tito Filho (1971-1975) / Bárbara
Bruma Rocha do Nascimento. – 2015.
104 f.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil)
– Universidade Federal do Piauí, 2015.
“Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Cristina da Silva Fontineles”.

1. Tito Filho, Arimathéa. 2. História. 3. Cidade.
4. Literatura. I. Título.

CDD 928

BÁRBARA BRUMA ROCHA DO NASCIMENTO

HISTÓRIA, CIDADE E LITERATURA EM A. TITO FILHO (1971-1975)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, sob a orientação da Professora Doutora Cláudia Cristina da Silva Fontineles para a obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Aprovada em: ___/ ___/ 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Cláudia Cristina Silva Fontineles (Orientadora)
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof. Dr. Antonio Paulo Rezende (Examinador externo)
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Prof. Dra. Terezinha de Jesus Mesquita Queiroz (Examinadora interna)
Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco (Suplente)
Universidade Federal do Piauí

AGRADECIMENTOS

“Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça”
(Provérbio Africano)

A Deus por nunca ter me desamparado...

Aos meus pais que são a razão do meu viver, Paulo Henrique do Nascimento e Maria da Conceição Rodrigues da Rocha.

À Professora Dra. Cláudia Cristina da Silva Fontineles, pela paciência, cuidado, carinho e por ser exemplo de educadora.

Ao meu irmão David Neto, pelo apoio e amor e por ter me dado a alegria dos meus dias, Maria Luiza, minha sobrinha amada.

À minha irmã-prima-amiga-mãe, Bruna de Lis por acreditar sempre no meu potencial e por ter me dado minha afilhada Isadora.

Às minhas frenéticas Jade Nascimento, Marly Ribeiro e a minha afilhada Júlia Nascimento.

Às minhas amigas, minhas melissas Karlene e Talita, vocês são as melhores. E aos amigos que conquistei pelo caminho, que são muitos.

À família Nascimento, em especial à matriarca Maria do Carmo da Conceição Sousa Nascimento e ao meu avô David Nascimento (in memoriam) que eu não conheci pessoalmente, mas que eu sei que vem cuidando de mim.

À família Rodrigues da Rocha, em especial à matriarca Aldenora Rodrigues e ao meu avô querido João Júlio (in memoriam), eles me ensinaram que a humildade é a melhor virtude do ser humano.

À família Brandão por ter me acolhido como filha, em especial minha tia-amiga Simone Brandão.

Ao professor Dr. Solimar Oliveira, pelas melhores aulas de historiografia e à professora Dra. Teresinha Queiroz pelas lições de teoria e metodologia, por ter iniciado este trabalho sob a forma de iniciação científica e monografia e também pelas lições de vida.

Ao professor Dr. Francisco Alcides do Nascimento pela atenção e pelas lições de história e cidade e ao Professor Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco pela leitura atenciosa do texto de qualificação.

Ao Luis Filipe Brandão pelas melhores referências de leitura...

À FAPEPI, pelo amparo financeiro. Graças à bolsa de pós-graduação, tripliquei o volume de livros da minha biblioteca.

A todos que participaram direta ou indiretamente para a construção desse trabalho...

Obrigada!

Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa o nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro.

Gilles Deleuze

RESUMO

O presente estudo analisa a produção escrita de José Arimathéa Tito Filho sobretudo seus textos publicados no *Jornal do Piauí* na primeira metade da década de 1970, tendo como objeto principal a cidade de Teresina. Contemplando as relações entre história, cidade e literatura estudaremos a sua inserção na vida social e política, tendo como referência seu lugar social enquanto presidente da Academia Piauiense de Letras durante vinte e um anos e sua presença efetiva na imprensa piauiense. A. Tito Filho foi poeta, cronista, historiador, humorista e professor e trouxe para a literatura piauiense, sobretudo a cidade de Teresina nas suas “virtudes e desvirtudes”. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos como fontes principais as publicações produzidas por A. Tito Filho para o *Jornal do Piauí*, onde o autor possuía uma coluna diária intitulada *Caderno de Anotações*, e deixou registros durante toda a década de 1970. Tendo como característica a pluralidade de temáticas, abordadas em seu *Caderno de Anotações*, A. Tito Filho deixou um variado conjunto de textos. Utilizaremos também os livros publicados pelo autor durante o período de estudo, destacando aqueles com a temática relacionada à cidade: *Teresina, meu amor*, *Praça Aquidabã, sem número*, *Teresina, ruas, praças, avenidas*, *Crônica da cidade amada*, *Memorial da cidade verde*.

Palavras-chave: A. Tito Filho. História. Cidade. Literatura.

RESUMÉ

Cette étude analyse la production écrite de José Arimathéa Tito Filho dessus de ses textes publiés dans le Journal de Piauí dans la première moitié des années 1970, l'objet principal de la ville de Teresina. Contempler la relation entre l'histoire, la littérature ville et étudier leur insertion dans la vie sociale et politique, en référence à leur place sociale en tant que président de l' Academia Piauiense de Letras pendant vingt et un ans et leur présence effective dans Piauí presse. A. Tito Filho était un poète, chroniqueur, historien, professeur et satiriste et apporté à la littérature Piauí, en particulier la ville de Teresina dans leurs "vertus et desvirtudes". Pour développer ce travail, nous utilisons comme les principales sources de publications produites par A. Tito Filho au Journal de Piauí, où l'auteur avait une colonne intitulée Caderno de Anotações et fait des dossiers tout au long des années 1970 . Ayant caractérisés par la pluralité thématique, adressé dans son ordinateur portable, A. Tito Filho a laissé un large éventail de textes. Nous allons également utiliser les livres publiés par l'auteur au cours de la période de l'étude, en soulignant ceux avec le thème lié à la ville: *Teresina, meu amor, Praça Aquidabã, sem número, Teresina, ruas, praças, avenidas, Crônica da cidade amada , Memorial da cidade verde* .

Mots-clés: A. Tito Filho. Histoire. Ville. Littérature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A. TITO FILHO: TRAJETÓRIAS.....	9
2.1 <i>Bacharel, jornalista e professor</i>	9
2.2 Lugares de fala, espaços de reconhecimento.....	9
2.3 A relação de A. Tito filho e a Academia Piauiense de Letras	9
2.4 A. Tito Filho: intelectualidade e distinção.....	9
3 A CIDADE DE TERESINA	9
3.1 Teresina (1971-1975)	9
3.2 A. Tito Filho: um crítico da cidade	9
3.3 Escritor-escrevente: escrita, cidade e política.....	9
4 TERESINA MEU AMOR	9
4.1 Tempos de memória	9
4.2 Vem teresinar! A. Tito Filho e a cidade literária	9
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	9
FONTES E REFERÊNCIAS.....	9

1 INTRODUÇÃO

Teresina, é um beijo quente de fraternidade. Manhãs e tardes coloridas. Corações alegres. Gente que gosta da humildade, rezando o poema da convivência irmã. Dá gosto vê-la nas suas virtudes e nas suas desvirtudes. Simples, cativante, vale uma festa para o espírito...¹

O texto acima consta no livro *Teresina meu amor*² escrito por José de Arimathéa Tito Filho. A cidade à qual o autor dedica tantos adjetivos será palco deste trabalho, onde procuramos desenvolver pontos de convergência entre história, cidade e literatura a partir da produção de um escritor piauiense. Este tema constitui-se enquanto objeto de pesquisa na tentativa de evidenciar a produção escrita de A. Tito Filho sobre a cidade, considerando que esta é permeada pela sua atuação do escritor na imprensa, pela sua presença na sociedade teresinense e por seu inegável envolvimento com a política.

Na tentativa de evidenciar a cidade de Teresina representada pela escrita de A. Tito Filho, estudaremos a cidade na primeira metade da década de 1970, tendo como fontes os textos produzidos pelo autor. Desenvolvemos, assim, as seguintes questões: quem foi José de Arimathéa Tito Filho? Qual a sua relação com a cidade de Teresina? Por que este recorte temporal? Ao colocar essas questões, outras questões se impuseram com o desenvolvimento da pesquisa e, com o intuito de tecer respostas a esses questionamentos, partimos do lugar de produção de A. Tito Filho procurando pensar a sua forma de atuação na sociedade.

Inicialmente, apenas a cidade parecia ser o objeto desta pesquisa. Por que Arimathéa Tito Filho ou A. Tito Filho escreveu tanto sobre a cidade de Teresina? Por que transformou em literatura as ruas, as praças, as avenidas, por que nomeou de “Teresina meu amor” ou afetiva, tranquila e pitoresca? O discurso era apenas esse? Compreendemos a necessidade de estudar o lugar de fala de A. Tito Filho a partir do desenvolvimento da pesquisa e do diálogo com as fontes e com o referencial teórico tendo em vista que durante o período estudado A. Tito Filho fez sua fala ecoar na imprensa nos cargos em que ocupou e no período em que foi presidente da Academia Piauiense de Letras.

Para Roger Chartier, toda obra escrita produzida possui características particulares a seus leitores: as propriedades específicas, técnicas ou culturais que a constroem permanecem

1

TITO FILHO, A. *Teresina meu amor*. Teresina: COMEPI, 1973.

2 CHARTIER, Roger. *Formas e sentido*: cultura escrita, entre distinção e apropriação. Campinas (SP): Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003. p. 20.

diferentes, pois “todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância”.³ Trabalhar com a produção escrita de A. Tito Filho é lidar com as singularidades desta escrita e, ainda, com as possibilidades que se apresentaram com a análise e o desenvolvimento da pesquisa. Os pesquisadores Ana Cristina de Sousa Meneses Brandim⁴ e Jordan Bruno Oliveira Ferreira⁵ também se debruçaram sobre as produções literárias de A. Tito Filho e produziram trabalhos que trazem suas leituras, pesquisas e questões, colaborando assim com referências e métodos de pesquisa para este trabalho. O pesquisador Jordan Bruno de Oliveira Ferreira produziu um trabalho de dissertação de mestrado, analisando as crônicas e livros produzidos por A. Tito Filho entre os anos de 1987 a 1992, dando ênfase à sua atuação enquanto cronista. A pesquisadora Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim produziu um trabalho de tese de doutorado, tendo como recorte temporal o período de 1971 a 1992 utilizando os textos e livros de A. Tito Filho como pontes para a construção de uma escrita de si e trajetória de intelectualidade e distinção. Estes trabalhos são referências importantes, aqui, construímos uma trajetória de pesquisa em que A. Tito Filho aparece enquanto escritor em um período em que produziu grande quantidade de textos e livros.

Para a pesquisadora Teresinha Queiroz, as causas sociais defendidas por aqueles que detêm o conhecimento – literatos, intelectuais – mudam de geração para geração, mas trazem em comum a inserção destes na vida social e política.⁶ No Piauí, desde o final do século XIX, a literatura aparece como engajada, militante, tendente a interferir sobre o social”,⁷ a escritura passa a ser considerada como um traço de distinção sociocultural, desta forma, as narrativas literárias e jornalísticas ganham destaque na sociedade piauiense. Neste trabalho, analisamos os textos e livros publicados por A. Tito Filho com a intenção de registrar as impressões de uma época, tendo a cidade como foco principal, considerando ainda inserção social e política do autor.

Ao tratar das relações das sociedades ocidentais com a cultura escrita, Roger Chartier

³ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP, 1999. p. 70.

⁴ BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. *Escrita dos movimentos interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992)*. Recife: UFPE, 2012. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste do Brasil). UFPE. 2012.

⁵ FERREIRA, Jordan Bruno Oliveira. *Literatura, história e memória nas crônicas de A. Tito Filho*. Teresina: UFPI, 2014 (Dissertação de Mestrado). UFPI. 2014

⁶ QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura e sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

⁷ QUEIROZ, 1998, p. 104.

afirma que para se trabalhar com textos literários é preciso utilizar métodos que possam reconhecer as épocas em que estes foram produzidos a partir das diferentes formas de escritura ou das formas de transmissão destes. Afirma ainda que é preciso: “dá-se atenção à significação intelectual, social ou política das rupturas que transformaram os modos de inscrição, registro e comunicação dos discursos”.⁸

Para Michel de Certeau, a prática historiográfica possui alguns fatores determinantes, dentre eles podemos citar: o período que se pretende ser estudar, um objeto e um lugar. Dessa forma, concluímos que ao adentrarmos no universo da narrativa histórica precisamos de um ponto de partida para nos aventurarmos na arte de narrar.

A história está, pois, em jogo nessas fronteiras que articulam uma sociedade com o seu passado e o ato de distinguir-se dele; nessas linhas que traçam a imagem de uma atualidade, demarcando-a de seu *outro*, mas que atenua ou modifica, continuamente, o retorno do ‘passado’. Como na pintura de Miró, o traço que desenha diferenças através de contornos e que torna possível uma escrita (um discurso e uma ‘historicização’) é atravessado por um movimento que lhe é contrário. Ele é vibração de limites. A relação que organiza a história é uma relação mutável, na qual nenhum dos (dois) termos é o referente ao estável.⁹

Seguindo as orientações de Certeau e seus fatores determinantes para se construir uma narrativa, neste trabalho temos como ponto de partida o ano de 1970, que para A. Tito Filho se inicia com sua nomeação para o cargo de Secretário da Educação e Cultura do Estado do Piauí, cargo que ocupará durante um ano e, neste mesmo período, assumirá a presidência da Academia Piauiense de Letras, órgão no qual presidirá durante vinte e um anos. Tendo ainda colaboração diária na imprensa escrevendo para o *Jornal do Piauí*,¹⁰ na coluna *Caderno de anotações*.¹¹ Esta pesquisa tem como fontes principais os textos publicados nos jornais,

⁸ CHARTIER, 2003, p. 17.

⁹ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 29.

¹⁰ A década de 1950 foi significativa para a implementação de reformas no jornalismo piauiense. Mudanças técnicas (redacionais, editoriais, gráficas) e profissionais, os jornais *O Dia* e *Jornal do Piauí*, criados em 1951, não escaparam das amarras que os prendiam financeiramente aos partidos políticos e historicamente à tradição jornalística de publicar matérias opinativas marcadas pelo partidarismo exaltado. Devido às diferenças político partidárias dos órgãos de imprensa de Teresina, o comportamento dos jornalistas foi o de enfatizar as diferenças entre as linhas editoriais dos jornais e demarcar as fronteiras existentes entre eles. A prática discursiva do *Jornal do Piauí* era marcada por um jornalismo opinativo e de interesse político partidário, tendo como partido o PSD (Partido Social Democrático). Ver: LIMA, Nilsângela Cardoso. Cultura jornalística e identidade profissional dos jornalistas teresinenses: 1951 a 1954. In: OLIVEIRA, Marylu Alves; SILVA, Mairton Celestino da (Orgs.). *Histórias: do social ao cultural, do cultural ao social*. Teresina: EDUFPI, 2015.

¹¹ A. Tito Filho atuou em diversos órgãos de imprensa do Piauí (chegou inclusive a criar alguns) a partir de 1948, quando retornou à Teresina vindo do Rio de Janeiro, local onde realizou sua formação em direito e jornalismo. Ainda no Rio de Janeiro, fundou o jornal *Libertação* em parceria com Luís Costa, Virmar Soares, Vinícius Soares e Tibério Nunes. Redigido e impresso no Rio de Janeiro, onde os fundadores eram estudantes, o jornal era transportado de avião para Teresina e teve apenas três números. A. Tito Filho também atuou (ou

escritos por A. Tito Filho e seus livros publicados.

“Caderno de Anotações”, coluna diária de Arimathéa Tito Filho, é um espaço de diálogos, rede de informações, debates literários, posicionamentos políticos, sendo importante para o desenvolvimento deste trabalho. A. Tito Filho escreve para o *Jornal do Piauí* de 1970 a 1982 com temáticas plurais e constrói um espaço tendo seu nome como marca registrada e suas críticas, análises e relatos como escritas de si. Para Michel de Certeau: “o relato não é apenas uma descrição, mais que uma fixação, é um ato culturalmente criador; ele realiza o que diz, o relato é fundador do espaço, pois desloca e supera limites”,¹² os relatos de A. Tito Filho publicados diariamente no seu *Caderno de Anotações*, constroem e solidificam o seu espaço. A cidade então aparece como lugar de prática e divulgação da sua escrita, seus textos irão relatar, descrever e fixar sentidos dentro do espaço urbano. Para Certeau:

[...] coloca-se como historiográfico o discurso que ‘compreende’ seu outro – a crônica, o arquivo, o documento –, ou seja, o que se organiza como texto *folheado* no qual uma metade, continua, se apoia sobre outra, disseminada, para poder dizer o que significa a outra sem sabê-lo. Pelas ‘citações’, pelas referências, pelas notas e por todo o aparato de remissões permanentes a uma primeira linguagem, o discurso se estabelece como *saber do outro*.¹³

Este trabalho está estruturado em três capítulos, cada um com valor relevante para a construção desta narrativa. O primeiro, intitulado *A. Tito Filho: trajetórias*, tem como principal objetivo adentrar no universo do A. Tito Filho intelectual, mostrando sua atuação na imprensa, seus questionamentos, críticas e posicionamentos expostos diariamente na sua coluna *Caderno de Anotações*; a sua relação com os governos e a política no Estado e a atuação na presidência da Academia Piauiense de Letras. Evidenciaremos, ainda, como a trajetória intelectual de A. Tito Filho estabelece um diálogo com as condições históricas do seu tempo, abrindo possibilidades de reflexões, levando em conta as particularidades da sua produção escrita, seus posicionamentos como crítico literário e como literato. Dialogaremos com Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz, Pedro Vilarinho Castelo Branco, Sergio Miceli, Elisabeth Badinter, Jean-Paul Sartre e muitos outros pesquisadores que contribuem para o

dirigiu) outras publicações (algumas eram revistas) como *O Pirralho* (1948), *Jornal do Piauí* (1951), *A Luta* (1952), *Crítica* (1952), *Panóplia* (1953), *Folha da Manhã* (1958), *Cidade de Teresina* (1959), *Folha do Nordeste* (1962), *Voz do Piauí* (1964) e *Jornal de Bolso* (1966). Seus espaços de atuação na imprensa que podemos considerar como os mais “fixos” foram: jornal *O Dia*, onde trabalhou em boa parte da década 1960, depois retornando no período abordado por esta pesquisa, de 1987 a 1992, ano de seu falecimento; no *Jornal do Piauí*, onde era publicada sua coluna “Caderno de Anotações”, de 1970 a 1982; passagens pelos jornais *O Estado* e *Jornal do Comércio* ao longo da década de 1980. Além disso, publicou dezenas de textos e discursos em revistas como *Presença*, *Almanaque da Parnaíba* e *Revista da Academia Piauiense de Letras*. Ver mais em: PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1972. p. 79-99.

¹² CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 5. ed. Campinas: Papirus, 1995.

¹³ CERTEAU, 2000, p. 111.

estudo de intelectuais e literatos.

O segundo capítulo, intitulado *A cidade de Teresina*, foi desenvolvido com a temática da cidade física, aquela que aspira mudanças, mas padece com suas permanências, apresentando assim as narrativas literárias da cidade em conexão com o seu tempo. A. Tito Filho aparece aqui como crítico da cidade, tendo como principal bandeira uma missão a cumprir, fosse em relação à cidade, enquanto sujeito urbano, fosse em relação com a intelectualidade ou como escritor tecendo comentários sobre a cidade de Teresina, que apesar de tantos discursos de modernidade e transformações físicas, formulando críticas severas sobre uma das principais obras construídas neste período o Estádio Albertão, símbolo da modernidade. Para A. Tito Filho, este serviu apenas para gastos desnecessários. Evidenciaremos ainda o fato de, no final do mandato do governador Alberto Silva, A. Tito Filho ter sido nomeado Secretário de Cultura do Estado. Neste capítulo, teremos como referências principais: Marshal Berman, Cláudia Cristina da Fontineles e Francisco Alcides do Nascimento.

No terceiro capítulo, intitulado *Teresina meu amor*, estudaremos a cidade a partir dos livros publicados por A. Tito Filho, investigaremos as redes de interlocução entre literatura, história e cidade, destacando a construção de uma cidade literária. Estabeleceremos ainda, diálogos com as fontes e pesquisadores que trabalham com a cidade sensível, para além da cidade física tendo A. Tito Filho como um escritor-habitante, que pratica e vivencia a cidade e traz, na sua escrita, a experiência literária, aqui compreendida como registros simbólicos. Falaremos ainda sobre memória, tendo como símbolo principal o Teatro 4 de Setembro. E para enriquecer e colaborar com os diálogos entre cidade, história, literatura e memória, temos Sandra Jatahy Pesavento, Maria Stella Bresciani, Francisco Alcides do Nascimento, Ítalo Calvino, Antonio Paulo Rezende, Ana Cristina Menezes de Sousa Brandim, Jordan Bruno Oliveira, Fernando Catroga, Alessandro Portelli e Jeane Marie Gagnebin.

Enfim, este trabalho busca demonstrar a produção escrita de um escritor e literato piauiense que construiu em torno de si uma rede de relações e sociabilidades e que imprimiu uma marca na sociedade piauiense, de homem plural e intelectual que se dedicou à imprensa, à educação e à cidade de Teresina, destacando suas “virtudes e desvirtudes”, buscando vivenciar o cotidiano e a cidade plural.

2 A. TITO FILHO: TRAJETÓRIAS

Falar de A. Tito Filho não é somente falar de suas brilhantes qualidades de exímio orador que era, nem, tampouco, de suas comendas, medalhas, títulos e inúmeros cargos que conquistou, por competência, no decorrer da vida, mas é, sobretudo, falar de uma autoridade, no conceito arendtiano, respeitada naturalmente, sem arrogância e sem violência, pelo respeito que os homens espontaneamente sentem por ela.¹⁴

“Exímio orador, inúmeros cargos que conquistou, uma autoridade”, em sua homenagem a Arimathéa Tito Filho, o jornalista piauiense Itamar Fernandes Júnior faz jus ao nome e à trajetória do homenageado. A. Tito Filho, durante sua vida, procurou imprimir, na sociedade piauiense a imagem de homem de bem, intelectual competente e “enamorado de Teresina. Neste capítulo, apresentaremos A. Tito Filho, quem foi, o que produziu e como construiu sua trajetória e estabeleceu uma marca na sociedade piauiense, considerando que esse foi um período decisivo para ele se constituir como relevante ensaísta e produtor no cenário das Letras no Piauí.

Consideramos fundamental para se estudar a produção escrita de A. Tito Filho analisarmos como foi reconhecido como escritor que trabalhou para imprensa; ocupou cargos públicos e privados; conseguiu circular entre os meios que detinham as condições e os recursos para a cultura escrita, tendo em vista que trabalharemos com a produção de A. Tito Filho, dando destaque para seus escritos relacionados à cidade de Teresina, tema o qual será tratado nos capítulos seguintes.

Visando analisar sua produção, utilizaremos seus textos publicados no *Jornal do Piauí*¹⁵ entre os anos de 1970 a 1975, bem como os livros publicados pelo autor durante a década de 1970, considerando este que foi seu período de maior produção.¹⁶ Discutiremos

14

Texto escrito por Raimundo Itamar Fernandes Júnior, publicado no jornal *O Dia* em junho de 1992, em homenagem a A. Tito Filho, em favor da data de seu falecimento. Os jornais fizeram homenagens e notas de pesar em nome de A. Tito Filho. Destaque para textos escritos por Zózimo Tavares, Manoel Paulo Nunes e Cineas Santos. Ver: FERNANDES JÚNIOR, Raimundo Itamar. Falar de A. Tito Filho. *O Dia*, Teresina, p. 2, 30 jun. 1992.

¹⁵ Fundado em 1951 por Antônio de Almendra Freitas, José Camilo da Silveira Filho, Bancada de Deputados Estaduais do Partido Social Democrático, A. Tito Filho e, a partir de 1957, José Vieira Chaves. Neles colaboraram A. Tito Filho, Macário Oliveira, Deoclécio Dantas e outros. É o mais antigo *Jornal do Piauí*, como circulação ininterrupta.

¹⁶ Durante os anos de 1972 a 1975, A. Tito Filho teve um total de quinze livros publicados: *Estudo do vocabulário da Lira Sertaneja* (1972 e reeditado em 1988), *Viagem ao dicionário* (1972), *Esmaragdo de Freitas, homens e episódios* (antologia comentada, 1971), *Deus e a natureza de José Coriolano* (antologia comentada, 1973), *Lima Rebelo, o homem e a substância* (antologia comentada, 1973; reeditado em 1985), *Notas e comentários à cronologia histórica do Piauí, de Pereira da Costa* (1974), *Teresina meu amor* (1973; reeditado em 1973, 1974 e 1991), *Governos do Piauí* (1974; reeditado em 1975 e 1978), *Notas e comentários à Guerra de*

como a sua escrita possibilitou a formação de uma rede de relações e sociabilidades que lhe permitiram transitar em diversos espaços.

Como forma de apreender a trajetória pessoal e profissional de A. Tito Filho, relacionaremos sua produção em jornais e livros, sua presença na imprensa piauiense e o modo como este se movimentava em relação aos cargos ocupados, inclusive sua atuação à frente da Academia Piauiense de Letras. Com este objetivo, utilizaremos fontes hemerográficas, revistas e jornais e os livros deste autor.

Nesta pesquisa, visualizaremos A. Tito Filho jornalista, professor, jurista, homem múltiplo que ocupou lugares sociais de destaque e reconhecimento, produziu e socializou suas ideias e seus escritos. Neste capítulo, utilizaremos como fonte principal sua coluna diária publicada no *Jornal do Piauí*, intitulada “Caderno de anotações”. Essa coluna constituía-se como um espaço para divulgação de notícias relacionadas ao Estado, troca de correspondências, comentários de obras literárias e assuntos plurais.

2.1 Bacharel, jornalista e professor

José de Arimathéa Tito Filho (1924-1992) nasceu em Barras, filho do Bacharel em Direito, José de Arimathéa Tito.¹⁷ Mudou-se para Teresina em 1932 para concluir seus estudos iniciais. Assumia-se como cidadão honorário de Teresina, tendo se constituído autoridade cultural a partir de sua escrita e feito desta cidade uma de suas temáticas preferidas. Altivo articulista da cultura e da educação no estado do Piauí, atuou na área da imprensa e presidiu a Academia Piauiense de Letras durante vinte e um anos (1971-1992).

Em 1940, A. Tito Filho é enviado por seu pai para estudar no Liceu do Ceará (Fortaleza), cursou dois anos de pré-jurídico, logo em 1942 mudou-se para o Rio de Janeiro, prestou vestibular em 1943, em que foi aprovado para a Faculdade Nacional de Direito, cursou quatro anos de direito e no último ano do curso retornou a Teresina, após ter sido aprovado no Concurso Público do IAPC¹⁸ para a vaga de fiscal previdenciário, tendo

Fidié, de Abdias Neves (1974), *Gente e humor* (1974; reeditados em 1981 e 1985), *Praça Aquidabã, sem número* (1975), *Sermões ao Peixes* (1975).

¹⁷ José de Arimathéa Tito (1887-1963). Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife (1908). Juiz distrital em Piri-piri, onde foi um dos fundadores de Educandário. Promotor Público em Barras onde fundou e manteve estabelecimento de ensino. Juiz de Teresina (1932-1938). Membro do Tribunal Regional Eleitoral. Juiz comissionado para o Estado de sítio no Piauí, nomeado pelo presidente Getúlio Vargas. Desembargador do tribunal de Justiça. Professor catedrático de Direito Civil da Faculdade de Direito do Piauí. Como Juiz, jamais teve uma sentença reformada por qualquer tribunal. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras.

¹⁸ Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes — IAPC 113 1934-1966. O IAPC, órgão de seguridade social dos trabalhadores do comércio, fundado em 1934, foi o segundo maior instituto, com quase seiscentos mil associados em 1950. Responsável pela construção de cerca de quinze mil unidades em 85

conseguido também sua transferência para terminar o curso na Faculdade de Direito do Piauí. Ainda no Rio de Janeiro, A. Tito Filho colaborou com a Imprensa Piauiense, criando o jornal *Língua de Sogra*¹⁹ em 1943.

A imprensa piauiense teve na figura de A. Tito Filho um colaborador assíduo, que desde jovem empregava seus conhecimentos de história, geografia, sociologia, política e economia, influenciando assim sua escrita. Participou da construção da imprensa no Piauí através da produção de crônicas, críticas e dissertações. Colaborou com quase todos os órgãos da imprensa local, dentre os quais citamos: *O Piauí*²⁰, 1945; *Libertação*²¹, 1946; *Resistência*²², 1948; *O Pirralho*²³, 1948; *Jornal do Piauí*²⁴, 1951; *O Dia*²⁵, 1951; *A Luta*,²⁶ 1952; *Crítica*²⁷, 1952; *Panóplia*²⁸, 1953; *Folha da manhã*²⁹, 1958; *Cidade de Teresina*³⁰, 1959; *Folha do Nordeste*³¹, 1962; *Voz do Piauí*³², 1964; *Jornal de bolso*³³, 1966.

conjuntos, o IAPC deu uma contribuição significativa para a produção habitacional dos IAPs através do Plano A, conjuntos residenciais para locação a associados.

¹⁹ É justo que se faça referência a esse originalíssimo jornal. Era feito no Rio de Janeiro, datilografado, para criticar estudantes piauienses residentes no bairro do Catete. Inicialmente feito por A. Tito Filho sozinho. Depois teve a colaboração de Petrarca Sá e Tibério Nunes. Com poucos números e pequena duração, o jornal circulou durante pouco tempo. Ver: PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco, 1997. p. 234.

²⁰ Propriedade do comandante Helvécio Coelho Rodrigues, órgão da União democrática nacional, tendo como orientação de Eurípedes de Aguiar, Esmaragdo de Freitas, Arimathéa Tito, Ofélio Leitão e Júlio Martins Vieira. Em 1947 teve como diretor A. Tito Filho.

²¹ Fundado por Luís Costa, Virmar Soares, Tibério Nunes e A. Tito Filho. Era redigido e impresso no Rio de Janeiro, onde os fundadores ainda estudantes conseguiram transportar de avião, três números do jornal.

²² Político, tendo como diretor Francisco Luís de Almeida, destinado a combater o governo do Dr. Rocha Furtado eleito pela UDN em 1947.

²³ Com direção e propriedade de Alberôni Lemos, era caracterizado por ser um jornal humorístico e crítico, teve em sua criação a participação e colaboração de A. Tito Filho.

²⁴ Fundado por Antônio Almendra Freitas, foi um dos jornais de maior circulação no Estado do Piauí. A. Tito Filho foi um dos diretores e colaboradores do mesmo.

²⁵ Um dos mais conhecidos jornais piauienses, sua primeira tentativa de criação foi em 1923 com a direção de Abdias Neves, mas durou apenas dois anos. Ressurgiu no dia 1 de fevereiro de 1951 sob a direção de Raimundo Leão Monteiro, o famoso Mundico Santídio, conhecido por sua reverência e combativo extremo, defensor de sua classe. A. Tito Filho matinha uma coluna de crônica diária neste jornal. O jornal *O Dia* é um dos periódicos que ainda circula na cidade de Teresina e no Estado do Piauí.

²⁶ Teve como diretor e fundador A. Tito Filho e como principais redatores: Fabrício Arêa Leão, Cunha e Silva e Valdemar Sandes, foram publicados apenas doze números.

²⁷ Jornal de pequeno formato tendo a direção de A. Tito Filho e colaboração de Raimundo Rodrigues dos Santos e Lino Correia Lima.

²⁸ Órgão da Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí. Direção de A. Tito Filho. Circularam cinco números.

²⁹ Fundado por Marcos Parente, que exercia o mandato de deputado Federal pelo Piauí, falecido em um trágico desastre de automóvel (04/09/1951). O jornal passou a ser dirigido por Araújo Mesquita e teve como principais redatores Álvaro Ferreira e A. Tito Filho.

³⁰ Propriedade e direção de Raimundo Ramos com colaboração de Petrarca Sá, Deoclécio Dantas, A. Tito Filho e Eulino Martins.

³¹ Diário criado e dirigido por João Clímaco de Almeida, tendo como redator principal A. Tito Filho, gerência de Vieira Chaves e colaboração de Eulino Martins

³² Fundado por Raimundo Leão Monteiro, com redação de Deoclécio Dantas. Logo depois passou a ser dirigido por Maranhão Silva, com Iracema Rocha e A. Tito Filho como redatores.

³³ Jornal de pequeno formato, um semanário independente, crítico e noticioso, tendo como direção

A. Tito Filho colaborou também com a fundação da Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí (AAPJ-PI) no ano de 1952, instituição na qual foi presidente durante três mandatos consecutivos de 1952 a 1958. Em 1959 a AAPJ-PI foi transformada em Sindicato dos jornalistas Profissionais do Piauí sob a presidência de Araújo Mesquita. Ao falar sobre a criação da AAPJ-PI, A. Tito Filho afirmou:

Conversando uma vez, despreziosamente, num velho estabelecimento de Teresina, que ficava ao lado do Theatro 4 de Setembro, chamado Bar Carnaúba, eu, José Vieira Chaves, Patrício Franco e outras pessoas que faziam jornalismo em Teresina, achamos que devia ser criada uma nova instituição, porque considerávamos a Associação Piauiense de Imprensa uma entidade apenas história. Ela havia desaparecido na sua atividade normal de congregação de jornalistas no Piauí. Então combinamos que haveria reunião, data marcada e seriam convidados todos aqueles que tivessem trabalho jornalístico em Teresina. A reunião se fez na Casa Anísio Brito. Lá, foram expostas as razões do chamamento dos colegas e ao mesmo tempo, se propunha a criação de uma Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí. É bem de ver que esse ‘profissional’ entrava assim sem nenhuma razão de ser, porquanto não havia profissionalismo. De forma que, criada essa entidade, no momento sob o aplauso de todos, escolheu-se em primeiro lugar, como presidente, Arthur Passos, que talvez fosse naquela época, o decano da imprensa do Piauí e o mais extraordinário jornalista do seu tempo, assim como foi David Caldas na sua época, isto, no tempo do império. Pois, bem, Arthur Passos não aceitou a presidência. Aclamou-se Pedro Conde, não aceitou a presidência. Meu nome foi aclamado: rejeitei. Mas, aclamado a segunda vez, resolvi aceitar a presidência da Associação, que seria logo depois transformada em Sindicato.³⁴

A Tito Filho destaca, em sua fala, os lugares frequentados por ele e por seus pares, evocando o Bar o Carnaúba, Theatro 4 de Setembro e cita nomes de figuras importantes do jornalismo piauiense, como David Caldas³⁵ e Arthur Passos.³⁶

É importante destacar que o sindicato teve relevante atuação em congressos nacionais de jornalistas, como em Belo Horizonte em 1967, com a participação de Araújo Mesquita, Deoclécio Dantas, Rodrigues Filho, Vieira Chaves e A. Tito Filho (eleito secretário do sindicato). Nessa conferência em Belo Horizonte, o Piauí obteve grande notoriedade: “quando o jornalista A. Tito Filho derrotou o projeto mineiro, com aplausos de todas as bancadas, exceto a de Minas, com a discussão do Código de Ética do Jornalismo”.³⁷

Já em 1968, no Congresso Nacional de Porto Alegre, coube ao Piauí a presidência da

Volmar Miranda e colaboração de A. Tito Filho, Valdemar Sandes, Carlos Said e Wagner Lemos.

³⁴ *Cadernos de Comunicação*, Teresina, Novembro de 1994, sindicato dos jornalistas do Piauí. p.13.

³⁵ David Moreira Caldas (1836-1879), promotor público em Campo Maior, grande atuação na imprensa piauiense, foi professor da Escola Normal de Teresina, fundador do Jornal *O amigo do povo*- Oitenta e Nove.

³⁶ Arthur de Araújo Passos (1882-1977), funcionário do comércio de Teresina. Esteve em Manaus como servidor da Polícia Civil e onde iniciou suas atividades jornalísticas. Regressou ao Piauí e dirigiu a Imprensa Oficial durante onze anos. Foi prefeito de Jerumenha e vereador de Teresina. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras.

³⁷ PINHEIRO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. 2. ed. Teresina, 1988.

comissão do código de ética e o encargo do relator do código e de orador da sessão de encerramento, encargos confiados a A. Tito Filho. Foi também membro do conselho de representação da Federação Nacional de Jornalistas e Presidente da Comissão de Ética dos Jornalistas, demonstrando sua forte atuação neste cenário profissional.

A. Tito Filho colaborou com a construção de um acervo documental para a história e para a imprensa piauiense. Trabalhou em grande parte dos órgãos da imprensa local. Em entrevista publicada em 1994,³⁸ ao ser questionado sobre sua experiência como jornalista, A. Tito Filho afirmou: “de mim no jornalismo até hoje encontrei razões para minha felicidade intelectual. Orgulho-me da imprensa piauiense. Os seus defeitos são os mesmos que existem noutras instituições sociais. Orgulho-me de ter como jornalista procurando servir o bom e querido Piauí”.³⁹

Para A. Tito Filho, a imprensa foi um lugar de constituição da sua figura como cronista, crítico, professor e literato. Os jornais foram espaços importantes para A. Tito Filho socializar suas ideias, construir a carreira, conquistar espaço entre os seus pares e projetar-se socialmente. Foi um dos precursores da crônica social na imprensa piauiense e é importante destacar o papel da mesma como fonte de informação e reflexão para escritores e leitores. Para o pesquisador Francisco Alcides do Nascimento, os cronistas são aqueles “que se aventuram pelas trilhas da escrita e decidiram compartilhar suas apreensões e desejos gestados em olhares distintos, com os leitores dos jornais”.⁴⁰

A. Tito Filho também atuou como professor, ensinando português, literatura, sociologia educacional e estudos sociais nos principais educandários de Teresina. Ocupou na área de educação cargos e funções, entre os quais podemos destacar: diretor e professor catedrático de português no Colégio Estadual Zacarias de Góes;⁴¹ de sociologia educacional na Escola Normal de Teresina;⁴² de português na Faculdade Católica de Filosofia do Piauí⁴³ e

³⁸ Em novembro de 1994 o Sindicato dos Jornalistas do Piauí fez uma homenagem a A. Tito Filho publicando um número da *Revista Caderno de Anotações* falando sobre imprensa no Piauí e divulgando entrevistas e textos do autor. *Cadernos de Comunicação*, Teresina, Novembro de 1994, sindicato dos jornalistas do Piauí.

³⁹ *Cadernos de Comunicação*, Teresina, Novembro de 1994, sindicato dos jornalistas do Piauí. p.9.

⁴⁰ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 195-214, 2007.

⁴¹ Em 1989 publicou o livro *Liceu Piauiense: memória histórica e sentimental*, onde traz a história do Liceu, desde a sua fundação. Atuou como professor e diretor de 1954 a 1959.

⁴² Criada em 1864, a Escola Normal de Teresina tinha como objetivo de formar profissionais. A princípio era frequentada apenas por homens. Só no início do século XX a escola normal passou a ser frequentada por mulheres que desejavam praticar a atividade de professora e aprofundar os conhecimentos adquiridos na escola primária. No ano de 1947 a Escola Normal recebeu a denominação de Escola Normal Antonino Freire em homenagem a um dos seus idealizadores. No ano de 1973 passou a ser Instituto de Educação implantando estudos adicionais, orientação educacional, atendendo ao projeto nacional de revitalização das escolas normais.

de língua vernácula jurídica na Escola Superior de Magistratura Piauiense.⁴⁴

A imagem a seguir foi divulgada pelo jornal *O Dia*, em homenagem a A. Tito Filho em nota de seu falecimento. Uma espécie de memorial, falando sobre os seus feitos e os cargos que ocupou. A imprensa se apresentando como um espaço de reconhecimento para os piauienses ilustres.

Fotografia 1 – Publicação do Jornal O Dia, memorial de A. Tito Filho.



Fonte: *O Dia*, Teresina, p. 7, 24 jun. 1992.

2.2 Lugares de fala, espaços de reconhecimento

Grande parte dos letrados piauienses do século XX, em Teresina, veio de outros municípios à procura de novas possibilidades, estudo, emprego, visibilidade. A. Tito Filho foi um desses nomes. Como já foi citado, A. Tito Filho nasceu em Barras, mas ainda na infância mudou-se para Teresina. Desde o século XIX, há uma redefinição dos modelos masculinos, a ocupação de espaços públicos como principal campo de atuação, as disputas políticas, a cultura escrita, enfim, a formação de uma classe de intelectuais, homens letrados,

O Instituto de Educação Antonino Freire continua funcionando e formando profissionais em Teresina.

⁴³ Criada em 1957, iniciou suas atividades em 1958. Instituição privada, a Faculdade Católica de Filosofia oferecia os cursos de bacharelado em Filosofia, Geografia, História e Letras Neolatinas.

⁴⁴ Criada em no ano de 1986, tendo como principal idealizador o Des. Paulo de Tarso Mello e Freitas, a Escola Superior da Magistratura do Estado do Piauí tinha como finalidade oportunizar meios à formação e treinamento de novos juizes, bem como a atualização e aperfeiçoamento intelectual e técnico de profissionais já integrantes da magistratura.

escolarizados, passam a se fazer presente na sociedade teresinense. De acordo com Pedro Vilarinho Castelo Branco, os literatos eram definidos pela sua polidez, boa formação intelectual e cultural, pois eram “homens marcados pela cultura acadêmica, pelo saber científico que rompia com os valores e saberes tradicionais. Sua formação lhes traria o discernimento necessário para atuar na sociedade moderna”.⁴⁵ A. Tito Filho trazia para a sua escrita esses valores e características. A prática da escrita lhe trouxe notoriedade, imagem pública e respeito social, é perceptível em seus textos.

No início da década de 1970, A. Tito Filho foi nomeado Secretário da Educação e Cultura, durante o governo de João Clímaco de Almeida.⁴⁶ Possuía uma coluna diária, a citada “Caderno de Anotações” do *Jornal do Piauí*. A referida coluna, publicada diariamente ao longo da década de 1970 no extinto *Jornal do Piauí*, tinha como principal finalidade divulgar anotações sobre questões literárias em nível local e nacional principalmente. Essa coluna divulgava diversas atividades como lançamento de livros, recomendações de leituras, novidades no campo literário, prefácios escritos pelo colunista e por outros. Publicava questões que versavam sobre política, cidade, sociedade, cultura e, até mesmo, religião. A. Tito Filho também publicou um vasto material relativo à correspondência que mantinha com literatos e intelectuais do Piauí e de outros estados.⁴⁷

Em 1971, com a morte de Simplício Mendes,⁴⁸ A. Tito Filho assume a presidência da Academia Piauiense de Letras, posto que ocupou durante os vinte e dois anos que seguiram. Com participação efetiva na imprensa, como Secretário de Educação e Cultura, A. Tito Filho utiliza sua coluna para divulgar os elogios dirigidos a sua pessoa e seus feitos. Cumprimentado por um amigo residente em Brasília, A. Tito Filho divulga em seu “Caderno de Anotações”: “Cumprimentos: da generosidade de Ieremias de Pereira da Silva: De Brasília, receba efusivos cumprimentos e minhas alegrias, pela escolha do talentoso e conterrâneo

⁴⁵ BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. Masculinidades plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias. *Revista de História Unisinos*, São Leopoldo, v. 9, n. 2, p. 85-95, maio-ago. 2005. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6413>>. Acesso em: 20/06/2014.

⁴⁶ Foi governador do Estado do Piauí de 15 de maio de 1970 a 15 de março de 1971. Assumiu o governo com a renúncia do Governador Helvídio Nunes de Barros.

⁴⁷ FERREIRA, 2014, p. 15.

⁴⁸ Simplício de Sousa Mendes nasceu em União (PI), em 1882, e faleceu em Teresina no ano de 1971. Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife em 1908, foi juiz, magistrado, professor da Faculdade de Direito do Piauí e jornalista. Presidiu o Tribunal de Justiça do Piauí, o Conselho Estadual de Cultura (1968-1971) e a Academia Piauiense de Letras (1959-1971). Foi diretor do Arquivo Público do Estado do Piauí e da Imprensa Oficial do Piauí. Assinou colunas em jornais da capital como: *Folha do Nordeste*, *Folha da Manhã* e *O Dia*, todas com o título de “Televisão”. Dentre as obras publicadas destaca-se: *O Homem, a sociedade, o direito e Propriedade territorial no Piauí*. Ver: PEREIRA, Jaira Nádia Carvalho. Em defesa da moralidade e do civismo: trajetória e escrita de Simplício de Sousa Mendes. Teresina, UFPI, 2011 (Monografia de Final de Curso). UFPI, 2011.

amigo para compor o secretariado governo de João Clímaco Almeida. Abraços”.⁴⁹

Divulga ainda seus feitos e fala sobre recursos destinados à Educação e sua atuação como Secretário. Para o pesquisador Jordan Bruno Oliveira Ferreira, A. Tito Filho trabalhava de maneira a utilizar os espaços que ocupava como lugares de produção e de reconhecimento, da sociedade e de seus pares,⁵⁰ construir uma imagem de homem múltiplo, professor renomado, jornalista respeitado: “ao manifestar-lhe o nosso profundo reconhecimento desejamo-lhes pleno sucesso como secretário da educação e da cultura”.⁵¹ E oficializava seus feitos como homem das letras e secretário do Estado:

A Secretaria de Educação contratou a recuperação total das oficinas do Colégio Álvaro Ferreira (Teresina) para funcionamento a partir de março. Por determinação do governador Clímaco, a Secretaria de Educação adquiriu mil exemplares da obra poética de H. Dobal, *O Dia sem presságios*.⁵²
Cem Mil cruzeiros doados pelo Ministério da Educação ao Piauí, relativamente à 1970.⁵³

Sobre seus feitos como secretário divulga:

1) Presidi a instalação do curso de monitores de aulas, pelo rádio, da madureza. Tudo muito bem orientado. Mães e rapazes de escolas normais e ginásios, a serviço da educação. Cooperação magnífica de Teresina, Parnaíba e Floriano. 2) Outra grande promoção da Secretaria de Educação e Cultura: mais de cem diretoras de grupos escolares se encontram no Centro de Treinamento de Campo Maior. Estudos durante trinta dias. Ambiente de convivência salutar e espiritual. Organização da professora Cecília Mendes e da supervisora Elza Paiva. Colaboração generalizada. Dei a aula inaugural, com muita satisfação. Dialoguei com mestres e educadoras durante mais de hora. Presença incentivadora do prefeito de Campo Maior. 3) Inteiramente recuperado o Colégio Estadual Zacarias de Góis. Mais de duzentos e vinte mil cruzeiros gastos, de acordo com verbas federais, autorizadas pelo Governador do Estado. Esforço dignificante do prof. Figueiredo, diretor do educandário. Presença de altas autoridades. Palavras do diretor do estabelecimento, do Secretário de Educação e do governador Clímaco de Almeida. Foi sincero e franco o Chefe do Executivo: o Colégio Estadual (padrão do Piauí) estava em postura lamentável. Sem higiene. Sem equipamento. Graças ao governador do Estado, existe um educandário novo na paisagem teresinense.⁵⁴

Sobre seu posicionamento e sua meta para a educação, defende o Ensino Integral como importante suporte para a melhoria educacional no Piauí:

BANDEIRA - Temos dito e repetido que a educação será forçosamente integral ou

⁴⁹ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 3 jun. 1970.

⁵⁰ FERREIRA, 2014, p. 48.

⁵¹ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 2 set. 1970.

⁵² TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 9 jan. 1971.

⁵³ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 13 jan. 1971.

⁵⁴ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 6 dez. 1970.

não será educação. Há necessidade de, através do processamento educacional, formar a personalidade do homem de modo que nela se integrem estruturas como a científica, a espiritual, a moral, a sexual, e outras, entre as quais a cívica. Preparar o homem para os deveres com a Pátria. Daí a razão pela qual sempre pregamos a necessidade, nos educandários, da vivência do processo educacional cívico, em todas as oportunidades, como se deu agora com o Dia da Bandeira, comemorado no patamar da igreja de São Benedito. Cerimônia tocante de patriotismo. Teve a Secretaria de Educação e Cultura solidariedade das Forças Armadas. Elogiável, em todos os aspectos, a participação dos estabelecimentos de ensino médio e de ensino primário. Presença dignificante de altas autoridades. Uma vitória de organização dos Departamentos de Educação Primária e de Educação Média da Secretaria de Educação e Cultura.⁵⁵

A. Tito Filho utiliza o jornal como instrumento para divulgar sua atuação como Secretário de Educação. Em grande parte dos textos publicados neste primeiro ano da década de 1970 observamos a presença de cartas elogiosas em relação as suas ações frente à secretaria. A. Tito Filho expõe também como se relacionava com seus pares. No texto a seguir são expostas algumas atividades relacionadas às suas atividades como homem-múltiplo:

2) Indicamos para o lugar de Secretário Executivo do Movimento Brasileiro de Alfabetização no Piauí o professor Pedro Vasconcelos Filho, educador de reconhecidos méritos. 3) Na Casa Anísio Brito, por iniciativa dos seus orientadores (Herculano Moraes, Ruth Ferrez e Odélia Gonçalves), foram postos os retratos do ex-governador Helvídio Nunes, governador Clímaco de Almeida e prof. Simplício Mendes. Presidi à sessão, na qualidade de presidente da Academia Piauiense de Letras e proferi palavras a respeito da significação da Homenagem. Agradecimentos de Clímaco e de Simplício Mendes. 4) Aplaudida a festa folclórica piauiense, organizada pela Secretaria de Educação e Cultura. Instalação solene no Clube dos Diários. Presença de altas autoridades. Proferi palestra. Tema: Folclore. Em seguida, exibição do Coral Nossa Senhora do Amparo, com declamação do notável Tarcísio Prado. Houve ainda exposição em grupos e colégios (trabalhos dos estudantes) e peça teatral de Gomes Campos no Teatro 4 de Setembro. Encerramento no Teatro de Arena. Agradecimentos a todos os que cooperaram, com esforço e inteligência, para o bom sucesso da promoção, que tem caráter nacional. A organização coube especialmente aos Departamentos de Educação Primária e Média do Estado. Dom Avelar dedicou crônica especial a esta festa de cultura. Ainda sobre o folclore: a Secretaria de Educação e Cultura vai premiar os melhores trabalhos escolares que se compuserem com o objetivo de estudar o folclore piauiense.⁵⁶

É importante destacar que A. Tito Filho também tecia comentários sobre literatos piauienses, seus feitos e suas obras. Para o pesquisador Jordan Bruno Oliveira Ferreira, esta era uma maneira de se autoafirmar, já que o reconhecimento dos pares era uma maneira de manter uma boa relação para se também ser reconhecido.⁵⁷ No texto a seguir, A. Tito Filho tece comentários a respeito de Joaquim Castro Aguiar, piauiense que residia no Rio de Janeiro e que tinha em comum a formação em Direito e enviou a A. Tito Filho um exemplar da obra

⁵⁵ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 24 nov. 1970.

⁵⁶ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 2 set. 1970.

⁵⁷ FERREIRA, 2014, p. 46.

O servidor municipal. Sobre este literato afirma:

Castro Aguiar (Joaquim), muito jovem ainda, é dos melhores lutadores intelectuais que conheço. Reside hoje no Rio, mas aqui deixou traços de inteligência bem cultivada. Deu a vida literária do Piauí dois romances, de boa linguagem literária, estilo vivo, colorido, conteúdo psicológico e social merecedor de análise e estudo. Comentei-os quando do aparecimento de ambos. Na terra carioca, Castro Aguiar dedicou-se ao Direito, alimentando-se de aprofundadas leituras para a seriedade da interpretação de leis reguladoras de direitos e deveres do servidor público, notadamente o servidor municipal. E escreveu ‘O Servidor Municipal’, apoiado sobre a melhor doutrina, na jurisprudência mais atualizada – livro sério que revela o jurista, o sociólogo, o hermenêuta. Mandou-me exemplar cuja leitura agora encerrei para aumentar conhecimentos com tantas lições de ordem, da disciplina, de orientação jurídica relativamente a tantas questões controvertidas, que Castro Aguiar debate, esclarece, jurídicas nacionais e o Piauí sente a projeção de resolve. Enriqueceram-se, com a obra, as letras mais um filho ilustre.⁵⁸

Ainda sobre o reconhecimento dos pares, A. Tito Filho insistia na divulgação de textos e cartas elogiosas que o tratavam como homem de bem, mestre, professor. A seguir uma carta do escritor João Miguel de Matos, que residia no Ceará, congratulando A. Tito Filho por sua presença como Secretário:

Agora, com a sua presença naquela Secretaria, o problema cultural de nossa terra, com o leme nas mãos do timoneiro certo, poderá receber nôvo e poderoso alento, valendo lembrar que sua nomeação para aquela Pasta, encontrando ‘*de súbito, o diamante do seu talento a cravação que Deus lhe destinara*’, tem muita similitude com a transformação de Paul Sousay, mestre da crítica francesa contemporânea, de comentarista político a censor de literatura. Paul Souday encontrou sua verdadeira vocação pela argúcia de Adrien Hébrard. E você, Mestre chega ao seu lugar certo, pela experiência de João Clímaco D’Almeida. O escritor piauiense – e isto não é novidade para você que é um pesquisador arguto e incansável da vida cultural do Piauí – permanece marginalizado, e, quando publica um livro, depois de vencer muitas dificuldades de afastar muitas pedras e de carpir muita desgraça moral, tem de fazer como o vendedor de banana: sair pelas ruas da cidade oferecendo, com uma espada de gêlo confiada na alma, sua mercadoria pouco aceitável, porque produzida numa região onde se valorize mais a barriga do que a cabeça. O governo do Estado ainda não deu ao escritor piauiense, não sei se por razões mesológicas, a atenção que está a merecer, deixando de ser visto, como aconteceu até agora, como mero vendedor de livro. Ao fazer esta carta, caro Mestre, ocorre-me que já levei ao seu conhecimento – na personalidade do combativo jornalista de ontem – a deplorável posição do escritor piauiense, que só faz literatura por duas fortes razões: vocação e amor a terra natal. O problema cultural do Piauí continua, a meu ver, na estaca-zero. E a sua presença na Secretaria de Educação e Cultura do Estado, por um tempo mínimo, não vai ser motivo de solução para tão grave problema da vida piauiense. Mas tenho certeza, mesmo que esta carta não lhe chegasse às mãos zelosas, que algo será feito por ele e por aquele que é seu oficiante. De mim, Mestre, já habituado com as urzes dos meus caminhos, nenhuma intenção de ser aquinhado, pois me preocupo mais com os colegas deste ofício, que ainda não pode ser exercido no Piauí. O ofício de facetar, com o burel do sentimento as arestas do espírito. De fora, metido na noite do meu insulamento e da minha solidão, me sinto muito feliz com o brilho distante das estrelas. As pedras, Mestre, não doem para quem caminha apenas sobre pedras.⁵⁹

58

TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 1 nov. 1970.

59

TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 10 jun. 1970.

Ainda sobre os elogios de A. Tito Filho e sua intenção de reafirmar-se para a sociedade, A. Tito Filho publica os elogios endereçados à sua figura, escritos pelo professor Turene Ribeiro. Para a pesquisadora Cláudia Cristina da Silva Fontineles, essa insistência em divulgar os feitos e reconhecimentos é uma maneira de se construir como figura importante e que poderá se tornar imortal, graças a repetições que ficarão documentadas tanto nos documentos, quanto na memória: “a luta contra a finitude, via lembrança, gerou interferências humanas no espaço em que cada grupo está circunscrito, conduzindo a um mundo em que a cultura e natureza fundem-se através das produções culturais”.⁶⁰ Segue o texto:

Do mestre Turene Ribeiro: ‘A sua nomeação não é só um ato de justiça do governador Clímaco de Almeida, que coloca como se diz vulgarmente o homem certo no lugar certo, porém representa uma homenagem do nosso Joqueira à cultura piauiense, de que você é sem dúvida o expoente máximo. Receba do seu humilde confrade as mais efusivas felicitações, que se dirigem mais à nossa mocidade estudiosa, que tem a felicidade de ter como guia na pasta da Educação um professor, jornalista e intelectual da sua estatura moral, cívica e intelectual’.

A. Tito Filho também procura legitimar o jornal e a sua coluna como espaço de credibilidade e de suma importância para a imprensa piauiense. Publica uma correspondência de Francelino Piauú, que fala sobre o Caderno de Anotações como espaço jornalístico de confiança.

DA CORRESPONDÊNCIA - De Campinas, São Paulo, com data de 21 de novembro, recebo estas distinções de Francelino Piauú: ‘Tito Filho, acabo de receber, pelo correio, três exemplares de *Jornal do Piauú*, nos quais, em Caderno de Anotações, leio generosas referências do ilustre confrade a respeito de meu livreto Tudo pela Grandeza do Piauú. Gostei sincera e imensamente tanto das transcrições como de suas apreciações. Residindo há vinte anos aqui no Sul, e embora, no decurso desse período, já tenha feito duas visitas ao Piauú, é sempre saudável e reconfortante para mim receber qualquer comunicação da Boa Terra, sobretudo quando esta lembrança ou comunicação vem filtrada pela mente fulgurante de um José Arimathéa Tito Filho. Tal fato faz crescer em mim, a cada instante, o sagrado e justificado orgulho de ser piauiense e aqui, longe do torrão amado, procuro venerá-lo o quanto posso, na razão direta da distância que nos separa. Fico-lhe, pois, caro Arimathéa, imensamente grato, não somente pela sua gentileza como ainda pelo seu cavalheirismo em me remeter os jornais. Ficar-lhe-ei imensamente grato se, de quando em quando, me remeter alguns números de *Jornal do Piauú*, cuja feição gráfica e cujo conteúdo informativo, bem como sua forma de diagramação, muito me sensibilizaram’.⁶¹

As publicações de A. Tito Filho para o *Jornal do Piauú* têm como característica suas temáticas variadas, mas percebe-se neste espaço uma insistência em assuntos relacionados às

⁶⁰ FONTINELES, 2009, p. 36.

⁶¹ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauú*, Teresina, p. 2, 3 dez. 1970.

ações do governo, à movimentação intelectual na cidade e às observações relacionadas à educação. Com o fim do mandato de João Clímaco em março de 1971, assume Alberto Tavares Silva,⁶² um novo governador para o Estado do Piauí. Novos secretários são convocados para assumir seus postos e A. Tito Filho entrega o posto de Secretário de Educação e Cultura para o Professor Itamar Brito,⁶³ passando a ocupar efetivamente o cargo de Presidente da Academia Piauiense de Letras. Disse A. Tito Filho sobre esse assunto:

Devia quase nada quando me tornei Secretário de Educação. De lá saí com dívidas nos bancos: quase dez mil contos. Entrei sem carro. Saí sem carro. Ando em carro que me foi emprestado por amigos. Dia 15 de março passei ao Prof. Itamar Brito o cargo de Secretário de Educação e Cultura do Piauí e dele recebi elogiosas referências. Chegou a dizer o ilustrado mestre que adotei ali o regime da responsabilidade, ou da corresponsabilidade!⁶⁴

Com um novo governo e novas condições políticas, sociais e culturais, A. Tito Filho irá criticar, defender, concordar e discordar. Podemos então conferir a importância desses acervos hemerográficos nesta pesquisa, em especial, os jornais, como “suportes extremamente ricos”,⁶⁵ o legado deixado por A. Tito Filho tem espaço suficiente para muitas pesquisas, novos olhares e apreensões.

Logo no início do mandato do governador Alberto Silva, A. Tito Filho publica em seu “Caderno de Anotações”, um posicionamento sobre a Academia Piauiense de Letras e seu parecer em relação às metas para a educação:

Helvídio Nunes de Barros (Governo do Piauí) e Simplício de Sousa Mendes (Academia Piauiense de Letras) assinaram acordo há três anos, mais ou menos. Pelos termos do acordo, a Casa Anísio Brito passava a ser administrada pela ilustre companhia, e o presidente desta era o diretor-geral daquela. Assim aconteceu. Como presidente da Academia, Simplício assumiu a direção da Casa Anísio Brito, e nela se conservou até morrer (princípio de janeiro de 1971). O convênio Governo-Academia vigoraria até 15-03-1971, data do término do quadriênio governamental iniciado por Helvídio. Na qualidade de secretário geral da academia, assumi sua presidência com o desaparecimento de Simplício e tornei-me diretor-geral da Casa Anísio Brito... O acordo do Helvídio-Simplício estabeleceu mais que a vigência poderia ser prorrogada por mais outros períodos governamentais, desde que as partes

⁶² Alberto Tavares Silva (1918-2009). Engenheiro civil e político piauiense filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro, governou o Piauí duas vezes: a primeira de 1971-1975 e a segunda de 1987-1991. Presidente do diretório regional do PMDB no estado, desempenhou uma atividade política de mais de seis décadas tendo falecido no exercício de seu segundo mandato de deputado federal.

⁶³ Itamar Brito concluiu seus estudos superiores na Faculdade de Direito do Piauí, atuou como técnico em Educação na Diretoria de Instrução Pública, foi secretário de Educação e Cultura do Estado, ingressou na Escola Normal como professor.

⁶⁴ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 28 mar. 1971.

⁶⁵ QUEIROZ, Teresinha. História e Literatura. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro (Orgs.). *Entre línguas: movimento e mistura de saberes*. Fortaleza: UFC, 2008. p. 210.

aquiescessem. Mas à academia não interessou preitar a prorrogação e pediu ao governador Alberto Silva que, a partir de 16-03-71, recebesse a instituição... As metas para a Educação piauiense proclamadas pelo governador Alberto Silva e elaboradas pelo Ministério da educação, constituem uma incongruência. Desacredito que a capacidade administrativa de Alberto aprove tais tolices, que haverei de discutir nesta coluna oportunamente.⁶⁶

A. Tito Filho trazia as produções piauienses em seus textos, até mesmo como uma maneira de valorizar e realçar os intelectuais do Piauí. E também como uma forma de relatar os seus feitos:

O Piauí é um Estado que faz bonito no Panorama da literatura nacional. Tanto no passado, quanto no presente, a terra de Da Costa e Silva contribuiu com valores incontestáveis para o prestígio cultural do país. Em nossos dias, quem folheia revista ou um suplemento de letras, é certo que encontrará O. G. Rego de Carvalho, de um ficcionista como Permínio Asfora, um romancista como Assis Brasil, um polígrafo e esteta como A. Tito Filho, um novelista como Fontes Ibiapina, um poeta como H. Dabal. E ainda exporta poetas para outras regiões.⁶⁷

De acordo com Teresinha Queiroz, a repercussão dos livros na imprensa local e regional é fator predominante para que a produção venha a ter algum respaldo. É por meio da divulgação que “se constrói e avalia o sucesso do livro e do autor”.⁶⁸ A. Tito Filho seria um mediador e também um autodivulgador, já que divulgava as produções de autores piauienses e também ao fazer o que a autora intitula como “intercâmbio cultural”, que seria a relação com autores de outros estados, criava um espaço para fazer repercutir seus livros.

2.3 A relação de A. Tito filho e a Academia Piauiense de Letras

No jantar modesto, simples, de confraternização espiritual dos membros da academia piauiense de letras, pela passagem dos cinquenta e quatro anos de fundação do sodalício, pronunciei palavras de muita sinceridade. Lembrei o idealismo dos fundadores, dentre os quais vivos um só. Edson Cunha, crítico, orador, advogado de têmpera. Recordei a mocidade de Lucídio Freitas, os dias de entusiasmo e palpitação da Academia e os seus tempos de marasmo, de estagnação. Não me esqueci de Simplício Mendes, estudante de entusiasmo, nos seus vários mandatos de presidência, e dos outros presidentes, como Clodoaldo, Higinio Cunha, Martins Napoleão, Clidenor Santos, Álvaro Ferreira. Pratiquei justiça com Leônidas Melo, Governador do Estado, que tanto a prestigiou, editorando obras dos acadêmicos, e com o ex-governador Helvídio Nunes, solidário intransigente com as comemorações do cinquentenário. E expus o quadro de penúria em que vive, faz tempo, a casa de Lucídio de Freitas, sem um abrigo seu, vivendo em salas que as administrações lhe emprestam, ou reunindo-se nas residências particulares dos seus presidentes. Constrangedora a circunstância de a Academia possuir apenas patrimônio material de setecentos e oitenta cruzeiros. Ao menos podia pagar a edição da Revista Acadêmica. Depois destas expressões, houve o discurso do Governador Alberto Silva, bem escrito tocado de humilde e rico de conceitos

⁶⁶ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 20 mar.1971.

⁶⁷ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 5 out. 1973.

⁶⁸ QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011. p. 20.

definidores das responsabilidades dos intelectuais. No final, a concessão de uma sede provisória à Academia Piauiense de Letras, sede que a academia aguarda com ansiedade.⁶⁹

A citação faz referência às condições nas quais A. Tito Filho afirma que a Academia Piauiense de Letras estava vivenciando no início da década de 1970, sem sede própria e com pouco recurso financeiro, observamos o caráter de denúncia em sua fala. Fundada em 30 de dezembro de 1917, a Academia Piauiense de Letras, também conhecida por Casa de Lucídio Freitas,⁷⁰ teve na figura de A. Tito Filho um presidente e defensor, que durante um longo período foi ocupante da cadeira de número 29.⁷¹ Ao assumir a presidência da Academia em 1971, A. Tito Filho passa a trabalhar em prol da movimentação cultural, chamando a atenção do Estado e da sociedade para este ambiente de produção e tradição da vida cultural piauiense. Presidir uma instituição com o valor social de uma Academia de Letras faz de seu gestor uma figura relevante, pois estamos falando de um personagem que há trinta anos participava deste ambiente, seja como bacharel, jornalista, cronista ou literato. Para Teresinha Queiroz, a valorização social é um dos principais critérios para definir a importância e o lugar de um intelectual-literato:

[...] o critério para definir grandes e pequenos literatos no cenário local é o da valorização social, em particular da valorização pelo próprio grupo. Essa hierarquização se define não só pela natureza da participação na imprensa, nos eventos socioculturais, nas instituições diversas, do tipo Academia Piauiense de Letras, como também pelas obras publicadas, enfim, há diversos parâmetros para essa classificação, sobretudo ligados à extensão da obra e ao peso da atuação sociocultural.⁷²

A. Tito Filho chama a atenção da sociedade e do Estado para o descaso com a Academia Piauiense de Letras, por viver migrando, sem possuir sede própria e com poucos recursos financeiros, outro fator que incomodava era o fato da falta de movimentação intelectual e cultural na sociedade. Ainda durante a presidência de Simplício Mendes, este reclamava da falta de interesse da mocidade piauiense tinha em relação às Letras.⁷³ Logo no início da década A. Tito Filho publica em sua coluna um texto sobre a estagnação na vida

⁶⁹ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 1 fev. 1972.

⁷⁰ Lucídio Freitas, filho de Clodoaldo Freitas e de Corina Couto de Freitas, nasceu em Teresina no dia 5 de abril de 1894. Aos 18 anos publicou seu primeiro livro de poemas, ao lado do irmão Alcides Freitas, denominado *Alexandrinos* (1912) e depois *Vida obscura* (1917) e *Minha terra* (1921). Faleceu em Teresina no dia 14 de maio de 1922.

⁷¹ A cadeira de número 29 teve como patrono Gregório Taumaturgo de Azevedo, primeiro ocupante José de Arimathéa Tito, segundo ocupante José de Arimathéa Tito Filho.

⁷² QUEIROZ, 2011, p.30.

⁷³ MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. *Historiografia piauiense: relações entre escrita histórica e instituições político-culturais*. Teresina, 2010. (Dissertação de Mestrado).

intelectual do Piauí. Afirma a seguir:

[...] a vida intelectual no Piauí encontra-se parada, estagnada, com algumas manifestações-oásis. Há vontadosos esforços para movimentá-la. Mas tal estagnação é consequência, é efeito. Bom que se pesquise as causas. Conhecidas estas, apliquem-se o remédio salvador. As solenidades literárias em Teresina contam com pequena assistência – assistência de amizades pessoais e não de interessados nas causas da inteligência e do espírito. Uma tristeza. O escritor piauiense necessita de passear nas ruas, bater às portas de repartições para esmolar a graça de auxílio. Nesta Terra raros se dedicam a leitura. Campeia a mediocridade, a futilidade, a superfluidade. Necessária a reação, que será de responsabilidade, em primeiro lugar, do jornalismo – do jornal e do rádio, como organismos de convocação para a vida intelectual. Mais se publica notícia de crime, de brigas, de meretrício, de futricarias políticas do que de festas do espírito. Mais se propagandeiam festinhas e festocas do que reuniões de cunho nitidamente literário. Nem tudo, porém, está perdido. Impõem-se novos caminhos e muita gente de responsabilidade existe para encontrá-los.⁷⁴

Este é o quadro inicial da gestão de A. Tito Filho como presidente da Academia Piauiense de Letras. Sigamos então com o tempo e ele nos mostra que com muita insistência e muitas reclamações, o Estado começa a fomentar ações de promoção cultural. De acordo com a pesquisadora Iara Conceição Guerra de Miranda, a administração de A. Tito Filho na Academia foi frutífera⁷⁵. Ao receber uma carta de Jota Miguel de Matos sobre as produções da Academia Piauiense de Letras, A. Tito Filho defende seu lugar de fala, a carta tem como teor uma crítica à Academia, acusando-a de marasmo e de pouca mobilização cultural, e é respondida da seguinte forma:

[...] a Vida da academia não se vinha caracterizando por marasmo. Em 1967, Presidência de Simplício Mendes, comigo na Secretaria Geral, foram empossados, em notáveis solenidades, quase todos os acadêmicos escolhidos: Fernando Lopes, Carlos Porto, Celso Barros Coelho, Bugyja Brito, Paulo Nunes, Lilizinha Carvalho, Isabel Vilhena, Odilon Nunes, Gayoso e Almendra, Darci Araújo, Raimundo Santana...No fim de 1967, com brilhantismo extraordinário, comemorou-se o cinquentenário da Academia, ano seguinte, circulou o primeiro volume da Revista, comemorativo dos cinquenta anos de fundação. Deveras bonitas as festas acadêmicas de 1969, com a posse de Odilo Costa Filho, a distribuição das medalhas comemorativas e a cintilante conferência de Cristino Castelo Branco, vindo especialmente da Guanabara. Em 1970, em Teresina, a Academia homenageou um dos seus mais admirados sócios, Martins Napoleão. Princípio de 1971, realizou-se sessão solene de saudade a Simplício Mendes, falecido em janeiro. Por consequência o falecimento desse preclaro intelectual, assumi a presidência do Sodalício, para completar-lhe o mandato. Não seria justo que eu adotasse programação num posto provisório. Ainda assim, a Academia realizou, com absoluta normalidade, a eleição de que saiu eleito o confrade Luis Lopes Sobrinho. Dia 31/12/71, fui eleito presidente. E no mês de janeiro de 1972, já a Academia promoveu reunião solene, muito concorrida, para a posse de Luis Lopes. Está em circulação o segundo volume da Revista- edição do cinquentenário. Realizou-se igualmente jantar de confraternização acadêmica com a presença honrosa do

⁷⁴ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 29 jan. 1971.

⁷⁵ MOURA, 2010, p. 111.

Governador Alberto Silva, cujo discurso de agradecimento sensibilizou sobretudo os sócios presentes. Embora paupérrima, com setecentos e oitenta cruzeiros de seu, a casa de Lucídio Freitas vem cumprindo os seus deveres, e mais não faz porque não pode.⁷⁶

É importante salientar que A. Tito Filho manteve contato com intelectuais em muitos estados brasileiros, em especial piauienses que residiam fora do Piauí. Dialogava também com as Academias de Letras de outros estados. E entre seus pares tinha respeito e admiração, disse Lili Castelo Branco:⁷⁷ “acredito que o nome Arimathéa seja conhecido de todos os piauienses e até lá por fora de muitos. Boa altura, roupa simples, cabelos lisos, simpático e aquele sorriso nos lábios. Lá vai Arimathéa!”⁷⁸

Nas publicações de A. Tito Filho, nos jornais encontramos temáticas relacionadas às atividades produzidas pela Academia Piauiense de Letras. Havia destaque para as solenidades de posse que eram eventos que contavam com a presença da Alta Sociedade, aqueles que entravam para a “imortalidade literária” eram recebidos com muito respeito e as cerimônias eram sempre encerradas com o discurso do presidente.

Ainda em 1972, A. Tito Filho recebe a notícia de que o Estado iria destinar uma verba para a reedição e publicação de obras históricas piauienses, mas, a escolha das obras não estava muito em consonância com as ideias do administrador da APL, que divulga como nota importante em sua coluna:

... leio informação da Secretaria de Educação: o governo vai reeditar cinquenta importantes obras de escritores piauienses, que obras? Outro dia topei com a notícia de duas delas: A GUERRA DO FIDIÉ E VÁRIA FORTUNA DE UM SOLDADO PORTUGUÊS. Ambas – dizia o jornal o globo – indicadas pelo governo do Piauí ao Instituto Nacional do Livro, para republicação, como autoria de Abdias Neves. Acontece que Abdias só escreveu a primeira. É a reunião de petições do brigadeiro Fidié a coroa portuguesa – petições que nenhum interesse despertam. O governador Alberto Silva deve ter muito cuidado na reedição dessas cinquenta obras. Quais são elas? Identificam UMA LITERATURA PIAUIENSE? Num ESPAÇO GEOGRAFICAMENTE PIAUIENSE? Num TEMPO HISTORICAMENTE PIAUIENSE? Antes do romantismo o Piauí quase nada oferece às letras. A própria escola romântica, aqui, se limitou a fixar costumes sertanejos, a desenhar quadros da natureza, a cantar queixumes e desesperanças. Ninguém registrou graves e notáveis episódios históricos na concepção artística.⁷⁹

Ao ser questionado sobre o Estado contribuir financeiramente com as atividades

⁷⁶ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações, *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 4 fev. 1972.

⁷⁷ Emília Leite Castelo Branco (Lili Castelo Branco) nasceu em Fafé (Portugal) no ano de 1896 e faleceu em Teresina em 1993. Foi romancista, contista e cronista. Fez parte da Academia Piauiense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura. Dentre seus livros publicados estão: *Ermelinda* (1961), *Fases do meu passado* (1983), *Vida romaneada de Simplício de Sousa Mendes* (1987), *A misteriosa passageira* (1989), *Feliz arrependimento* (1992).

⁷⁸ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações, *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 1 nov. 1972.

⁷⁹ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações, *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 4 fev. 1972.

culturais e as instituições, afirmou: “naturalmente, não há uma instituição no Brasil que não sofra [influência política]. Não é que eles mandem, apenas têm uma convivência. Eles são políticos e se interessam por tudo que é político”.⁸⁰ O Estado era responsável pelo pagamento do aluguel da Academia; para Sérgio Miceli essas relações passam a ser intensificadas a partir do período populista (1945-1964), os intelectuais ocupando cargos burocráticos e as práticas culturais tendo o Estado como principal patrocinador.⁸¹

Para Sérgio Miceli, no Brasil ainda no início do século XX, a relação entre os intelectuais e o Estado apontava uma ausência de distinção entre as esferas pública e privada. Em 1930, começavam a se materializar algumas condições preliminares para a constituição de um campo intelectual mais integrado como parte da emergência de uma classe média urbana e sua luta pela hegemonia política e de um certo processo de racionalização.

Sérgio Miceli traz discussões relacionadas à organização e ao funcionamento interno das estratégias de inserção social da elite cultural brasileira da primeira metade do século XX. Destacam-se as relações entre os intelectuais e a política no Brasil, homens de letras que justificaram suas obras e ações como missões civilizatórias e nacionais. Esses intelectuais se autodefiniam como porta-vozes dos interesses gerais da sociedade. O estudioso critica a “missão dos intelectuais brasileiros na sociedade”. Trabalhando com um recorte temporal da República Velha ao Estado Novo, Miceli evidencia questões como: missão, utopia, cooptação, compromisso...*Intelligentsia*, partido dos intelectuais, elite dirigente, grupo de interesse. A questão é que esses intelectuais mantiveram estreita relação com o Estado e otimizando interesses recíprocos; se foram usados, aliciados, colaboraram, comprometeram-se ou emprestaram prestígio.

Para Miceli: “o estudo da vida intelectual brasileira em seu período de formação constituiu uma ocasião privilegiada de compreender as modalidades com que a produção literária contribui para o trabalho de dominação, contribuição que assume formas mais complexas e dissimuladas num campo intelectual dotado de maior autonomia relativa”.⁸² Sobre as transformações sociais e políticas no período de 1920 a 1945, relacionando-as as mudanças no mercado de trabalho intelectual, sobre o assunto, afirma:

A despeito dos crescentes investimentos dessas instâncias no campo da produção cultural e do papel decisivo que as autoridades públicas passaram a desempenhar em relação às atividades culturais e artísticas, quer como ‘patrões’ quer como

⁸⁰ TITO FILHO, A. Entrevista: A. Tito Filho: um homem polêmico. *Revista Impacto*, Teresina, ano 3, n. 13, p. 6, jul. 1991.

⁸¹ MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁸² MICELI, 2001, p. 17.

promotoras de canais próprios de difusão e consagração da produção intelectual, nada disso impediu a expansão do mercado do livro que propiciou a formação de uma nova categoria de romancistas profissionais.⁸³

Os grupos de intelectuais da geração de fins do século XIX e início do século XX tiveram a chance de vivenciar uma conjuntura particular, na qual cultura e política interagiam fortemente, característica que proporcionou à dimensão da política formas distintas de atuação. Miceli destaca a extensa participação dos intelectuais na formulação de projetos políticos para áreas diversas que necessitavam da intervenção estatal. A cooperação na criação de um sistema doutrinário capaz de legitimar o “novo Estado”, o “novo homem” não deve ser considerada somente pelo princípio de “uma elite autoritária e comprometida com projetos pessoais”.

Em 17 de janeiro de 1972, pelo decreto nº 1.416 o Governador Alberto Silva convocou uma Comissão de Elaboração do Plano Editorial do Estado, cuja finalidade era conceber a publicação de monografias sobre aspectos variados da cultura, abrangendo a literatura, historiografia e folclore do Piauí, com o objetivo de “familiarizar a mocidade com a vida e a obra de nossos intelectuais vivos ou mortos”.⁸⁴ A Comissão tinha como principal função realizar o levantamento do acervo bibliográfico de autores piauienses, ou de obras relativas ao Piauí, selecionando, justificadamente, as que deveriam ser incluídas no Plano Editorial.⁸⁵

A. Tito Filho foi convidado a ser membro da Comissão de Elaboração do Plano Editorial do Estado e também teve como convite especial a publicação de uma obra sua que tivesse como temática a História da Literatura Piauiense. Divulga em sua coluna o seu parecer sobre o convite:

Pedi ao presidente [da comissão], em carta prazo de uma semana para dizer se aceito ou não a honrosa incumbência. A Comissão deseja certamente obra séria, em que se faça crítica segura, isenta de simpatias e antipatias, bem assim em que se estudem correntes literárias no Piauí e as obras que nelas estão filiadas. Ainda mais: há necessidades de fixação da personalidade dos autores, no plano social, humano e literário. E o que se torna mais importante: a história de uma literatura é a história de *estilos*. Afrânio Coutinho bem escreveu que o período literário é um sistema de normas literárias expressas num estilo. Não compreendo também historiografia literária sem bases científicas. Literatura é *história*, com a amplitude que lhe deu Silvio Romero baseado nos alemães: compreende política, economia, arte, folclore e outras manifestações da inteligência. Perguntei-me: conto, em Teresina, com recursos para obra de tamanha importância? Falo dos *recursos das fontes*. Em razão disto, necessitava de verificar com que fontes de *pesquisa* posso contar para realização da tarefa. Se as encontrar, certas, honestas, aceitarei o trabalho. Caso contrário, não me é possível aceitá-lo. Consigno aqui, como já testemunhei em carta ao prof. Wall Ferraz, sinceros agradecimentos à Comissão pela lembrança do meu

⁸³ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações, *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 9 fev. 1972.

⁸⁴ MOURA, 2010, p. 135.

⁸⁵ MOURA, 2010, p. 140.

nome humilde para obra de tal importância.⁸⁶

A. Tito Filho passa então a participar diretamente da seleção, revisão, organização, atualização ortográfica e de realização de comentários e notas das obras que seriam reeditadas pelo Plano Editorial. Ao discutir as publicações literárias piauienses e nacionais, A. Tito Filho construía sua imagem de literato e homem culto, pois trazia críticas literárias, indicações de livros e até mesmo intrigas e oposições. Ao receber efusivos elogios de Orisvaldo Bugyja Brito, que fala sobre a presença de A. Tito Filho como organizador responsável por ajustar a ortografia de grande parte das obras reeditadas pelo Plano Editorial, fazer os prefácios e as notas. Afirma Orisvaldo Bugyja Brito:

...José de Arimathéa Tito Filho que é, sem favor, a maior expressão literária, no momento, dentro desde 250 mil quilômetros quadrados do território do Piauí. Lá fora temo piauienses brilhantes, porém, servindo a SANTA TERRINHA, com abnegação, vivência e convivência por aqui ninguém supera Arimathéa Tito Filho. Outro trabalho digno de louvor nesta edição é esse escrito por Celso Pinheiro Filho, à guisa de prefácio. Veja-se a feliz coincidência: Arimathéa é barrense, filho de barrense; Celso Pinheiro é teresinense filho de barrense, ambos ilustrando a obra literária do barrense Hermínio Castelo Branco! Nos versos de Hermínio Castelo Branco a gente sente o motivo, a ingenuidade de quase pureza do sertanejo, o seu meio, o seu ambiente social e a filosofia prosaica naquele viver feliz e tranqüilo. Hermínio fez a mais bela prosa em poesia – o que é cousa difícil. Em 1950, quando eu era o principal redator de ESTADO DO PIAUÍ, em mais uma fase de circulação sob a responsabilidade do destacado barrense Josípio Lustosa, desde maio de 1957, fiz uma carta-aberta naquele jornal ao então Governador Chagas Rodrigues, por sinal também parnaíba, na qual sugeria ao Chefe de Estado reedição de obras notáveis de piauienses notáveis, principalmente.⁸⁷

Orisvaldo Bugyja Brito, destaca ainda as ações de Alberto Silva como essenciais para a cultura do Estado:

De autores não piauienses parece que lhe sugeri a CRONOLOGIA HISTÓRICA, de Francisco Augusto Pereira da Costa, editada uma única vez pelo Governo Anísio de Abreu, em 1908, e inteiramente esgotada. Falei, também da narração do Engenheiro Dodt, do Rio Parnaíba, com prefácio de seu neto Gustavo Barroso. Citava eu obras de Clodoaldo Freitas, do célebre Engenheiro Sampaio – filho da Vila do Livramento, hoje José de Freitas, de Abdias Neves e de muitos outros filhos deste Piauí. Como resposta às sugestões, obtive o silêncio. Certamente, creio, pelo desvalimento de quem sugeria. Veio-nos agora este outro parnaíba para – sem que ninguém lhe pedisse ou sugerisse tamanha iniciativa – desbravar o assunto e exumar aquilo que se soterrava há longo tempo. Alberto Silva é um governante de escola, que conquista o espírito de primeira grandeza que não o meu, que sou pequeno e não uso muito aproximar-se dos mais poderosos. Mas não deixo de ser um dos seus admiradores incondicionais neste setor da vida pública e em alguns outros empreendimentos que Sua Excelência toma aos ombros num rasgo de liberdade e patriotismo. A equipe que

⁸⁶ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações, *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 5, 26-27 mar. 1972. Grifos do autor.

⁸⁷ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações, *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 2 dez. 1972.

o ajuda é boa, magnífica e despretensiosa, como é o caso da Academia Piauiense de Letras, sob a égide de José de Arimathéa Tito Filho.⁸⁸

A. Tito Filho dava seu parecer sobre os livros os quais lia, fazia suas críticas e detalhava as informações sobre o autor, o ano em que foi produzido, a relevância do trabalho. Piauienses como Odilon Nunes, O. G Rego de Carvalho, Hermínio Castelo Branco, Miridan Knox são exemplos de nomes nos quais tiveram suas obras comentadas por A. Tito Filho. Ao tratar do trabalho de Odilon Nunes, A. Tito ressalta a importância da documentação para a produção de um trabalho de história:

Acabo de ler o paciente e exaustivo esforço de Odilon Nunes em ‘Devassamento e conquista do Piauí’. O ilustrado historiador, com segura documentação, aceita Jorge Velho como precursor de nossa colonização. Para a guerra dos palmares, diz Odilon, que o paulista partiu da Bacia do Parnaíba e transcreve carta dirigida por Jorge Velho a sua majestade e lá está: ‘eu desci do Piauí aonde eu estava aposentado’.⁸⁹

A. Tito Filho divulga a reedição da obra de Hermínio Castelo Branco e reitera a sua participação como revisor e editor do trabalho:

Por todo o mês de julho estará com o público cuidada edição de A. Lira Sertaneja de Hermínio Castelo Branco. Um presente do governador Alberto Silva, do secretário Wall Ferraz, da comissão editoria do estado ao Brasil. Entusiasta do trabalho Armando Madeira Bastos, vitória da COMEPI, de Deoclécio Dantas, da sua excelente equipe. Prefação excelente de Celso Pinheiro filho. Fiz revisão paciente de todos os poemas da obra de Hermínio. E durante trinta dias estudei o vocabulário das poesias do magnífico poeta sertanejo. Estudei a luz da etimologia da semântica de textos arcaicos o vocabulário matuto de Hermínio *Palavras e expressões*, mais de quatrocentas.⁹⁰

Em 1973, A. Tito Filho se candidata novamente ao cargo de presidente da Academia e permanece no cargo. Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves,⁹¹ intelectual piauiense que neste período está morando no Rio de Janeiro, envia uma correspondência a A. Tito Filho, apoiando-o e parabenizando-o como um bom gestor:

Rio, 10 de dezembro de 1973. Meu caro Arimathéa: acaba de chegar-me a notícia da próxima eleição de presidente da Academia Piauiense de Letras. Fico-lhe muito agradecido à comunicação, pois, sem ela, por ignorância, haveria de incorrer em falta. O meu voto é seu, não há que discutir. É um imperativo de razão e de afeto.

⁸⁸ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações, *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 2 dez. 1972.

⁸⁹ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 3 ago. 1973.

⁹⁰ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 2 jul. 1972.

⁹¹ Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves (Amarante 1895- Rio de Janeiro 1984). Engenheiro Civil. Escritor. Diretor de obras públicas. Construtor dos principais prédios do Piauí (oficiais) entre os anos 20 e 40. Senador (dois mandatos). Fixou-se no Rio de Janeiro, onde foi presidente do Clube de Engenharia. Conferencista e crítico literário. Sua principal obra: *Impressões e Perspectivas*.

Resulta de expresse mandamento de justiça. Acredito com firmeza, que irá juntar-se aos outros, em manifestação unânime. O candidato, pela valia proclamada e inelutável, antecipa a vitória. A eleição no caso, não será em verdade, uma escolha, mas o simples reconhecimento e mérito evidente. O posto não lhe caberá pelo desempenho que será capaz de dar-lhe, mas pelo que V. evidentemente é, como expressão de inteligência, de cultura, de trabalho e, ainda, pelo muito que tem feito, exercendo-o com dedicação e brilho...⁹²

A pesquisadora Iara Conceição Moura trata sobre a importância do poder simbólico daqueles que presidem a Academia e participam desse espaço, tornando-se “imortais” das letras, afirmando que:

Diante do poder simbólico da Academia Piauiense de Letras, os intelectuais Simplício Mendes e Arimathéa Tito Filho monopolizaram seus cargos de direção nesta instituição, cujo tempo exercido foram, respectivamente, 12 anos e 21 anos, sendo que ambos faleceram durante o exercício da presidência. Isto pode ser explicado, de acordo com Arimathéa Tito Filho, porque as Academias de Letras representam ‘uma espécie de poltrona cômoda’, que oferece proteção àqueles intelectuais que se sentem desamparados, sem apoio, estímulo, financiamento, ou seja, sem oportunidade de verem suas obras editadas, seus livros comentados pelos membros da APL, seus estudos e opiniões divulgados na revista da Academia, e principalmente, de ser reconhecido pelos seus pares.⁹³

Em 1973, A. Tito Filho publica uma grande quantidade de obras de caráter histórico e biográfico, tendo apoio financeiro do Estado. A. Tito Filho foi um dos autores com o maior número de obras publicadas entre 1972 a 1975 pelo Plano Editorial do Estado. Não apenas obras escritas por ele, bem como aquelas que o tiveram com editor, como este salientava, estas eram fruto de um trabalho árduo e dignificante.

Tito Filho seria o que Sérgio Miceli caracteriza como “escritores-funcionários”, aqueles que:

Situados entre os objetos de devoção da crítica militante nos aparelhos de celebração que circulam entre as panelas de letrados, buscam minimizar o quanto suas obras devem aos laços clientelísticos de que são beneficiários. Afinal eles são os grandes interessados em corroborar a imagem de que suas obras pouco devem as servidões do mundo temporal.⁹⁴

Para a pesquisadora Iara Conceição Guerra de Miranda Moura, o incentivo dado à Academia, transformava-a em um espaço político e cultural: “... a Academia Piauiense de Letras representou, portanto, o espaço social, político e cultural que legitimava as ações e pesquisas histórico-sociais desses homens de letras, principalmente, por ser um local de

⁹² GONÇALVES, Luiz Mendes Ribeiro. Cartas a A. Tito Filho. Organização de Kenard Krueel. Teresina: Zodíaco, 2010. p. 127.

⁹³ MOURA, 2010, p. 182

⁹⁴ MICELI, 2001, p.70.

tradição e invenção da memória histórica piauiense.⁹⁵

A. Tito Filho organizou, fez as notas e prefácios de livros que traziam textos escritos por personagens ilustres na literatura piauiense. *Esmaragdo de Freitas, homens e episódios*,⁹⁶ traz a biografia de Esmaragdo de Freitas e Sousa (1887-1946), homem de destaque no Piauí que formado em direito pela Faculdade de Direito de Recife ocupou importantes cargos políticos e colaborou na imprensa piauiense. Um dos fundadores do jornal *Folha da Manhã*, Esmaragdo de Freitas ocupou uma cadeira na Academia Piauiense de Letras. Conhecido por escrever poesias e crônicas.

O livro *Deus e a natureza em José Coriolano*⁹⁷ traz os textos escritos por José Coriolano de Sousa Lima (1829-1869), bacharel pela Faculdade de Direito de Recife, político piauiense que ocupou cargos os de presidente da Assembleia Legislativa, promotor público e deputado provincial. Patrono de uma das cadeiras da Academia Piauiense de Letras produziu obras poéticas e de cunho popular destacando cenas e costumes do Piauí.

*Zito Batista, o poeta e o prosador*⁹⁸ traz textos de Raimundo Zito Batista (1887-1926), jornalista que ficou conhecido como um dos produtores da poesia piauiense. Foi jornalista em Teresina, como parceiros Celso Pinheiro e Antônio Chaves. Ocupou uma cadeira na Academia Piauiense de Letras.

O livro *Lima Rebelo, o homem e a substância*⁹⁹ traz textos de José Pires de Lima Rebelo (1885-1940), bacharel em direito, formado no Rio de Janeiro, morou grande parte de sua vida em Parnaíba. Lima Rebelo ficou conhecido por ter trabalhado em prol da economia e da sociedade piauiense, escreveu sobre a importância da cera da carnaúba para a economia piauiense.

Só em 1986, a APL adquiriu sua sede definitiva, sua revista foi publicada com regularidade, ocorreu a criação do *Jornal Notícias Acadêmicas*¹⁰⁰ bem como grande quantidade de publicações de obras de autores piauienses. A APL tinha como seus membros intelectuais de várias áreas do saber: historiadores, literatos, jornalistas, sobre esses membros A. Tito Filho declarou:

[...] podem ser membros aqueles que se projetam com obras em qualquer setor da atividade humana. Você pode ser um oleiro, pintor, essas coisas lhe credenciam. Um exemplo brasileiro, Santos Dumont, membro da Academia Brasileira de Letras, que

⁹⁵ MOURA, 2010, p. 103.

⁹⁶ TITO FILHO, A. *Esmaragdo de Freitas, homens e episódios*. Teresina: COMEPI, 1973.

⁹⁷ TITO FILHO, A. *Deus e a natureza de José Coriolano*. Teresina: COMEPI, 1973.

⁹⁸ TITO FILHO, A. *Zito Batista, o poeta e prosador*. Teresina: COMEPI, 1973.

⁹⁹ TITO FILHO, A. *Lima Rebelo, o homem e a substância*. Teresina: COMEPI, 1973.

¹⁰⁰ Jornal criado em 1986 para divulgação das atividades mensais da APL.

criou a aviação. A Academia não pertence só aos poetas, romancistas, o necessário é que a pessoa tenha valor na atividade que exerce.¹⁰¹

O Plano Editorial tinha como principal ação construir um acervo bibliográfico de autores piauienses e de obras relativas ao Piauí, com o objetivo de valorizar a história e a memória do estado, publicou grande parte das obras de A. Tito Filho, ou por ele organizadas. Nesse período houve um grande investimento público na política editorial. De acordo com Iara Moura:

Tornava-se necessário editar obras sobre o Estado do Piauí, de caráter literário e histórico, que estavam esgotadas e esquecidas pela população piauiense, além de proporcionar a publicação de obras inéditas. Assim, o Plano Editorial atuou contra aquilo que o governador Alberto Silva caracterizou de pessimismo crônico, pois pretendia favorecer que homens e mulheres, ricos de imaginação e inteligência, mas pobres de recursos financeiros, vissem publicados suas produções culturais.¹⁰²

Para que as obras produzidas pelos autores piauienses fossem publicadas, o Estado contratou os serviços de duas editoras: COMEPI¹⁰³ e Artenova.¹⁰⁴ Os livros de A. Tito Filho, em sua grande maioria, foram produzidos por estas editoras. Das obras relacionadas à política e à sociedade: *Governos do Piauí (1975)*, *Sermões aos peixes (1975)* e *Gente e humor (1981)*.

O livro *Governos do Piauí* traz em ordem cronológica os nomes daqueles que governaram o Piauí, desde o período provincial ao republicano até o primeiro Governo de Alberto Silva. Este livro foi produzido com o intuito de enriquecer a historiografia piauiense, valorizar a história do Piauí e contribuir para a construção da memória do estado. O prefácio escrito por Alberto Silva diz: “o governo do Piauí cumpriu, com a publicação deste livro, o compromisso de contribuir para o conhecimento da história do Piauí”.¹⁰⁵ Com as próprias palavras de A. Tito Filho é possível definir a obra:

[...] neste trabalho não me ocupei nem me preocupei com o elogio dos homens que governaram o Piauí, mas apenas com a verdade. Não fiz retratos psicológicos. Não estudei organismos sociais. Não investiguei costumes. Registrei governos e principais fatos que se verificaram nas administrações dos agentes humanos do poder no Piauí.¹⁰⁶

¹⁰¹ TITO FILHO, A. Entrevista: A. Tito Filho: um homem polêmico. *Revista Impacto*, Teresina, ano 3, n. 13, p. 6, julho de 1991.

¹⁰² MOURA, 2010, p. 108.

¹⁰³ Companhia Editora do Piauí, criada no período da interventoria de Leônidas de Castro Melo, possuía equipamentos defasados.

¹⁰⁴ Editora de propriedade do piauiense Álvaro Pacheco (1933 – Advogado, poeta, jornalista, contista, cronista, senador, editor e empresário piauiense, pertence a Academia Piauiense de Letras) localizada no Rio de Janeiro, publicou grande parte das obras piauienses.

¹⁰⁵ TITO FILHO, A. *Governos do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1975.

¹⁰⁶ TITO FILHO, 1975, p. 3.

O livro *Sermões aos peixes*¹⁰⁷ traz crônicas de assuntos diversos elaboradas pelo autor. A. Tito Filho fala sobre política, sociedade, cultura e religião. Na crônica intitulada “Corta o cabelo dele”, A. Tito Filho traz a discussão sobre o “fenômeno dos cabeludos”¹⁰⁸ deixando bem claro o seu desagrado em relação à moda que se fazia presente no período:

A juventude está usando cabelo crescido, cabelo grande. Não são poucos os rapazes cabeludos que desfilam nas ruas e nos clubes. Com eles vêm se preocupando intelectuais, psicólogos, psiquiatras, bem assim todas as camadas da sociedade. É justa a moda dos cabeludos? Devem os cabeludos gozar da aprovação geral, ou é condenável o processo dos cabelos que usam, cobrindo as orelhas, cobrindo o cangote? [...] Os cabelos estão na história e a lenda dos humanos. Constituem material folclórico de subido valor [...] A mocidade pode ter razão de deixar crescer a cabeloça para atrair atenções. Mas a moda é feia e antipática. E já contagiou maduros e velhos, na ânsia da imitação. Maduros e velhos querem ser moços, pelo menos nos cabelos compridos.¹⁰⁹

Sobre a linguagem dos jovens, A. Tito Filho declara a sua insatisfação na crônica intitulada “Linguagem iê-iê-iê”:

A linguagem dos moços de hoje engravidou-se de expressões plebéias, aviltantes do idioma: morou (entendeu), embalo (festa), cheirinho de loló (cocaína), barra limpa (ambiente bom) e coisas assim sem anseio... A linguagem iê-iê-iê revela deseducação para a vida, deseducação dos jovens, de cuja responsabilidade se penitenciam as instituições sociais e com muita razão a família e a escola.¹¹⁰

O livro *Gente e humor*¹¹¹ traz textos sobre episódios onde políticos, escritores, jornalistas passam por situações que revelam humor, descontração e constrangimentos. A. Tito Filho no prefácio do livro diz: “empregamos humor neste livrinho, em que reunimos políticos, literatos, jornalistas, administradores, professores-vivos ou mortos- nos seus instantes de espírito e de inteligência. Gente do Piauí. Humor, na afirmação de Dale Carnegie, é personalidade”.¹¹² Nomes como Manuel Paulo Nunes,¹¹³ Arimathéa Tito, Alberto Silva e tantos outros são citados no livro. Os livros que trazem a temática de cidade serão

¹⁰⁷ TITO FILHO, A. *Sermões aos peixes*. Teresina: ARTENOVA, 1975.

¹⁰⁸ TITO FILHO, 1975. p. 111.

¹⁰⁹ TITO FILHO, 1975. p. 114.

¹¹⁰ TITO FILHO, 1975. p. 81.

¹¹¹ TITO FILHO, A. *Gente e humor*. Teresina: COMEPI, 1975.

¹¹² TITO FILHO, 1975, p. 12.

¹¹³ Manoel Paulo Nunes nasceu em Teresina (1925). Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Piauí, foi professor de português dos colégios Demóstenes Avelino, São Francisco de Sales, Estadual Zacarias de Góis, de Literatura Portuguesa da Faculdade Católica de Filosofia e da Universidade Federal do Piauí. Foi secretário da Cultura, presidente da Fundação Cultural do Piauí, e presidente do Conselho Estadual de Cultura desde 1992. Livros publicados: *A geração perdida*: ensaios e notas críticas, *Modernismo e Romance de 30 no Nordeste*, *A província restituída*: ensaios e estudos, dentre outros.

desenvolvidos no capítulo seguinte, onde estudaremos as obras de A. Tito Filho produzidas em favor da cidade de Teresina.

2.4 A. Tito Filho: intelectualidade e distinção

Para o pesquisador Pedro Vilarinho Castelo Branco, desde o final do século XIX, com o desenvolvimento da vida urbana no Piauí criou-se essa nova categoria de intelectuais-letrados “tornava-se cada vez mais admirado o articulista que sabia manobrar as ideias em forma de palavras escritas, usar tom mordaz ou conciliador, dependendo do calor da discussão do momento”.¹¹⁴ Podemos associar a figura de A. Tito Filho a do articulista que se posicionava e defendia suas ideias. Ao trazer para sua coluna a discussão do texto de Miridan Knox, *A questão servil na fala dos presidentes da província do Piauí*, A. Tito Filho relata a importância de se produzir trabalhos historiográficos.

Trabalho de valor, de paciente pesquisa, para revelação de aspectos históricos e econômicos de nosso Estado, realizou a cultura aprimorada de Miridan Britto Knox- ‘a questão servil na fala dos presidentes da província do Piauí’. Conclusões sérias, acertadas. Estudo que explica a pouca quantidade de escravos nesta unidade revela aspectos interessantes a respeito de nossa escassa mão-de-obra. Trabalho de quem se identificou e muito com os problemas do passado piauiense- problemas que ainda se projetam nos dias atuais.¹¹⁵

A. Tito Filho trazia as produções piauienses em seus textos até mesmo como uma maneira de valorizar e realçar os intelectuais do Piauí. E também como uma forma de relatar os seus feitos:

O Piauí é um Estado que faz bonito no panorama da literatura nacional. Tanto no passado, quanto no presente, a terra de Da Costa e Silva contribuiu com valores incontestáveis para o prestígio cultural do país. Em nossos dias, quem folheia revista ou um suplemento de letras, é certo que encontrará O. G. Rego de Carvalho, de um ficcionista como Permínio Asfora, um romancista como Assis Brasil, um polígrafo e esteta como A. Tito Filho, um novelista como Fontes Ibiapina, um poeta como H. Doba. E ainda exporta poetas para outras regiões.¹¹⁶

Ao classificarmos A. Tito Filho como intelectual, consideramos toda a sua trajetória na prática da escrita e a construção de um ideal pessoal e público, daquele que impôs respeito entre seus pares e na sociedade como um todo. Por ter uma produção vasta, e esta ser caracterizada pela pluralidade de temas, sua escrita tornou-se a sua marca na construção de

¹¹⁴ BRANCO, 2005, p. 88.

¹¹⁵ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 13 jan.1974.

¹¹⁶ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 5 out.1973.

uma trajetória de intelectualidade.

Para a pesquisadora Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim, A. Tito Filho deixou um legado marcado por uma escrita de si¹¹⁷ e de Teresina, de acordo com ela, a construção de uma escrita autorreferencial, uma escrita que possibilitou a construção de uma rede de relações e sociabilidades para transitar em vários espaços. O conceito de intelectual pode ser compreendido e associado aos sujeitos que detêm as condições de escrita.

No século XVIII, quando o homem de letras e o homem de ciências foram separados, surge a possibilidade da expressão intelectual. Apesar de sempre terem existido, no século XVIII os detentores do conhecimento passaram a disputar de forma mais efetiva os seus espaços, prestígios e vaidades, construindo assim um legado que cada sociedade tomou como termo para si com suas devidas adequações e transformações “ao fazerem de sua causa a de toda a sociedade, e vice-versa, os intelectuais do século XVIII erigem, a si mesmos, um monumento e conquistam um poder que subsistiram até nossos dias”.¹¹⁸ Sabemos que o termo intelectual possui um vasto campo de estudos e discussão, mas para convencionarmos um sentido para esta figura conclui-se que: é aquele que detém, domínio sobre alguma área de conhecimento e condições para reconhecimento e distinção na sociedade.

O filósofo existencialista Jean-Paul Sartre foi um dos pioneiros sobre o debate do fazer/ser intelectual, tendo como pilar principal a noção de engajamento e responsabilidade intelectual. Para Sartre, o intelectual engajado é aquele que opina e intervém em todos os acontecimentos relevantes de uma sociedade, à medida em que vão se sucedendo uns aos outros. Ser intelectual para Sartre é um estado de vigília permanente.

Para Sartre, a palavra “intelectual” só ganhou *status* de substantivo¹¹⁹ para além do de adjetivo (intelectual como aquilo que é relativo ao intelecto), no final do século XIX e na França, a noção surge a partir do caso Dreyfus.¹²⁰ A noção da figura do intelectual diz respeito a uma situação histórica específica em que homens dedicados a atividades intelectuais desempenham determinadas funções que têm repercussões ou consequências específicas e

¹¹⁷ BRANDIM, 2012, p. 70.

¹¹⁸ BADINTER, 2007, p.11.

¹¹⁹ SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Apresentação de Francisco C. Weffort. São Paulo: Ática, 1994.

¹²⁰ Conhecido como a reação pública de alguns escritores e humanistas de renome – sendo o mais destacado dentre eles o escritor Émile Zola – à condenação considerada injusta do capitão da marinha, o judeu Alfred Dreyfus, à degradação na Ilha do Diabo, sob a acusação de traição em um caso de “vazamento” de informações confidenciais do Departamento de Defesa francês. O embate entre esses “intelectuais” e o Estado-Maior se manifestou publicamente como uma oposição entre patriotas e traidores da pátria. Tais intelectuais estariam condenando o Estado-Maior a partir de abstrações como a justiça e de acusações de racismo, esquecendo o que concretamente era mais importante para os franceses, a Pátria, o povo francês, seus interesses.

novas dentro da estrutura social da época.

Desta forma, a primeira concepção de intelectual vem ao mundo como uma acepção negativa, o intelectual sendo aquele que, por tentar se valer do *status* do seu intelecto para tratar de qualquer questão, é incompleto, parcial, abstrato, moralista e não entende das questões concretas e práticas. Além disso, por se valer do espaço público do debate, ao se expressar publicamente em jornais, pretende influenciar a opinião pública negativamente, convencê-la contra seus próprios interesses. Mas, a imagem mais próxima que temos dos intelectuais se aproxima do homem de letras ou *philosophes* do século XVIII, em especial os franceses. Afirma Sartre:

Em suma, o que os filósofos fazem é aquilo que hoje em dia se censura aos intelectuais: utilizam seus métodos para outro fim que não o que deveriam alcançar, ou seja, para constituir uma ideologia burguesa, fundada sobre o cientificismo mecanicista e analítico. Eles devem ser vistos como os primeiros intelectuais? Sim e não. Na verdade, são os aristocratas que os censuram, à época, por se meterem onde não eram chamados. E os prelados. Mas não a burguesia. É que sua ideologia não é tirada do nada: a classe burguesa a produzia em estado bruto e difuso em e por sua prática comercial; ela se dava conta de que precisava deles para tomar consciência de si mesma através dos sinais e símbolos; para dissolver e romper as ideologias das outras classes sociais. Os ‘filósofos’ aparecem assim como intelectuais orgânicos, no sentido que Gramsci dá à palavra: nascidos da classe burguesa, encarregam-se de exprimir o espírito objetivo dessa classe. De onde vem esse acordo orgânico? De início, do fato de que são engendrados por ela, levados por seus sucessos, penetrados por seus costumes e seu pensamento. Em seguida, e sobretudo, do fato de que o movimento da pesquisa científica, prática, e o da classe ascendente se correspondem; espírito de contestação, rejeição do princípio de autoridade e dos entraves do livre comércio, universalidade das leis científicas, universalidade do homem oposta ao particularismo feudal, esse conjunto de valores e de idéias – que culmina finalmente nestas duas fórmulas: todo homem é burguês e todo burguês é homem – tem um nome: é o humanismo burguês.¹²¹

Assim, a noção de intelectual, que talvez pudesse ser atribuída aos *philosophes*, seria a de um personagem eminentemente crítico, aquele que organiza o debate público sobre aquilo que diz respeito a todos e esclarece o público a respeito dos saberes que têm; aquele que age a de suas produções espirituais para o “progresso” da humanidade; aquele que se desvencilha de suas ocupações mundanas para se encarregar de uma tarefa em prol da humanidade.

Essa situação se define pela relação específica historicamente nova com o público ao qual, tais escritores, homens de letras ou filósofos podem se voltar. Eles estão entre duas classes, os nobres que sempre os leram e que os sustentam e a sua classe de origem, a burguesia, que passa a ser leitora e constitui, nessa época, uma classe oprimida, ainda que só politicamente. Portanto, essa situação lhe permite pela primeira vez na história a ampliação do público ao qual se dirige e a formação de um público heterogêneo, não especialista e em

¹²¹

SARTRE, 1991, p. 21.

potencial expansão. Daí o sentido da tarefa de esclarecimento, daí também a possibilidade de se pensar como estando no ponto de vista da universalidade, poder falar do “bem” e do “progresso” da humanidade. Os clérigos medievais e os filósofos e escritores do século XVII francês escrevem para um público muito restrito para se pensarem como portadores de uma mensagem universal e transformadora.

Sartre inicia sua caminhada e relação à construção dos intelectuais a partir da Idade Média, quando a única classe de especialistas que era responsável pelas atividades do “espírito”, eram os clérigos, que escreviam para serem lidos por seus iguais. A nobreza era iletrada, os clérigos não tinham a função essencial de escritores e intelectuais, eram responsáveis por difundir os ideais da igreja cristã. Para Sartre, o cristianismo é: “uma imagem mítica do mundo, um mito totalitário que, ao mesmo tempo que exprime a consciência de classe da Igreja, define o lugar e o destino do homem num universo sagrado por inteiro, dá precisão à hierarquia social”.¹²²

No século XVII, a escrita passa a ser caracterizada como uma linguagem para uma comunicação mais geral, um público ainda reduzido, porém não especializado “em saberes”, um público mais amplo que os clérigos, mas que permanece homogêneo. Um público que ainda não possuía uma identidade de classe, saber escrever já era o suficiente, a leitura e a escrita faziam parte de uma classe dominante. A escrita se torna um meio de distração e, para Sartre, sem nenhuma função na produção material da sociedade.

Para o pesquisador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em seu texto *De amadores a desapaixoados*, a substituição da figura do homem erudito pela figura do homem intelectual se decorre entre o final do século XIX e início do século XX. Neste período, o homem erudito tem seu *locus* de produção e legitimação tomado por um novo produtor de conhecimento e de cultura, tendo as universidades como principais centros de produção de conhecimento o intelectual surge com uma função social clara:

Entre os fins do século XIX e meados do século XX um outro lugar de sujeito, um outro modelo de identidade surgiu no Ocidente para nomear aquele que se dedica ao trabalho de produção de sentidos, de produção de símbolos, às atividades do pensamento e das artes. Esta figura é a do intelectual, identidade que só está em circulação a partir das últimas décadas do século XIX.¹²³

A palavra intelectual já existia em algumas línguas, anterior a este período, mas a

¹²² SARTRE, 1991, p. 18.

¹²³ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. De amadores a desapaixoados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. *Trajetos*, Revista de História da UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005.

exemplo do inglês era utilizada no sentido pejorativo, o intelectual seria alguém que estaria “encerrado numa torre de marfim”. Em 1968, na França o substantivo intelectual é utilizado para caracterizar uma nova classe de pensadores e escritores “quase sempre em oposição à ordem sócio-política estabelecida – ou ao menos à margem dela – tendo, pois, o sentido de alguém descontente, que mantém uma atitude crítica e independente frente ao governo e à sociedade de seu país”.¹²⁴

A transição da figura do erudito para a figura do intelectual se deu de forma lenta e diferenciada no Ocidente. Dependendo da área do conhecimento e da sociedade em que este fenômeno ocorreu, com o desenvolvimento da sociedade capitalista e o contexto social, a emergência do intelectual tem situações particulares em cada país e região. A primeira Grande Guerra é considerada como um marco desta transição, pois a sociedade precisava de uma figura que empregasse novos métodos, teorias e procedimentos, pensar por puro prazer ou deleite pessoal não fazia parte das necessidades da sociedade capitalista. “O novo estágio do capitalismo e da sociedade burguesa exigia um produtor do conhecimento engajado no seu tempo, preocupado com a sua inserção social e com a utilidade daquilo que fazia”.¹²⁵

Com a expansão da economia capitalista e a complexificação da sociedade, a emergência de diferentes classes, esses grupos passam a lutar pelo domínio político e social. A ampliação da divisão do trabalho que levou à emergência de um campo autônomo de ideias e especulações. Há a separação entre os produtores profissionais de discurso e os ativistas do mundo da política.

A sociedade urbano-industrial trouxe a valorização do conhecimento técnico e da ciência aplicada, em detrimento dos conhecimentos em humanidades ou belas letras. Esses campos que até então não eram delimitados, passam a se distanciar. A figura do erudito que se caracterizava por dominar diferentes áreas do conhecimento passa a ser substituída pela figura do intelectual, especializado em uma disciplina e voltado para métodos científicos, tendo as disciplinas das exatas e ciências naturais como modelos.

O intelectual emerge na sociedade burguesa marcado por uma ambiguidade, como alguém que produz conhecimento especializado, individual, procurando delimitar sua identidade, seu lugar de sujeito. “Diante do acirramento dos conflitos sociais e da emergência de movimentos sociais cada vez mais organizados, os intelectuais serão chamados a exercerem funções e a tomarem atitudes que são marcadas pela ambiguidade, pela errância,

¹²⁴ MUNIZ, 2003, p. 4.

¹²⁵ MUNIZ, 2003, p. 5.

pelas constantes mudanças de rotas e de posições”.¹²⁶

Os contínuos conflitos de interesses e a tensão entre massas e elites que a caracterizam a sociedade moderna leva a que os intelectuais; que tem como características a busca pela intervenção social e a procura pela mudança política, social e cultural; possam em muitas circunstâncias, elaborar e defender propostas radicais de transformação social, seja de direita, seja de esquerda. A principal marca desta emergência da identidade intelectual seria a descrença dos produtores de conhecimento e cultura nos sistemas sociais e políticos vigentes.

No campo político, era crescente o desprestígio e o descontentamento com o sistema parlamentar de cunho liberal, expresso no formato de Monarquia parlamentar (Espanha, Portugal ou Inglaterra), ou expresso no formato de uma República (França ou Brasil). O que levou a um distanciamento crescente entre os profissionais da cultura e as elites tradicionais, burguesas ou aristocráticas, que controlavam o aparelho de Estado. Em relação à Igreja, esse distanciamento era ainda maior. Os intelectuais mesmo tendo que viver ocupando cargos públicos ou mesmo com suas convicções religiosas precisavam, pensar suas identidades diferidas destas situações.

Os intelectuais vão se tornar um novo grupo de pressão social, por isso buscam criar novos espaços institucionais, novas formas de agrupamento e organização profissional e política. A luta pela autonomia da Universidade é um passo importante para a legitimação dessa identidade. A criação do *Ateneos* e dos *Liceos* faz parte dessa tentativa de legitimação dos intelectuais, estas instituições buscavam a criação e difusão de uma cultura das letras a serviço da civilização humana. O intelectual fala em nome do homem, da humanidade ou da ciência. É um sujeito produtor de conhecimento que é capaz de se colocar à margem da ordem estabelecida.

A construção de espaços, instituições e rituais próprios de legitimação de seu discurso e de suas atividades, é uma etapa decisiva para a consolidação do poder dos intelectuais na sociedade capitalista. Os concursos para ingresso na carreira, a extensão do ensino público, o crescimento da população estudantil, os primeiros grandes protestos estudantis (final do século XIX e início do século XX), foram decisivos para a consolidação da identidade do intelectual.

Ao se tratar do A. Tito Filho intelectual, escritor, aquele que toma partido dos dilemas do seu tempo, aquele que não é neutro diante da realidade social, podemos alcançar alguns questionamentos e paradoxos. Para o pesquisador Antônio Ozaí da Silva, os intelectuais são

¹²⁶

MUNIZ, 2003, p. 7.

responsáveis não apenas por “refletir sobre o mundo, de desvendá-lo aos olhos dos incrédulos, mas de arrancar homens e mulheres da sua consciência feliz, isto é, da sua ignorância perante o mundo”.¹²⁷ Ao passo que A. Tito Filho faz críticas as ações do governo, ele também pertence e ocupa cargos que são ligados ao poder político.

Pierre Bourdieu, ao investigar sobre a aquisição do capital simbólico e a crítica social do julgamento do gosto, traz uma discussão sobre como o mundo social funciona a partir de um sistema de relações de poder, onde os sujeitos sociais se diferenciam pelos gostos e hábitos que praticam. As preferências estéticas de cada indivíduo são, na verdade, distinções, o gosto seria o fator principal para diferenciar pessoas e desenvolver mecanismos de distinção entre os grupos sociais.

Segundo o sociólogo francês, o gosto e as práticas de cultura de cada um dos indivíduos são resultados de um feixe de condições específicas de socialização, caracterizada como *habitus* – as práticas vivenciadas no passado que se refletem no presente, que abrangem estratégias e práticas sociais, pelas quais a ordem social se materializa. O gosto por um cardápio, uma receita, pela arte e pela música, são *habitus*, práticas socialmente percebidas, classificáveis e reproduzidas. Esses *habitus* são reflexos do capital social herdado, dos pais, da família associados ao capital escolar.

Ainda nesse sentido, o gosto cultural de cada indivíduo é produto e fruto de um processo educativo, ambientado na família e na escola, o gosto é resultado de imbricadas relações de força poderosamente alicerçadas nessas duas instituições: Família e Escola. Os gostos funcionariam como marcadores privilegiados de classe, a exemplo de uma obra de arte, só adquire algum sentido para quem é dotado de um código, conhecimento, capital simbólico, para reconhecê-la. Para Bourdieu: “o olho é um produto da história reproduzido pela educação”.¹²⁸

A distinção evidencia os gostos e as preferências culturais de cada indivíduo, desta forma, consideramos a escrita como lugar de distinção, compreendendo que esta é permeada pela experiência de escolhas, gostos e vontades que fazem parte da prática escriturística. A escrita é revestida de apropriações do mundo, pela recepção das ideias e leituras e pelo modo de se fazer com que isso circule. A escrita fez de A. Tito Filho intelectual, jornalista, escritor, literato, foi a partir desta que ele construiu sua figura como homem de letras.

Neste capítulo procuramos perpassar pelos lugares de fala de A. Tito Filho, seus

¹²⁷ SILVA, Antônio Ozá da Silva. Os intelectuais diante do mundo: engajamento e responsabilidade. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 29, out. 2003.

¹²⁸ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: ZOUK, 2008. p. 10.

posicionamentos enquanto construção de uma trajetória de intelectualidade, sua relação direta com os principais lugares de interlocução com seus pares letrados, a exemplo da Academia Piauiense de Letras e a sua relação com a política local, a exemplo da sua participação no Plano Editorial do Estado.

A. Tito Filho fez da cidade de Teresina o cenário para a sua produção escrita, procuramos organizar este trabalho de maneira que a cidade se apresente como espaço de apropriação, distinção e produção. Neste capítulo, evidenciamos o lugar de fala, suas produções enquanto letrado e a sua construção do intelectual, nos capítulos seguintes utilizaremos a cidade enquanto elemento fundamental para a sua escrita e como palco para seus discursos e espaço praticado e vivenciado.

3 A CIDADE DE TERESINA

Todas as cidades teriam, como Tebas, sete portas de entrada. Da mesma forma que as portas das cidades 'reais', todas eram construções; umas de pedra, outras as das pesquisas, construções intelectuais que buscam dar conta de várias facetas da vida urbana no momento em que elas se problematizaram num bloco denominado pelos contemporâneos de questão urbana.¹²⁹

Para Maria Stella Bresciani, o estudo do urbano possibilita olhares e análises, a cidade se apresenta como observatório privilegiado da diversidade. Neste trabalho, temos Teresina como espaço de disputas, de discursos vários e de vivências diversificadas. Estudaremos primeiramente a cidade física, suas construções, intervenções físicas, problematizada pela questão da técnica e pela questão social.

A ampliação do campo historiográfico possibilitou a produção de novas histórias, dentre elas, podemos destacar o estudo do urbano, a cidade como lugar da história. A partir de então, surgiu a necessidade de repensar as noções do urbano e estar atento às novas possibilidades. Abrem-se então as portas¹³⁰ para as sensibilidades, o habitante da cidade como sujeito da história, a técnica, a questão social, as identidades e a memória.

Neste capítulo, estudaremos a cidade de Teresina na primeira metade da década de 1970, cidade que tem como principais características: crescimento populacional, obras consideradas suntuosas e gestores desenvolvimentistas. Na mesma cidade existia miséria, pobreza, falta de saneamento e discursos, que se dividiam entre elogios e críticas.

Trataremos dos embates entre A. Tito Filho e os gestores da cidade por meio da sua escrita. Estudaremos as vivências e discursos do gestor e do intelectual no cotidiano. Este capítulo será dedicado a Teresina em suas várias faces: transformações estruturais, a tentativa de uma cidade moderna, os projetos políticos e a atuação dos seus produtores e consumidores.

As observações e indagações de A. Tito Filho serão aqui informações para a construção dessa cidade. Serão analisadas publicações em jornais, tendo a cidade como argumento central. Iniciaremos com a tentativa de um panorama sobre as condições do Estado do Piauí e a capital durante o período.

Para se estudar a cidade de Teresina na década de 1970, a partir da escrita de A. Tito Filho, recorreremos à perspectiva de história e cidade, entendendo a relação entre cidade e literatura, que traz o desafio de enxergar a cidade como objeto de múltiplos discursos e

129

BRESCIANI, Maria Stella. As sete portas da cidade. *Espaço e Debate*, São Paulo, n. 34, p. 10-15,

1991.

¹³⁰

BRESCIANI, 1991, p. 13.

olhares ou como afirma Sandra Jatahy Pesavento, “cidade-problema, cidade-representação, cidade-plural, cidade-metáfora. O urbano se impõe para o historiador da cultura nos dias de hoje como um domínio estimulante”.¹³¹ Segundo ela, a diversidade de estudos que envolvem o contexto urbano, trazendo a ideia de que uma cidade é capaz de guardar por trás dos seus muros e em suas ruas e praças várias outras cidades. Uma cidade é capaz de produzir discursos e, a partir de então, despertar o interesse de escritores e estudiosos para transformá-la em literatura.

3.1 Teresina (1971-1975)

Ainda durante a década de 1950, com a tentativa de se aplicar uma política desenvolvimentista no Brasil, grande parte do país não foi beneficiada. Boa parcela dos recursos federais foi destinada à região sudeste¹³², enquanto a região nordeste padecia sofrendo com a falta de recursos, apenas 3,1 % dos recursos federais foram destinados ao nordeste, podemos então concluir que o Piauí, assim como toda a região nordeste tinha um quadro de extrema pobreza e miséria. No final dos anos 50, ainda na presidência de Juscelino Kubitschek é criado um projeto de lei para a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), este órgão teria como objetivo principal construir projetos a serem realizados pelo governo federal para o desenvolvimento do nordeste. Ainda assim, tratando das ações do governo federal para o nordeste, o Piauí continua deixado de lado, tendo como prioridade os estados de Pernambuco, Ceará e Bahia. O Piauí conseguiu ser beneficiado pela SUDENE, com a implantação da Barragem de Boa Esperança, que apesar de funcionar ainda em condições precárias, fornecia energia elétrica para os principais centros urbanos do estado. Para Francisco Alcides Nascimento¹³³, a escassez de recursos era fator predominante no estado e a capital Teresina era o espelho da pobreza e do atraso.

No ano de 1956, criou-se a Comissão de Desenvolvimento do Estado (CODESE), que tinha como objetivo criar planos para que o Estado pudesse investir no desenvolvimento e crescimento do Piauí. Entre o final da década de 1950 e o início da década de 1960, foram instaladas no Piauí as empresas de economia mista como: Banco do estado do Piauí (BEP), Centrais Elétricas do Piauí S/A (CEPISA), Agroindústria do Piauí S/A (AGRINPISA),

¹³¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. A pedra e o sonho: os caminhos do Imaginário Urbano. In: *O imaginário da Cidade: visões literárias do urbano*. 2. ed. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2002.

¹³² Em especial aos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

¹³³ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e Cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 195-214, 2007.

Telefones do Piauí S/A (TELEPISA) e Águas e Esgotos do Piauí S/A (AGESPISA). De acordo com a pesquisadora Regianny Lima Monte: “os dirigentes locais organizavam-se no sentido de dar novo direcionamento à administração estadual e municipal, modernizando o sistema tributário do estado e enxugando as despesas desnecessárias da Secretaria de Finanças do município”,¹³⁴ mas o estado possuía uma grande dependência dos recursos federais.

Com a implantação do Estado autoritário em 1964, há a proposta de implantação de reformas de base no Brasil, com uma nova equipe à frente da economia do país, tendo como principal objetivo conter o contínuo aumento da taxa de inflação. Com a criação do Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG), que tinha como principal intento o desenvolvimento econômico do país e conter o processo inflacionário. Houve reformas nas políticas fiscais, creditícias e trabalhistas no Piauí, tendo como Governador Petrônio Portela Nunes (1963-1966), que mesmo tendo se posicionado contra o novo regime, pensava na possibilidade de recursos para o estado e investimentos na capital que possuía ainda características de atraso e pobreza. Em 1967, durante a presidência do General Arthur da Costa e Silva, há investimento nos setores de telecomunicações, energia e viários, resultando na criação dos Ministérios dos transportes, das comunicações, das minas e energia e do interior. Já no início da década de 1970, foi criado o I Plano de desenvolvimento (I PND) “prometia transformar o Brasil numa nação desenvolvida dentro de uma geração”.¹³⁵

Com o discurso de desenvolvimento e crescimento do país e a divulgação de um milagre econômico,¹³⁶ o Piauí também procurou se integrar aos planos que pudessem trazer verbas e investimentos para o Estado. E a capital? Ainda em 1968, o poder municipal contratou a empresa Construções e Planejamentos (COPLAN S/A), baiana, para que fossem planejadas ações de caráter urbanístico para Teresina, projeto esse que resultou no Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina (PDLI), que recebeu apoio financeiro do Serviço Federal de Habitação e urbanismo, bem como apoio da SUDENE e do governo do Governo Federal. “Finalmente, na década de 1970, a expressão “milagre brasileiro” passou a ser usada como sinônimo de *boom* econômico observado desde 1968 – e também como instrumento de propaganda do governo”.¹³⁷

Já no início da década de 1970, com a criação da doutrina nacional-estadista e o

¹³⁴ MONTE, Regianny Lima. A Cidade Esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. Teresina, UFPI, (Dissertação de Mestrado) UFPI, 2010.

¹³⁵ PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O milagre brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (O Brasil Republicano, 4). p. 40.

¹³⁶ PRADO, 2003, p. 153.

¹³⁷ PRADO, 2003, p. 153.

federalismo de integração, o norte e o nordeste passam a ser de fato integrados às políticas nacionais. No Piauí, Alberto Tavares Silva assume o comando do governo e Major da Silva Ribeiro¹³⁸ assume a prefeitura da capital, ambos engenheiros, considerados técnicos urbanísticos, profissionais que de fato detinham o poder de transformar espaço urbano.

Durante a década de 1970, Teresina sofreu inúmeras intervenções estruturais, período em que a cidade registrou um dos maiores índices de crescimento populacional, a população de Teresina a década de 1950 era em média 90.723 habitantes, na década de 1970 esse número quadruplicou, passando para 363.666. Quais os motivos desse crescimento? Para Marshall Berman, vivenciar o moderno é encontrar-se num ambiente de autotransformação e transformação das coisas ao redor. De acordo com o CENSO realizado pelo IBGE em 1970, o Brasil, pela primeira vez na história, teve as taxas urbanas maiores que as rurais, evidenciando que o país de uma forma geral vivenciou um processo de urbanização.

A cidade de Teresina, durante a década 1970, passa por transformações de caráter físico estrutural, o Estado estava investindo no sentido de elevar a capital do Piauí ao *status* de cidade moderna, ou seja, uma cidade limpa, com amplas avenidas, com iluminação, praças e novos espaços de sociabilidades.

Alberto Tavares da Silva, reconhecido pela imprensa como um homem dinâmico, procurou desenvolver projetos que trariam, ao estado, progresso estrutural e também cultural. Alberto Silva investiu em Teresina a partir da construção de muitas obras e reformas. Para ele, era preciso dar à capital do Piauí urbanização para enfim alcançar desenvolvimento e progresso. A imprensa local trazia as notícias dos investimentos do governo na cidade. Durante o período, destacam-se como principais obras na cidade: a construção do Estádio Albertão, a urbanização de vias públicas a exemplo da Avenida Frei Serafim; a reformas no Palácio de Karnak (sede do governo estadual) e do Teatro 4 de setembro, e a criação de espaços de lazer e sociabilidade. Alberto Silva, assim como parte da sociedade, desejava trazer a Teresina o caráter de cidade moderna que destruísse a imagem de pobreza e atraso, com a qual a capital era classificada. Era preciso também desconstruir essa imagem da própria população que também acreditava e vivia com essa imagem. Para a pesquisadora Cláudia Cristina da Silva Fontineles, as obras construídas na década de 1970 transformaram-se em

¹³⁸ Engenheiro Militar e Político. Oficial do Exército Brasileiro transferido para reserva no posto de Major. Formado pelo Instituto Militar de Engenharia – IME (1959-1963), no Rio de Janeiro. Com larga experiência em construções, sobretudo no setor de estradas, adquirida no Primeiro Batalhão Ferroviário, no Rio Grande do Sul, ainda como Oficial de Engenharia. Sua notoriedade como homem público na sociedade piauiense veio quando assumiu, em 1963, a direção do Segundo Batalhão de Engenharia e Construção. Como político foi nomeado Prefeito de Teresina de 1971-1975, presidiu as Centrais Elétricas do Piauí S/A (CEPISA) de 1975-1978 e elegeu-se Deputado Federal para a legislatura de 1979-1983.

palácios de memória, afirma:

As ações governamentais erigidas ainda na década de 1970 funcionaram como verdadeiros palácios de memória e geraram aplausos e reconhecimento social, tonando-se os alvos privilegiados durante as recitações em defesa de seu nome ou mesmo quando a ele voltava-se qualquer crítica. Suas obras integram quase todos os discursos em torno dos principais feitos administrativos já realizados no território piauiense.¹³⁹

Para a arquiteta e pesquisadora Alcília Afonso, Alberto Silva adotou um estilo de arquitetura brutalista, que se caracteriza pela adoção de estruturas robustas, em concreto armado, aparente, que se expressam plasticamente através da verdade plástica dos materiais.¹⁴⁰

O Estádio Governador Alberto Tavares Silva, conhecido como Albertão, foi inaugurado em 1973, um dos maiores projetos do governador Alberto Silva. O estádio foi construído com o objetivo de inserir o futebol piauiense no contexto nacional. “Tida como uma das obras-símbolo da prosperidade dos governos federal e estadual, que tornaria o Piauí merecedor de sediar até os jogos da seleção brasileira... ”.¹⁴¹ Mas, para alguns, a obra foi considerada como um grande desperdício de verbas. No período, foram construídos no país grandes estádios de futebol, a exemplo o Morumbi em São Paulo, o Castelão no Ceará, o Mineirão em Belo Horizonte e o Serra Dourada em Goiânia. Para A. Tito Filho, a construção do Albertão deveria ser repensada, já que existiam obras de caráter mais importante para o desenvolvimento do Estado, afirmou “[...] a paisagem piauiense é quase a mesma: muita fome. Aqui, porém, se construirá o Albertão, monstruosidade para sessenta mil pessoas...”¹⁴².

Para a pesquisadora Cláudia Fontineles, o governador Alberto Silva procurou traçar percursos, construir lugares geográficos e simbólicos para se autoafirmar, ser reconhecido como fundador da modernização e da autoestima dos piauienses. Desta forma a autora afirma:

Na construção de seus palácios e sítios de memória cartografou também os sentimentos e reações da sociedade piauiense. Os ecos dessa memória foram requisitados em seu favor, mas nem sempre o que fora emitido lhe era favorável, ora transformando-se em elogios, ora em críticas. As decisões tomadas em seu primeiro governo na década de 70 (1971-1975) o impeliram a reivindicar o título de fundador da modernização e da autoestima piauienses, repercutindo até entre seus adversários que de uma forma ou de outra sucumbiram a tal encanto em certo momento,

¹³⁹ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Tese de Doutorado- UFPE. Pernambuco, 2009.

¹⁴⁰ AFONSO, Alcília. *Arquitetura Milagrosa: a adoção do brutalismo como linguagem do “milagre econômico” na arquitetura piauiense. 1969-1974*. In: *Teresina em aquarelas*. Org. Alcília Afonso e Rômulo Marques. Teresina, EDUFPI, 2014.

¹⁴¹ FONTINELES, 2009, p. 107.

¹⁴² TITO FILHO, A. *Caderno de Anotações. Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 5 jan. 1972.

reconhecendo seus feitos e iniciativas como importantes para o Piauí.¹⁴³

Teresina chega a década de 1970 com o anseio de transformações sociais e culturais, tem sua imagem associada a um canteiro de obras, mas também revelará continuidades e permanências. Para o pesquisador Francisco Alcides do Nascimento, o Estado é o principal agente construtor e modelador do espaço urbano, afirma: “tem uma atuação decisiva na construção do espaço, regulando sua própria ação e a dos outros agentes e ainda consumindo grandes faixas de terra, como aquelas empregadas na construção do estádio de futebol e do terminal rodoviário”.¹⁴⁴

A Teresina que os intelectuais desejavam na década de 1970 ainda precisava de muito investimento para alcançar esse título de capital moderna. Até mesmo em relação aos costumes da população, que ainda jogava o lixo na rua ou, mesmo, que criava animais no terreiro de casa. A crônica de Cunha e Silva, *Correição na Cidade*, trata exatamente da desordem de que a capital ainda padecia:

Fartamente divulgada vem sendo desde sexta- feira última a notícia de que S. Excia o Sr prefeito municipal de Teresina aplicará já o importante serviço de correição aos animaes vadios ou aos que, por acinte aos nossos foros de civilidade, são abusivamente soltos nas praças e jardins da capital. Efetivamente trata-se de uma medida de largo [...] O parque da Bandeira deixará de ser feira de livre de animais e os porcos vagabundos não mais se enlamearão na rua Des. Freitas e na Praça do Liceu [...]A correição é o ponto de partida para o saneamento de nossa terra.¹⁴⁵

A crônica mostra o quanto a cidade tinha aspectos provincianos, porém existia um intuito e um desejo em torná-la mais limpa, civilizada. O prefeito, no período, era Joel Ribeiro, que recebe elogios de Cunha e Silva em relação à atitude da correição. Outra crônica traz mais reclamações em torno do desrespeito para com os códigos de postura urbanos. Traz como tema a questão dos alto-falantes: “Demos já duas notas em torno dos abusos dos alto-falantes que infestam de modo irritante e absurdo os principais pontos urbanos de Teresina numa zoada mais do que infernal que atinge o estado nervoso de toda gente.”¹⁴⁶

O problema em relação aos animais dentro o espaço urbano ainda parecia incomodar e permanecer. Reclamações em torno do assunto fazem-se presente na crônica de Cunha e Silva:

¹⁴³ FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. Estádio Albertão entre a memória recitada e o apagamento dos rastros. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do (Org.). *Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras*. Teresina: EDUFPI; Imperatriz: Ética, 2010. p. 99.

¹⁴⁴ NASCIMENTO, 2007, p. 207.

¹⁴⁵ SILVA, Cunha e. Correição na cidade. *O Dia*, Teresina 11 jan.1971.

¹⁴⁶ SILVA, Cunha e. Alto-Falantes. *O Dia*, Teresina, 18 mar. 1971.

Falamos com boas maneiras e recebemos com agrado a notícia proplada oficialmente pelo Sr. Prefeito de Teresina, de que em breves dias daria início à correção de animais na cidade, até hoje entretanto, S. Excia não executou o prometido, dando-nos uma ideia perfeita de ter sido embargado o seu bom e proveitoso propósito.¹⁴⁷

Muitos eram os problemas que assolavam a capital do Estado, mas as cobranças por parte dos cronistas e da imprensa eram atuantes. Muitas críticas eram feitas e não deixavam de expor a vontade de ver Teresina se tornar uma cidade bonita e moderna, pois muita coisa ainda precisava mudar. A crônica *Águas perigosas*, de Bugyja Britto, fala da falta de saneamento no centro da cidade e da pouca higiene próxima ao principal hospital da cidade, o Hospital Getúlio Vargas:

Uma das mais perigosas irregularidades que traduz sério atentado a saúde do pouco verifica-se há tempos, no esgoto do Pavilhão de Tuberculosos, nos fundos do Hospital Getúlio Vargas. Pouco adiante das garagens na rua 1º de Maio, entre as ruas de S. José e S. Pedro, fizeram um buraco para a absorção das águas servidas dos mictórios e das sentinas dos tuberculosos ali internados. O que se vê agora é que as águas constantes e abundantes trasbordam no valado e ficam estagnadas¹⁴⁸

A sociedade como um todo ainda estava se adaptando às novas condições de higiene e civilidade. Reclamações ocorriam até em torno das iniciativas tomadas pelos homens da alta sociedade. Políticos e leis eram alvos de críticas como as da crônica *In medio virtus*, de Cunha e Silva, que questionava os exemplos dados por aqueles que possuíam grande influência na sociedade teresinense:

In medio stat virtus (no meio termo, reside a virtude). Esse judicioso prolóquio latino encerra um mundo de conceitos da mais alta significação social, política e moral. Nem sempre os exegetas da moral social e política dão bom exemplo em sua vida pública e particular. Os catões de ontem e de hoje são sempre cheios de incongruências e contradições. Qualquer pessoa de bom senso sabe distinguir os primeiros princípios da moralidade, visto como são imutáveis e idênticos em todos os homens... Humilhar e martirizar é tirania! O castigo físico não corrige o defeito moral de ninguém.¹⁴⁹

A cidade precisava de reparos urgentes. O desejo por parte da sociedade de tornar a cidade mais limpa e habitável fazia-se presente na escrita dos cronistas, com reclamações e esclarecimentos e até mesmo recomendações ao Conselho Municipal e ao governo estadual. Em uma crônica de título Teresina, a situação da cidade é mostrada:

¹⁴⁷ SILVA, Cunha e. Correição na cidade. *O Dia*, Teresina, 25 mar. 1971.

¹⁴⁸ BRITTO, Bugyja. Águas perigosas. *O Dia*, Teresina, 1 abr. 1971.

¹⁴⁹ SILVA, Cunha e. *In medio virtus*. *O Dia*, Teresina, 20 maio 1970.

Teresina- cidade de crescente população e de futuro promissor, mas desprovida ainda de muitos recursos de uma cidade moderna. Mas o que há nela de mais desagradável, atualmente é a carência de asseio em várias áreas de suas ruas e praças, até mesmo na sua parte central. Ruas há com montões de lixo e cheias de mato, onde moradores inescrupulosos lançam, às vezes, animais mortos, que servem de regalo aos urubus e vermes... Teresina não é uma cidade feia, mas possui ao contrário pitoresco e agradável panorama. Suas imundícies e desconforto na grande maioria das casas, inúmeras das quais são miseráveis casebres ou choupanas fazem-na assemelhar-se à cidade de Lassa- capital do Tibé- célebre pela sujeidade de suas ruas. Cidade sem esgotos Com arborização deficiente e com número relativamente pequeno de residências higiênicas e confortáveis.¹⁵⁰

Teresina era uma cidade bonita e com muito potencial, como é declarado na crônica, mas ainda padecia com os maus hábitos de seus habitantes. Enfim, a bela e moderna Teresina era em grande parte desejada pelos cronistas e admiradores da cidade, porém, era preciso ainda muito investimento para tornar possível essa realidade.

O espaço da cidade pode ser mostrado de formas diversas, trabalhando visão dos cronistas percebemos características singulares no cotidiano citadino, estes alcançam as transformações na cidade como algo engrandecedor. Podemos citar a exemplo a crônica escrita por Cunha e Silva que ao retornar do Rio de Janeiro, percebe que a cidade de Teresina não era mais a mesma, assim escreveu:

Aquela cidade de ar provinciano não existe mais. Em lugar dela há, agora, uma outra, de nome igual porém de aspecto diferente, surpreendente mesmo. A pacata cidade vive apenas nas minhas lembranças dos meus tempos de infância e adolescência aquele feitiço de cidade atrasada ou interiorana se desfez.¹⁵¹

Os cronistas representavam a cidade dando destaque às situações que causavam impacto no cotidiano. Com a abertura de avenidas os automóveis passaram a fazer parte do dia a dia da cidade. Buggy Britto, ao tratar deste assunto, faz algumas observações relacionadas ao mau funcionamento do tráfego na cidade que não estava acompanhando o desenvolvimento dos outros setores:

A cidade cresce, e em função desse crescimento se arregimentam todos os seus setores de atividades... mas como todo desenvolvimento não depende apenas de setores isolados, mas do conjunto das atividades, não se pode responsabilizar unicamente os órgãos públicos pelas consequências desastrosas do sistema de tráfego deficitário. Teresina continua sua arrancada em busca das modificações para se ajustar aos atuais níveis de evolução que alcançam as principais cidades nordestinas. Evidente ela tem se desenvolvido em dimensões diferentes, mas tem sido prejudicada pelas deficiências da sua política de trânsito. Está muito aquém do crescimento constatado não correspondendo, portanto, ao comportamento de

¹⁵⁰ SILVA, Cunha e. Teresina. *O Dia*, Teresina 15 jun. 1970.

¹⁵¹ SILVA, Cunha e. Teresina. *O Estado do Piauí*, Teresina, 25 jul. 1972.

transformações a que se entrega a cidade verde.¹⁵²

Mudanças culturais também constroem a cidade e ajudam a transformá-la num palco de transformações. Deusdeth Nunes em uma crônica escrita para o jornal *O Dia*, revela algumas mudanças de caráter cultural: “a cidade está cheia de cabeludos e de motocas. As meninas paqueram os cabeludos e eu lhes dou razão. Os caras da terra ficam dando onda de gostosos na paquera das poucas e boas mulheres”.

Para a pesquisadora Gislane Cristiane Machado Tôrres,¹⁵³ o cotidiano social de Teresina passa a ser rerepresentado e neste palco cidade-cotidiano, será lugar de apropriação e intervenção dos sujeitos sociais. Destaque para os intelectuais, que utilizaram os jornais como espaço de críticas, elogios, discussões relacionadas à cidade.

O cotidiano produzirá discursos vivenciados por seus atores sociais, para Agnes Heller, “toda obra significativa volta à cotidianidade e seu efeito sobrevive na cotidianidade dos outros.”¹⁵⁴ A. Tito Filho será produtor e consumidor dessa cidade e apresentará seus discursos e suas vivências.

Para a pesquisadora Cláudia Cristina Fontineles, ao passo que a cidade de Teresina era palco de sonhos e desejos, era também de embates: “sendo considerada a locomotiva do progresso que conduziria o Estado rumo à modernidade, como prometera outrora. Transportando os desejos, transportava também as frustrações deles advindas quando não conseguia saciá-los.”¹⁵⁵

3.2 A. Tito Filho: um crítico da cidade

A. Tito Filho alegava que a maioria das intervenções urbanas feitas na capital eram obras superficiais e que não atendiam as principais necessidades dos cidadãos. Faltava transporte público de qualidade, grande parte da população vivia em condições de miséria, abatidas pela fome e por condições ruins de moradia. Na coluna diária do *Jornal do Piauí*, A. Tito Filho não escondia sua insatisfação. Ainda no início das obras A. Tito Filho faz um apelo ao prefeito Joel Ribeiro:

Não somos contra o embelezamento da cidade. Pelo contrário. Somos, porém, mais

¹⁵² BRITTO, Bugyja. Automóveis. *O Dia*, Teresina, 8 jan. 1972.

¹⁵³ TÔRRES, Gislane Cristiane Machado. Escritas marginais: cidade e cotidiano teresinense em obras da geração mimeógrafo. In: BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. *História e ficção*. Impetratriz, MA: Ética, 2009.

¹⁵⁴ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. p. 26.

¹⁵⁵ FONTINELES, 2009, p. 143.

pela humanização de Teresina. Pensamos que a Avenida Getúlio Vargas deve merecer os cuidados de conservação de higiene e de segurança. Em lugar de conceder verbas para que a avenida se transforme em artéria luxuosa, o ilustre prefeito Joel Ribeiro, animado de capacidade administrativa e de dedicação aos teresinenses poderia voltar-se para os bairros abandonados, aos quais não chegaram os mínimos bafejos de urbanização.¹⁵⁶

Não tendo recebido nenhuma resposta do prefeito, A. Tito Filho insiste no apelo, alegando que, em Teresina, a população que vive nos subúrbios padece de péssimas condições, com falta de esgotos, de água e de iluminação pública. Insiste A. Tito Filho:

Lordello esclarece: nas grandes cidades de países em desenvolvimento há grupos populacionais que vivem à margem que um centro urbano pode oferecer. Vivem em habitações precárias localizadas em áreas em desgenerescência. Não dispõem dos equipamentos básicos como água, esgoto, iluminação pública, calçamento. São complexas as causas dessa marginalidade. Daí a razão pela qual sugeri ao ilustre prefeito Joel Ribeiro que, em vez de tornar luxuosa a avenida Getúlio Vargas voltasse a atenção para os bairros e subúrbios marginalizados de Teresina. Seria obra de urbanização, mais do que isto: obra humana e social. Que quiser que veja a lama da periferia (inverno) e a poeira da periferia (verão). Continua o apelo.¹⁵⁷

Sobre a possível construção de um zoológico na cidade de Teresina, A. Tito Filho alega que, assim como o Albertão, será uma obra desnecessária, já que a cidade não possui nem infraestrutura e nem necessidade de tal investimento:

O secretário da agricultura pretende montar jardim zoológico em Teresina. Jardim de animais piauienses, nacionais ou internacionais? Pacas, tatus, capivarar, emas, pássaros de varia cor, onças, quatis? Também cangurus, girafas...? Será parque turístico digno de ver e de admirar... Quanto vai custar tal atração? Quem alimentará tal bicharia? Não basta que vivam subnutridos tantos seres humanos e os poucos jabutis e macaquinhos da praça da bandeira? Está em tempo de o Piauí criar juízo. Em lugar de prender bichos no Pirajá, o ilustre pernambucano secretário de agricultura trabalharia melhor com os bovinos doentes do Piauí, com a agricultura abandonada e de subsistência dos caboclos interioranos. Mande o secretário verificar quanto se gasta para o sustento do jardim zoológico da Quinta da Boa Vista no Rio; paisagem natural, fabricada, para animais de outras terras, alimentação especial, corpo de veterinários. E interessante: o zoológico do Rio vive deserto de visitantes. Só aos domingos recebe gente. Teresina necessita de bicho na panela.¹⁵⁸

A. Tito Filho, passou a ser criticado por insistir que a construção do estádio seria desperdício de recursos e que a capital do Piauí tinha obras mais importantes a serem executadas. A seguir, A. Tito Filho anuncia que apenas ele e outro companheiro de imprensa assumiram suas posições não favoráveis à construção do Albertão:

Prezado confrade de imprensa acentuou que em torno do Albertão se criou deturpada imagem. Carlos Augusto e este rabiscador foram, talvez, nesta terra, os únicos

¹⁵⁶ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina. p. 2, 24 mar.1971

¹⁵⁷ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina. p. 2, 31 mar.1971

¹⁵⁸ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina. p. 2, 4 dez.1971

críticos do Albertão. E ambos mostramos que a obra, enorme, de sessenta e cinco mil espectadores, haveria de viver vazia, como vazios vivem os estádios brasileiros. Demais, outras são atenções reclamadas pelo pauperismo aviltante de Teresina.¹⁵⁹

Para A. Tito Filho, Teresina sofria com a pobreza, miséria e desperdiçar grande quantidade de recursos com uma obra que seria subutilizada, era um desperdício e negar outras prioridades. Teresina era pobre de dinheiro no bolso e rica de graves problemas sociais, afirma a seguir:

Enquanto Teresina, de pouco mais de duzentos mil habitantes, gente pobre, vai ter estádio de sessenta e cinco mil expectadores. É como diz Carlos Said “não vai encher”. Esclareça-se que o clube São Paulo é o de maior torcida da capital paulista. A verdade é que essas suntuosidades tipo Albertão, vivem secas por todo o Brasil. Eu sou contra o Albertão porque Teresina é uma das mais pobres capitais brasileiras. Pobre de dinheiro no bolso do povo e rica de graves problemas sociais. Meretrício apavorante. Mendicância assustadora. Habitações desumanas. Sistema educacional que pouco ou quase nada educa. Pauperismo nos bairros e desconforto. Pequena rede de esgoto. Lixo por toda parte. Sentinas de buraco (oitenta por cento). Transportes deficientes. Escuridade. Fome nos Lares. Doenças de fome. Sistema penitenciário da Idade Média. Crianças abandonadas nas ruas, maltrapilhas e famintas. Enquanto isto, todos se enganam com a reduzida parte central da cidade, com esgoto, alguma iluminação, asfalto, hotel de piscina e a avenida Getúlio Vargas, ou Frei Serafim, QUE SERÁ UMA NOITE PARISIENSE, segundo se informa. Veio até técnico em calçamento, do Recife, para embelezar a dita avenida. Um pedaço de técnico, hospede oficial deste enjeitado Piauí.¹⁶⁰

O estádio Albertão, passou a ser apelidado de “Titão”, devido à insistência de A. Tito Filho em criticar a obra faraônica do governador Alberto Silva. Insiste nas críticas:

Tenho dito que Teresina não suporta estádio pra sessenta mil pessoas, luxento, faraônico. O Albertão ou Titão, como querem outros (homenagem que eu não mereço), vai ser construído num terreninho de quinhentos mil contos, com obediência a um projetinhode seiscentos e quarenta mil contos. Há olhos que não querem ver. São olhos cegos de paixão, no caso¹⁶¹.

Ainda sobre o Albertão, A. Tito Filho exemplifica como os estádios, no Brasil, vêm sendo subutilizados, a exemplo de Fortaleza, Manaus e Natal:

A publicidade do Albertão atesta que pululam estádios fabuloso no Brasil. Não é assim. Há o de Manaus. Vive seco. O de Fortaleza está desafiando a César Cais. Monstruosidade inacabada. O de Natal vive às moscas. Não há governo que queira concluí-lo. Disse-me Rodrigues Filho que o governador das Alagoas não sabe o que fazer do Pelezão. Vivem secos o Maracanã e o Mineirão.¹⁶²

A falta de transportes na cidade era algo que precisava ser reparado e que o Estado

¹⁵⁹ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, set. 1972.

¹⁶⁰ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 3 fev. 1972.

¹⁶¹ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 9 jan. 1972.

¹⁶² TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 6 jan. 1972.

parecia negligenciar. Para A. Tito Filho, Teresina padecia, pois lhe faltava infraestrutura básica e mesmo assim era divulgado em todo o Estado que a capital respirava ares de modernidade e beleza. A seguir A. Tito Filho reclama sobre a ausência de transporte, ônibus, na cidade e chama a atenção para o Bairro São Cristovão, onde residia:

Observação: Benedito de Castro Lima, quis visitar-me no São Cristovão, além-poti, além Jóquei Clube. Não pode. Faltou transporte. Realíssimas as informações da carta que me mandou. Quem reside naquele bairro fica desesperado com o problema de transporte. De Hora em hora Deus não melhora, mas piora, porque o ônibus que passa está mais cheio de gente do que civismo em garganta de candidato a vereador. Pior são alguns desumanos de carro, que se espigam dentro do veículo, importantes milionários de dinheiro e de alta de solidariedade –desumanos donos de carro que não oferecem um lugarzinho nos bancos vagos dos seus veículos. E o que dizer dos carros oficiais? Mais de uma vez, durante o dia, uma Kombi do governo vai buscar e vai deixa UMA PESSOA no São Cristovão. Mais a Kombi é importantíssima: não transporta povo sofredor de para de ônibus, embora o carro seja do povo, tocado com gasolina paga pelos cofres públicos. Vale dizer que há muita gente humana no São Cristovão gente bondosa, que sempre oferece carona aos martirizados.¹⁶³

A. Tito Filho critica as práticas modernizantes colocadas pelo Estado como uma saída errada de superação do subdesenvolvimento que aqui se fazia presente. As obras mascaravam aquilo que de fato deveria ser corrigido. No texto a seguir, A. Tito Filho afirma que suas críticas são destinadas as obras que serão, de acordo com ele, peso morto para o Piauí. Afirma:

Observação: Não critico propriamente o Governador Alberto Silva Admiro-o no seu otimismo. Não necessita ele de apoio meu, pois sou de personalidade humilitima. Mas sempre empresto solidariedade àquilo que, realmente, beneficie o Piauí, como estradas, incentivos à vida intelectual, obras de educação. Sou dos maiores defensores do monumento da Batalha do Jenipapo. E quantas vezes em rádio e jornal, elogiei Alberto pela iniciativa, resgate de uma dívida de quase cento e cinquenta anos. Não faço crítica à personalidade dos homens da administração. Faço-as ao que estes dizem, aos que eles pretendem fazer desavisadamente. Sou contra o Albertão. Esse estádio será peso-morto na vida do Piauí. Sou contra hotéis luxuosos mantidos pelo Estado. Acho que o Estado não deve exercer profissão de hoteleiro. Deve incentivar a atividade particular. Sou contra turismo no Piauí, porque a mais celebrada atração turística desta terra- Sete Cidades- é o retrato da solidão, e turismo e solidão não se harmonizam. Demais de tudo, as críticas que levo ao governo são necessárias, e tais críticas foram DETERMINADAS pelo governador num almoço com os jornalistas. Pompílio tem razão de sobra quando defende o direito de crítica, verdadeiro PULMÃO da vida de convivência, como atestou o velho Rui Barbosa. As UNANIMIDADES sempre cheiram mal.¹⁶⁴

Para a pesquisadora Cláudia Fontineles, as ações governamentais erigidas neste período funcionaram como “verdadeiros palácios de memória”¹⁶⁵, os elogios e as críticas serviram como suas inscrições no tempo. A. Tito Filho afirma que os elogios vinham de

¹⁶³ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina. p. 3, 4 nov. 1972.

¹⁶⁴ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina. p. 3, 5 jan.1972

¹⁶⁵ FONTINELES, 2009, p. 99.

“puxas-saco” do governo:

Livro de caracterização de tipos bajuladores, engrossadores, chaleiras, puxa-sacos: “puxaquismo ao alcance de todos”, de Nestor de Holanda. Se Nestor viesse em Teresina, nos dias atuais, encontraria tipos para uns dez volumes, no mínimo, pois Teresina-1971 brevemente realizará concurso de puxaquismo. Há-os de variada tonalidade. Oficiais, técnicos, graduados, amadores. Alberto Silva pode confirmar o que afirmo. E sabe o governante que não existe animal mais sórdido do que o puxasaco. Nestor de Holanda teve a intenção de mostrar como homens e mulheres podem doutorar-se em puxaquismo. Teresina não tem necessidade de ler a cartilha do Nestor. Aqui o puxaquismo é instituição.¹⁶⁶

A. Tito Filho criticava também a criação a Empresa de Turismo do Piauí (PIEMTUR), criada em 1971 com a intenção de fomentar o turismo no Piauí. O governador Alberto Silva, afirmava que a maioria dos estados do Brasil tinham suas empresas de fomento ao turismo. Para A. Tito Filho, não se podia fomentar o turismo se no Piauí não existiam rotas para o turismo, a seguir:

Obra curiosa e instrutiva: férias sobre um tapete mágico de Tênis Alves Ribeiro do Amaral. Viagem turística: Lisboa, Sevilha, Grana, Madri, Roma, Nápoles... experiências e observações. Para completar o roteiro turístico, faltou apenas o Piauí, o turismo do Piauí, a zona do meretrício da Paissandú, a coleção de buracos de Teresina, o pôr-do-sol da Seea dos Matões, o restaurante da praia de Luís Correia, a maquete do Albertão, o futuro jardim zoológico do Secretário da Agricultura, a fábrica de tuberculosos (cem por mês), a piscina suspensa do Hotel Piauí, a linda cidade de Itaueira, os periquitos das Sete Cidades, as praias alvíssimas do Rio Poti, o prodígio da ponte do Parnaíba- ligando Teresina a Timon, como a ponte que liga o miolo de Nova York ao bairro do Brooklyn. E o folclore da Secretaria de Educação. O livro de Tênis está incompleto: falta-lhe, por exemplo, a obra do projeto Piauí Parque Piauí, capital de baratas e de ratos. Falta-lhe o roteiro turístico da PIEMTUR.¹⁶⁷

A. Tito Filho recebia correspondências de leitores e divulgava os posicionamentos destes, em relação às mudanças na cidade e as suas insatisfações:

De Fernanda Marques da Silva, com data de 27 de janeiro de 1972: Meu caro professor Arimathéa: sempre admirei em silêncio, sua inteligência, sua profunda cultura e sobretudo a coragem leal, destemida e sincera de dizer a verdade...vi com atenção suas palavras a respeito da miséria e do aspecto geral de Teresina. Conhecemos tanto quanto o senhor essas dificuldades, pois sentimos pessoalmente o problema. O Sr. Disse: podem todos concordar com o Albertão, deste discordarei. Fique certo meu caro professor, contemplaremos essas obras suntuosas, essas avenidas magníficas (quem não admira o belo?), ma, jamais, com elas poderíamos concordar- lamentavelmente diante da terrível dificuldade de sobrevivência, até mesmo da fome generalizada, esses monumentos, que se elevam em terra tão pobre, se desmoronam em nossos pensamentos, como se fossem construídos sem base, sem nenhum alicerce. Todos aqueles que sentimos dificuldades para comprar um livro, uma farda ou até mesmo o alimento necessário para nossos filhos não poderemos concordar com tais obras. Ou será que por sermos pobres, nos é negado o direito do raciocínio de discernir o certo do errado? Não, meu caro professor, nós

¹⁶⁶

TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 27 nov. 1972.

¹⁶⁷

TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 27 nov. 1972.

discordaremos. Haverá sempre a pobreza, o descaso e a marginalização desta classe, que, aliás, é numerosa, porém a inteligência o raciocínio são dons naturais da humanidade. Não há privilégio neste ponto de vista. Sou funcionária, e posso afirmar que o pecado de divergir, de externar certo ou errado, é imperdoável em todos os setores. Sempre somos colocados à margem, sem vez e até sem oportunidades. Observação: Veja-se o que faz a monstruosidade chamada Maracanã: impõe aos clubes taxas proibitivas, que transformam em prejuízo rendas de quarenta mil cruzeiros. Que dizer dos paupérrimos clubes de Teresina? Como vai viver o Albertão?¹⁶⁸

Outra correspondência de um leitor que afirma a necessidade que Teresina tem de saneamento básico. A cidade como um canteiro de obras padecia com esgotos a céu aberto:

Gostaria meu caro professor de que fosse por V. S. lembrado às autoridades estaduais e pedida uma solução para o caso da rede de esgotos sanitários de Teresina. Depois de tantos trabalhos, gastos e sofrimento do povo dessa cidade, que teve de suportar o ônus da execução de tão complexa obra com a interdição de ruas e até residências nunca mais se falou de sua inauguração de tão complexa obra com a interdição de ruas e até residências nunca mais se falou de sua inauguração. Parecem as autoridades responsáveis esquecidas do problema, até mesmo o governador do estado, tão cioso de embelezar Teresina e transformá-la numa cidade moderna. É preciso fazer meu caro professor, não encontro explicação em estar sendo feito a toque-de-caixa o serviço de embelezamento da Avenida Frei-serafim, quando Teresina, talvez a única capital no mundo, ainda não tenha uma rede de esgotos sanitários. A meu ver, a solução desse problema é tão urgente e angustiante quanto o da vacinação em massa de nossa população, que está sendo iniciado. Por falar em Avenida Frei Serafim, também não encontro explicação para o fechamento de quase todos os cruzamentos dessa avenida, da igreja de São Benedito ao Hospital, tumultuando e congestionando o trânsito de veículos nos poucos cruzamentos ainda reservados. Com essa medida, ao contrário, parece que aumentou mais o índice de acidente nos local. Basta observar o engarrafamento no cruzamento com o Supermercado Glória 2.¹⁶⁹

Para Marshal Berman, a vida moderna é alimentada por muitas fontes, a exemplo das grandes descobertas nas ciências físicas, a industrialização da produção, a criação de novos ambientes humanos e a destruição de outros. A dialética da modernização e do modernismo está associada à imagem de um turbilhão de “milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas, rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano”.¹⁷⁰ Os arranha-céus são exemplos de construções modernas, sobre eles, A. Tito Filho afirma que são filhos da industrialização e dos costumes norte-americanos:

O arranha-céu é produto da industrialização e comercialização da vida norte americana. O arranha-céu de elevador e de apartamento padronizado, fabricantes de neuróticos. A industrialização crescente da vida- mostrou Silva Melo- é causa fundamental da inquietude do mundo.o triste está em que o brasileiro e o piauiense se tem americanizado no vestir, no morar, no comer, e no pensar. Teresina é cidade

¹⁶⁸ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 28 nov. 1972. Correspondência com data de 31/05/1972.

¹⁶⁹ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 8 jun. 1972.

¹⁷⁰ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 2008. p. 35.

de habitações subnormais (bairros e subúrbios). Promiscuidade. Cultura de miséria.¹⁷¹

Para o pesquisador Antônio Paulo Rezende, as cidades foram os grandes cenários da modernidade. Os tempos modernos foram se expandindo com as cidades, arquitetando projetos e deslumbramentos. “Os homens traçaram as trilhas que redefiniram suas relações sociais... formularam suas utopias, fizeram suas apostas na fascinação do futuro, foram seduzidos por um tempo que apontava para os encantos da acumulação”.¹⁷²

A. Tito Filho, no início da década, transformou-se num crítico da cidade, apontando as fragilidades das propostas dos gestores da cidade. Em 1974, A. Tito Filho será convidado ao cargo de Secretário da Cultura de Teresina, ainda na gestão de Alberto Silva. Dialogaremos no sentido de que A. Tito Filho será interlocutor da cidade de Teresina, através de seus discursos enquanto representante cultural e social.

A cidade, seus personagens e símbolos são matérias-primas para a construção da narrativa literária de A. Tito Filho, a composição da sociedade urbana sendo explorada e vivenciada na sua escrita. Para o pesquisador Renato Cordeiro Gomes,¹⁷³ o destino da cidade parece ser o principal empreendimento do nosso tempo, a cidade se converte em espetáculo aos seus habitantes, o espetáculo da civilização em sua história e em sua atualidade.

“A cidade é o teatro de uma guerra de relatos”,¹⁷⁴ nessa perspectiva, temos os relatos de A. Tito Filho como personagens deste teatro, aqui apresentamos as críticas que fizeram parte desse teatro. Mas, o espaço urbano é lugar privilegiado de intercâmbio material e simbólico do habitante da cidade, desta forma, é possível observar uma distribuição variada desse capital simbólico, possibilitando assim relatos variados e contraditórios, a cidade elogiada e sensível também será investigada e apresentada.

3.3 Escritor-escrevente: escrita, cidade e política

Autêntico vulcão de ideias: José de Arimathéa Tito Filho, piauiense dos melhores, mercê de sua vasta e variada erudição bem como de sua extraordinária capacidade de trabalho, pode ser comparado a um autêntico vulcão de ideias. Inimigo número um da ociosidade, A. Tito Filho fez do trabalho uma permanente devoção. Professor de português, jornalista atuante. Presidente da Academia Piauiense de letras... José de Arimathéa Tito Filho ainda acha tempo para escrever livros. E neste particular sua lavra é tão fecunda que sempre tem um livro em lançamento, dois no prelo e

¹⁷¹ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 3 mai. 1972.

¹⁷² REZENDE, Antonio Paulo. *(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARTE, 1997. p. 24.

¹⁷³ GOMES, Renato Cordeiro. A cidade, a literatura e os estudos culturais, do tema ao problema. *Ipotesi, Revista de estudos literários*. Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 19-30, 1999.

¹⁷⁴ CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. v. 1. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p.18.

vários no pensamento.¹⁷⁵

Faltando apenas três meses para o final do mandato do governador Alberto Silva, A. Tito Filho foi nomeado como Secretário da Cultura do Piauí. Este acontecimento gerou repercussão na imprensa e na sociedade piauiense, bem como no posicionamento político do novo secretário, que passou a divulgar seus feitos e a se autopromover como “vulcão de ideias”. A cidade aparece aqui como palco das relações sociais, políticas, e, a escrita torna-se registro e materialização dessas relações. Investigaremos o papel do cidadão-escritor, enquanto legitimador de discursos e como personagem central que protagonizou a vida nessa cidade letrada.

A citação a seguir trata do momento da nomeação de A. Tito Filho como Secretário de Cultura, dando legitimidade ao que podemos classificar como “um homem ajustado à superestrutura administrativa”,¹⁷⁶ aquele que constrói para si e para a sociedade uma concepção da sua tarefa como homem de letras, constituindo uma militância intelectual que ao mesmo tempo lida com uma servidão burocrática:

A nomeação do professor A. Tito Filho, embora feita quase ao findar do governo do eng. Alberto Tavares Silva, ressoou muito bem no meio intelectual do Piauí, que vinha esperando com muita ansiedade a presença de um autêntico homem de letras para o posto maior da inteligência piauiense, que o nosso dirigente máximo prestigiou através do Plano Editorial do Estado (Decreto n° 1.416, de 17 de jan. 72), no qual recém-nomeado, trabalhando dia e noite, no seu gabinete de Teresina ou num congesto incômodo quarto de hotel na Guanabara, se alimentando mal e PEGANDO O SOL COM A MÃO, Curvado sobre a máquina de escrever e engolfado em pesquisas pacientes em busca de dados para o trabalho de historiografia, que, ultimamente, enveredando pelos emaranhados caminhos da pesquisa, teve a incumbência de fazer, por inteligente escolha do Dr. Armando Madeira Bastos, Assessor de encaminhamento e Comunicação do Governo, através da AGE. NO campo essencialmente cultural nos parece- e aqui os louvores dividem entre o governo e A. Tito Filho- que o responsável pela nomeação do novo gestor dos problemas culturais do Piauí- se não á exagero expressional de nossa parte- pode quebrar a sua pena depois de ter assinado o ato do homem certo para a função, fazendo como um pintor que, depois de criar a sua tela mais imortal, atira fora o seu pincel ou o escultor que não precisa mais do seu buril ao esculpir, mostrando no rosto a mutilação de um personagem desvairado de Allan Poe, a sua obra mais genial.¹⁷⁷

Para o pesquisador uruguaio Angel Rama,¹⁷⁸ a palavra escrita surge na América Latina como algo legitimador, para se assegurar a posse da terra era preciso um escrivão, um escrevente ou um escritor, desta forma constitui-se a cidade letrada, aquela em que os

¹⁷⁵ PIAUÍ, Francelino. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 4 fev. 1975.

¹⁷⁶ CANDIDO, Antonio. O escritor e o público. In: *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1980. p. 71.

¹⁷⁷ MATOS, João Miguel. *Jornal do Piauí*, Teresina, 28 nov. 1974.

¹⁷⁸ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sade. São Paulo: Brasiliense, 1985.

responsáveis pela escrita vão trabalhar em favor de que o espaço urbano assegure e conserve a forma social. Desta cidade letrada, surge a cidade escriturária, reservada a uma minoria, “a letra” aparece como uma alavanca de ascensão social. Surgem deste modo os três principais setores que absorveram os numerosos intelectuais da América Latina: a educação, o jornalismo e a diplomacia. Rama, afirma ainda, que os discursos literários, cumprem o papel legitimador do poder-expresso em vários âmbitos: político, econômico, social e cultural. A. Tito Filho transitou nesse espaço nomeado por Angel Rama, de cidade letrada ou cidade escriturária, ocupando espaços na educação e no jornalismo e produzindo discursos para legitimar seu lugar junto àqueles que têm a cultura escrita como forma de distinção. Rama afirma que dentro da cidade, “atrás de seu aparente registro neutro do real, insere o marco ideológico que valoriza e organiza essa realidade, autorizando todo tipo de operações intelectuais a partir das suas proporções”.¹⁷⁹

O escritor¹⁸⁰ não é apenas um indivíduo capaz de exprimir sua originalidade, é alguém que desempenha um papel social, suas obras constroem diálogos com o público. O escritor é quem atua como termo inicial do processo de circulação literária. Para Antonio Candido, a produção da obra literária deve ser inicialmente encarada com uma referência à posição social do escritor e à formação do público. Os escritores possuem uma consciência grupal, a noção de que constituem um segmento especial da sociedade.

Com efeito, a posição do escritor depende diretamente do conceito social que os grupos elaboram em relação a ele, construindo assim um reconhecimento coletivo de sua atividade, nesse contexto, dialogaremos com as publicações de A. Tito Filho, observando que houve uma mudança no direcionamento de escrita na sua coluna diária, nota-se uma certa valorização dos seus feitos enquanto escritor, secretário de cultura. A. Tito Filho passa a divulgar correspondências e menções honrosas que teve entre aqueles que poderíamos designar como seus pares e, ao mesmo tempo, seus leitores. Um público leitor se configura pela natureza existência dos meios de comunicação, pela formação de opiniões “e a diferenciação de setores mais restritos que tendem à liderança do gosto – as elites”,¹⁸¹ a seguir temos elogios a uma das obras de A. Tito Filho, de uma carta publicada no jornal, de um amigo jornalista Clóvis Ramos:

Estimado amigo, você é mesmo o homem de imprensa, o crítico literário, além do historiador que se evidencia cada vez mais. Que gostoso é o Praça Aquidabã, sem

¹⁷⁹ RAMA, 1985, p. 30.

¹⁸⁰ CANDIDO, 1980, p. 72.

¹⁸¹ CANDIDO, 1980, p. 73.

número! Repositório de tanta pesquisa, livro de informações valiosas, estudo sério, que marca uma época, que recorda fatos e pessoas do Piauí, ligados ao Teatro, à poesia, à cultura. Livro amplo, magnífico; que me faz reconhecer, com júbilo, que o meu antigo colega de bancos escolares é o mais atuante homem de letras do novo Piauí... preciso externar ainda meu entusiasmo, ainda uma vez, por seu trabalho intelectual à frente da academia piauiense de letras, da secretaria de cultura e na imprensa feito editor.¹⁸²

Antonio Candido afirma que a união entre literatura e política é algo que, no Brasil, passou a se acentuar no final no século XVIII, o escritor que começou a adquirir consciência de si mesmo, como cidadão, homem da *pólis*, a quem coube a tarefa de difundir as luzes e trabalhar pela pátria, surgem, nesse contexto, as Academias, encaminhando sábios, poetas, pensadores, oradores e construindo as associações político-culturais. Literatura e política permitindo um contato entre escritores, leitores e auditores potenciais. O homem das letras e escritor como sendo “aquele disposto a falar aos grupos, amante da terra, pronto a celebrá-la com arroubo”.¹⁸³ Podemos assim classificar A. Tito Filho, como um herdeiro de tais características, as quais ele mesmo se encarrega de divulgar, a exemplo da citação a seguir, onde ele publica mais uma vez uma correspondência em que recebeu, elogiando um de seus livros, Governadores do Piauí:

Mais um interessante trabalho do prof. A. Tito Filho, digno Presidente da Academia Piauiense de Letras, recebemos nestes dias. Trata-se agora do seu trabalho “Governadores do Piauí-Capitania-Provincia-estado, publicado pelos auspícios do ilustre Governador que já promoveu a publicação de 17 obras literárias, históricas, culturais de autores piauienses... De fato esta obra é mais uma obra de alto sentido intelectual de autoria do admirável espírito do ilustre escritos, jornalista e educador A. Tito Filho. Temos assim em mãos a história da vida e dos trabalhos de todos os governadores do Estado do Piauí desde o ano de 1718 até os nossos dias, desde João Pereira Caldas, com o relato dos profícuos trabalhos de cada um, desde a criação da capitania, até o engenheiro Alberto Tavares Silva, governador atual, desde 1971, protegendo a cultura, protegendo a inteligência através da publicação constante de livros. Apresenta essa obra trinta e nove governadores, num trabalho cívico de alto significado, trabalho que dignifica seu autor, revelando o seu grande amor pelo seu Estado, pela sua gente e pela história dos grandes homens da nossa pátria.¹⁸⁴

Roland Barthes classifica aqueles que trabalham com a palavra como: escritores, escreventes e escritores-escreventes. De acordo com Barthes, os escritores preocupam-se em trabalhar a sua palavra, sua produção é objeto de uma instituição que existe apenas para a palavra: a literatura. Os escritores levam em conta as normas técnicas e as normas artesanais, escrever para eles é verbo intransitivo “não que o escritor seja uma pura essência: ele age, mas

182 Clóvis Ramos, carta endereçada a A. Tito Filho, Caderno de Anotações. 22 jun. 1975.

183 CANDIDO, 1980, p. 74.

184 Inocência Candelária, carta endereçada a A. Tito Filho, Caderno de Anotações, 19 mar. 1975.

sua ação é imanente ao objeto, ela se exerce paradoxalmente sobre seu próprio instrumento: a linguagem”.¹⁸⁵ Já os escreventes são homens transitivos, são aqueles que colocam um fim para o qual a palavra é apenas um meio, para eles a palavra suporta um fazer, ela não o constitui. A linguagem é para eles apenas um instrumento de comunicação, um veículo de pensamento, escrever é verbo intransitivo. Os escreventes produzem obras de caráter livre e seriam consumidas em instituições de funções diversas, a universidade, a política entre outras. Existe ainda a figura do escritor-escrevente, que de acordo com Barthes as características de um complementam as do outro, mesmo de forma complexa e até mesmo paradoxal. Afirma:

Descrevo aqui uma contradição que, de fato, é raramente pura: cada um hoje se move mais ou menos abertamente entre as duas postulações, a do escritor e a do escrevente; a história, sem dúvida, o quer assim, pois ela nos fez nascer tarde demais para sermos escritores soberbos (de boa consciência) e cedo demais para sermos escreventes escutados. Hoje, cada participante da intelligentsia tem em si os dois papéis, encaixando-se mais ou menos bem num ou noutro: os escritores têm bruscamente comportamentos, impaciências de escreventes; os escreventes se alçam por vezes até o teatro da linguagem.¹⁸⁶

Para Barthes, os intelectuais seriam um grupo detentor da linguagem pública, característica comum àqueles que circulam entre as instituições literárias e políticas. Refletindo sobre o diálogo entre a produção literária de A. Tito Filho e seus lugares de fala e aproximando as narrativas literárias das narrativas históricas, temos, na sua figura, um escritor-escrevente. A seguir, uma publicação de uma correspondência do governador do estado, congratulando A. Tito Filho pelos feitos culturais à frente da Academia Piauiense de Letras:

Do governador Alberto Silva: tenho a satisfação de acusar o recebimento do ofício 175/74, de 25 de novembro, em que V. S. me transmite as congratulações da Academia Piauiense de Letras e do seu Presidente pela concessão, que tanto me honra, da MEDALHA MACHADO DE ASSIS, outorgada pela Academia Brasileira de Letras ao Chefe do Executivo Piauiense pelo trabalho que tem realizado na área cultural de nossa terra. Agradeço também a manifestação dessa entidade à Academia Brasileira de Letras, constante do ofício que por cópia me enviou. Neste ensejo, desejo manifestar ao ilustre presidente aos agradecimentos de meu governo pelo inestimável trabalho que vem realizando em relação à publicação de importantes obras, por iniciativa do Governo do Estado, contribuindo, assim, para o renascimento das letras piauienses.¹⁸⁷

A. Tito Filho destaca ainda seus diálogos com aqueles em que podem ser

¹⁸⁵ BARTHES, Roland. Escritores e escreventes. In: *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 33-35.

¹⁸⁶ BARTHES, 2007, p. 34.

¹⁸⁷ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p.3, 19 jan.1975.

considerados seus pares, a seguir o exemplo de Clóvis Moura:¹⁸⁸

Depois de trinta e oito anos de ausência embrenhado na SELVA da capital paulista, principalmente, Clóvis Moura, sempre amarantino, visitou o Piauí, por atenciosa distinção do Governo do Estado. Aqui fez apresentação do seu livro “o preconceito da Cor, na Literatura de Cordel”. Apresentei-o ao pequeno auditório. Reviu ele a terra natal- Amarante, que ele cantou em “ARGILA DE MEMÓRIA”. E DE São Paulo mandou dizer-me: “estou lhe agradecendo tudo o que foi possível você fazer durante a minha estada no Piauí. Guardo, por isto, uma lembrança muito gostosa dos momentos em que batemos papos interessantíssimos e por seu intermédio, fiquei sabendo de tanta coisa que me será útil sobre a cultura piauiense que regressa e que, por isto mesmo, tudo o que recebe é fruto da generosidade daqueles que ficaram. Você foi um herói e, pelo que você fez, muito obrigado.”¹⁸⁹

E sobre seus feitos à frente da Secretaria de Cultura, chama à atenção para a edição das bibliografias dos patronos da Academia Piauiense de Letras:

Estamos organizando a bibliografia de todos os patronos e ocupantes das cadeiras da Academia Piauiense de letras, a que, acrescentamos opinião da crítica literária a respeito de cada um deles. Já distribuimos aos acadêmicos, a instituições literárias, 65em excelente trabalho mimeografado, as de José Manuel de Freitas, Clodoaldo de Freitas, Padre Cirilo Chaves, Esmaragdo de Freitas, Dom Avelar Brandão Vilela (cadeira um), Herminio Castelo Branco.

Jean-François Sirinelli,¹⁹⁰ ao fazer considerações sobre o estudo dos intelectuais pela historiografia, enfatiza que para quem estuda a ação destes, tem como problema inicial “o seu papel e o seu poder”. O historiador francês destaca que existem dificuldades inerentes à própria noção do intelectual, sendo um campo aberto, situado no cruzamento da história, política, sociedade e cultura. O meio intelectual constitui um pequeno mundo estreito, onde os laços se atam, formado por estruturas elementares de sociabilidade, espaços onde aqueles que aí se encontram, compartilham suas ideias, posicionamentos.

Sirinelli exemplifica essas estruturas como a redação de uma revista ou os conselhos editoriais, os manifestos, abaixo-assinados. As estruturas de sociabilidade variam com as épocas e com os grupos de intelectuais, podemos observar as redes de poder que se formam em favor dessas estruturas. Desta forma, temos na figura de A. Tito Filho, um sujeito que se posicionou de maneira perspicaz, dominando os lugares de fala, as relações entre seus pares e

¹⁸⁸ Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003) foi sociólogo, jornalista e escritor piauiense. Nasceu na cidade de Amarante, seu livro mais conhecido é, *Argila da Memória*, em que fala da sua infância no interior, do Rio Parnaíba e de mitos do folclore piauiense, como a lenda do Cabeça de Cuia. É influenciado pelo marxismo, tendo desenvolvido a Sociologia da Práxis Negra. Clóvis Moura questionou a visão de Gilberto Freyre sobre a passividade do negro no Brasil, destacando a resistência à escravidão dos quilombos. Em suas pesquisas tratou da rebelião dos escravos e da formação dos quilombos.

¹⁸⁹ TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 9 jun.1975.

¹⁹⁰ SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org). *Por uma história política*. Rio de

Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 254-255.

caminhando dentre as estruturas de sociabilidade possíveis, “a atração e a amizade e, *a contrário*, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo”.¹⁹¹ As forças antagônicas de adesão ou exclusão são pontos privilegiados para consideração e análise do movimento das ideias e fermentação intelectual.

Todo grupo de intelectuais se organiza em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum “de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”¹⁹², A. Tito Filho explicita, em suas publicações, o diálogo direto entre aqueles entre os quais considera “seus pares”. Para exemplificar, o texto a seguir, publicado em seu Caderno de Anotações, uma correspondência que recebeu de um amigo, Geraldo Ramon Pereira, identificando as impressões sobre um de seus livros publicados:

Meu caro Tito Filho, devorei seu livro Teresina, meu amor- devorei é o termo (como diria Coelho Neto)- numa gulodice, insaciável saboreei frase por frase, à medida que minh'alma se comungava e tonificava com a essência da mensagem: você fundou em mim a Teresina que tem vicejando no seu próprio coração. Enfim, como brasileiro que sou- embora em longínquas plagas- aprendi, com meu sócia de sentimentos, a amar essa “cada vez mais formosa e mais menina”.¹⁹³

Estudar a produção escrita de A. Tito Filho, tendo como fio condutor, a cidade é “uma questão preme de questões”, como diria Machado de Assis. Para além da cidade, existem os condicionamentos sociais, políticos, econômicos e culturais que historicizam o fenômeno urbano. Neste trabalho, temos ainda como questão principal o lugar de onde os discursos sobre a cidade estão sendo produzidos, temos em A. Tito Filho como figura responsável por indagar sobre as representações da cidade na cena escrita, produzindo textos que leem a cidade. Considerando, para tanto, não só os aspectos físico-geográficos, os dados culturais mais específicos, os costumes, os tipos humanos, mas também a cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a memória da cidade e a cidade da memória. É necessário mapear os sentidos múltiplos da cidade, como afirma o pesquisador Renato Cordeiro Gomes:

É, enfim, considerar a cidade como um discurso, verdadeiramente uma linguagem, uma vez que fala a seus habitantes: falamos a nossa cidade, onde nos encontramos, quando a habitamos, a percorremos, a olhamos. A cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, enquanto espaço físico e mito cultural, pensando-a como a condensação simbólica e material e cenário de mudança em busca de significação. Escrever, portanto, a cidade é também lê-la, mesmo que ela se mostre inteligível a primeira vista: e engendrar uma forma para essa realidade sempre móvel. Mapear seus sentidos múltiplos e sua múltiplas vozes e grafias e uma operação poética que procura apreender a escrita da cidade e a cidade como escrita,

¹⁹¹ SIRINELLI, 1996, p. 250.

¹⁹² SIRINELLI, 1996, p. 248.

¹⁹³ PEREIRA, Geraldo Ramon. A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 20 jan.1975.

num jogo aberto à complexidade.¹⁹⁴

A cidade orchestra práticas diversas e passa por outras linguagens que vão além daquela do urbanista e o do escritor; é espaço público, que remete a pluralidade¹⁹⁵ e é aí em que se constrói o espaço da política que remete à experiência da participação, da igualdade e do conflito. Neste capítulo, procuramos estabelecer aquilo que poderia ser intitulado como, a Teresina real, o cenário onde se passa as produções escritas de A. Tito Filho, a cidade das críticas, a cidade do poder e da política. Elencamos assim o seu lugar de fala, sua participação enquanto intelectual do urbano e seus discursos plurais.

Explanamos a cidade das críticas, a cidade do concreto e ainda evidenciamos o posicionamento do escritor-escrevente sobre a cidade. No próximo capítulo, traremos a outra face da cidade: a cidade-memória, a cidade-exaltação, a cidade-poética, que também fazem parte do fazer intelectual de A. Tito Filho e que o fizeram se reconhecer como “o enamorado da cidade”.

¹⁹⁴ GOMES, 1999, p. 6.

¹⁹⁵ MONGIN, Olivier. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. Trad. Leticia Martins de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 33.

4 TERESINA MEU AMOR

Não há melhor caminho de entrada que aquele dos escritores que perscrutam a cidade com seus corpos e suas penas. Os nomes são muitos. Mas não totalmente ao acaso: *Borges e Sábato para Buenos Aires, Mendonza para Barcelona, Jaques Yonnet e Raymond Queneau para Paris, Pessoa para Lisboa, Joyce para Dublin, Naguib Mahfouz para o Cairo, Elias Khoury para Beirute, Orhan Pamuk para Istambul, Ítalo Calvino para as suas cidades imaginárias e Alessandro Barrico o inventor da City...* como se a cidade, toda cidade, fosse simbolizada por um escritor, por um livro...o mundo da cidade, essa mistura de físico e de mental o escritor o apreende com todos os sentidos, o olfato, a audição, o tato, a vista, mas também com os pensamentos e os sonhos.¹⁹⁶

Para o sociólogo e pesquisador Olivier Mongin, toda cidade possui seus escritores, aqueles que se apropriam, investigam, exaltam, criticam e constroem memórias. Neste capítulo, utilizaremos a literatura para investigar redes de interlocução entre história e cidade. Estudaremos a cidade de Teresina a partir dos livros publicados por A. Tito Filho na década de 1970, que constroem diferentes olhares sobre a cidade. Destacaremos a construção de uma cidade literária. Estabeleceremos diálogos com as fontes e com pesquisadores que trabalham com a cidade sensível, para além da cidade real, física. Os livros que são utilizados como fontes são: *Teresina meu amor* (1973), *Praça Aquidabã, sem número* (1975), *Crônica da cidade amada* (1977), *Memorial da cidade verde* (1978).

O que classificamos como cidade literária está diretamente ligado às imagens descritas por A. Tito Filho em seus textos. A Teresina das vivências de A. Tito Filho, que permitiram construir as experiências pessoais da cidade. Enunciaremos a outra cidade, para além dos discursos de uma cidade unitária, aqui trataremos da Teresina “afetiva, tranquila e pitoresca”, sobre o “mito do calor”, o “mercado velho” e tantas outras particularidades ressaltadas por A. Tito Filho.

A escrita de A. Tito Filho como testemunho, ponto de partida deste trabalho, seu lugar de fala, temas diversos, pequenos acontecimentos “causas doces e leves, cenas da cidade”. *Teresina meu amor*, título de uma das mais conhecidas obras de A. Tito Filho, teve sua primeira publicação em 1973, tendo mais duas edições em 1974 e 1991. Trata-se de uma coletânea de crônicas que caracterizam a cidade. Nesse livro, A. Tito Filho faz um roteiro sobre a capital piauiense desde o seu “nascer” até as características que apresentava no período em que o livro foi escrito. “Quando eu, menino, cheguei a Teresina em 1932, ainda de

196

calças curtas, a cidadezinha gozava de tranquilidade nunca esquecida”.¹⁹⁷ O autor fala das suas primeiras impressões ao chegar à capital, uma Teresina ainda simples e acanhada.

Quando da primeira edição de *Teresina meu amor* foi publicada, houve uma grande repercussão no meio intelectual: elogios, comentários e artigos em jornais foram dedicados à obra. Ressaltando as qualidades da obra e a dedicação em que A. Tito Filho teve ao falar de Teresina, alguns letrados e figuras importantes no meio cultural piauiense publicaram elogios à obra de A. Tito Filho, a exemplo de José Expedito Rego:

É impossível não gostar de Teresina, lendo o livro do Professor Tito Filho. Ele nos mostra uma Teresina que me era por completo desconhecida. Vem desde “outros tempos” do primeiro sorvete vendido no recreio teresinense- em que se jogava, bilhar, havia serviço de cabeleireiro e aluguel de cavalos para passeios à tarde, na cidade e nos subúrbios”. Vem desde as rodas familiares à porta da rua, nas calçadas sem pedestres, desde o primeiro banho de chuveiro, com mergulhos furtivos no “cai nágua” e no rosa do banco” até a capital dos dias atuais: “uma jóia-Teresina, vem vê-la- brasileiro e aclamarás comigo”. Descobre até que Teresina tem ótimo clima e isso baseado com gente de renome de Spix e Martius... Tudo que pode haver de pitoresco está no livro do Prof. Tito Filho. Nem esquece Maria preá, nem o gostoso sorvete de bacuri- o melhor do mundo! Nem o flerte das garotas de olhar característico e termina bem humoradamente com uma de Juca Chaves, que se gaba de conhecer as melhores cidades do mundo, Tóquio, Paris, Londres, Pequim, Buenos Aires e Teresina!¹⁹⁸

O jornalista Armando Basílio também se pronunciou em relação ao livro, tecendo bons elogios, a seguir:

...Pode-se dizer desse livro, sem medo de errar, que é um livro “afetivo, tranquilo e pitoresco” como ele mesmo cognomina Teresina. Livro escrito com o coração. Escrito com amor sincero e puro, com aquele carinho que somente os filhos extremosos sentem por sua terra Natal. E note-se que A. Tito Filho não é teresinense, porém recebeu mui merecidamente a cidadania, não faz muito tempo, lembrança feliz de um representante da boa terra. Teresina meu amor é um livro que não pode deixar de ser lido por todos os piauienses, cearenses, maranhenses, brasileiros. Sua leitura nos faz bem ao espírito, motivando-nos a uma visita à boa terra...¹⁹⁹

Em outra publicação do jornal, A. Tito Filho é nomeado como o “enamorado de Teresina:

O professor José de Arimathéa Tito Filho, que já é autor de “o problema social da infância”, combustível e alimento, Atualidade do latim vulgar’ e já coordenou, comentou, criticou, etc. diversas obras dentro do plano editorial do Piauí, acaba de lançar mais uma autêntica joia em letra de forma, denominada Teresina meu amor” . O livrinho é danado de bom. É bonito por fora e lindo por dentro. Tem capa cor-de-rosa, em plastificação... Nessa obra sumamente palatável, A. Tito Filho desenvolveu toda sua capacidade romântica de amar. Amor distribuído pelas suas coisas, sua terra, sua gente. O estilo é leve, ágil, inteligível, pitoresco, jornalístico e quente. Lê-se o livro de uma “assentada” de ponta a ponta, percebe-se, no livro, a identidade do autor com a capital do Piauí, cidade escolhida por ele para o cenário de sua vida

¹⁹⁷ TITO FILHO, A. *Teresina meu amor*. Teresina: COMEPI, 1973.

¹⁹⁸ REGO, José Expedito. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 1 mai. 1974.

¹⁹⁹ BASÍLIO, Armando. Caderno de anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 4 set. 1974.

fecunda e cheia de realizações uteis... o livro é um hino de amor a Teresina. Tudo ali é escrito com clareza e ternura.”²⁰⁰

Teresina foi fonte inspiração pra A. Tito Filho, que mesmo tendo nascido em Barras e ter vivido algum tempo no Rio de Janeiro, a capital do Piauí foi a escolhida para receber elogios deste autor. De acordo com ele “Teresina bole com a gente. Meu amor, meu bem querer, minha louvação.”²⁰¹ A. Tito Filho trouxe para o papel suas observações em favor de Teresina, ao falar sobre os primeiros tempos da cidade, ressalta os primeiros nomes das ruas, que faziam referências a “episódios singelos”:

Todas as cidades do mundo cultivam instantes de puxa-saquismo. Nenhuma foge à regra. Teresina cultivou-o nas denominações de suas ruas - ruas e praças singelas de outros tempos, com nomes singelos tirados das cousas, dos episódios, da fé religiosa, da natureza dadivosa- rua do Bacuri, praça da Santa Casa, rua Larga, Rua Nova, rua das Flores, rua do Fogo, rua da Palma, rua do Pequizeiro, rua da Glória, rua Bela, rua Grade- ruas nas quais a meninada brincava na terra solta, pés descalços, notadamente dia de luar...²⁰²

Composto por crônicas que versam sobre a capital piauiense desde a sua fundação em 1852 ao ano em que o livro foi produzido, em 1973. Sobre a fundação de Teresina e seu fundador, José Antônio Saraiva, afirmou A. Tito Filho: “era baiano, menor de 30 anos. Baiano macho, enfrentou séria oposição e constantes ameaças, mas plantou a capital entre dois rios, na Vila Nova do Poti,data Covas, chamada Chapada do Corisco”.²⁰³ O livro elucida o encantamento do autor pela cidade e como ela seduz o leitor para que ele sintasse atraído para conhecê-la. Afirma:

Uma lindeza esta Teresina de ontem, de hoje, de amanhã. Afetiva, tranquila e pitoresca. Avenidas espaçosas, boas de passear de pé ou de automóvel... Teresina é um beijo quente de fraternidade. Manhãs e tardes coloridas. Corações alegres. Gente que gosta da humanidade, rezando o poema da convivência irmã. Dá gosto vê-la nas suas virtudes e nas suas desvirtudes. Simples, cativante, vale uma festa para o espírito... Deus é necessariamente cidadão honorário de Teresina.²⁰⁴

Assim A. Tito Filho caracteriza Teresina, ou simplesmente traduz a capital do Piauí de forma pitoresca. O autor fala das suas primeiras impressões ao chegar à capital, uma Teresina ainda simples e acanhada. No decorrer do livro, o autor declara o seu sentimento de pertencimento à cidade apesar das várias transformações ocorridas. Convida os forasteiros a

²⁰⁰ A. Tito Filho, o enamorado da cidade. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 4, 3 set. 1974.

²⁰¹ TITO FILHO, A. *Crônica da cidade amada*. Teresina: COMEPI, 1977.

²⁰² TITO FILHO, 1973, p.16.

²⁰³ TITO FILHO, 1973, p.11.

²⁰⁴ TITO FILHO, 1973, p. 78.

visitá-la: “uma jóia- Teresina. Vem vê-la- brasileiro- e a aclamarás junto comigo”²⁰⁵. O autor finaliza a crônica convidando o cidadão brasileiro seja de qualquer estado para conhecer a Teresina - sua jóia. Destaca ainda nomes de personagens importantes para a história da cidade, a exemplo do Padre Monsenhor Chaves²⁰⁶:

Monsenhor Joaquim Ferreira Chaves vai participar da história dos primeiros tempos de Teresina. Sacerdote de Cristo, amado e querido da cidade. Inteligência hábil, pesquisador paciente, recolheu história e estórias- e fez um livro. Monsenhor Chaves representa, na sua vivacidade, no seu modo tão bom de querer bem a todos, a tranquilidade espiritual de Teresina... sempre merece um abraço de gratidão da convivência humana de Teresina pelo trabalho que praticou. Uma cidade que se preza não funciona sem igreja, cadeia, cemitério e mercado. AS igrejas foram surgindo. Conta o bom padre: -Que a igreja do Amparo- a igreja que Monsenhor Chaves reformou com tenacidade- foi inaugurada em dezembro de 1852, sem que estivesse terminada. Matriz da cidade. Continua no mesmo lugar. Ainda hoje o vício brasileiro tem sido inaugurar obras inacabadas..²⁰⁷

Na crônica *Afetiva*, tranquila e pitoresca, A. Tito Filho faz observações em torno das suas transformações e também das permanências:

Muitos dizem que Teresina tem sofrido mudanças notáveis, em todos os aspectos. A cidade cresceu. Nascida com a igreja do Amparo- edificada entre dois rios- o Parnaíba e o Poti, a cidade atravessou o Poti, onde surgiram novos bairros, e caminha nesse sentido acompanhando Altos, a uns 40 quilômetros de distância. Em cento e vinte e um anos de existência, naturalmente que surgiram bairros por todos os cantos, praças, as ruas ficaram mais compridas para os duzentos e cinquenta mil viventes... Cresceu muito, mas espiritualmente continua a mesma Teresina de ontem. E ontem como hoje: tranquila, afetiva e pitoresca. As cidades nascem com a sua alma, assim como o sal da sua vida. Crescem mas conservam o espírito de quando nasceram.²⁰⁸

Antonio Paulo Rezende²⁰⁹ afirma que todo o imaginário que se cria em torno da cidade, ultrapassa a concretude de suas arquiteturas e invade a dimensão afetiva. Por mais que se tente classificar as cidades pelas suas funções econômicas, não se consegue esgotar seus mistérios. Uma cidade contém todas as outras, dependendo da direção dos nossos olhares. Na crônica mencionada a seguir, A. Tito Filho faz referência à fundação do Palácio do Governo, seus primeiros tempos e o relaciona aos símbolos que caracterizam a passagem do tempo, na cidade, o prédio de palha, que se transformou em sobrado e que passou a ser Palácio de

²⁰⁵ TITO FILHO, 1973, p. 85.

²⁰⁶ CHAVES, Monsenhor. Teresina: subsídios para a história do Piauí. In: CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Prefácio de Teresinha Queiroz. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

²⁰⁷ TITO FILHO, 1973, p. 13.

²⁰⁸ TITO FILHO, 1973, p. 7.

²⁰⁹ REZENDE, Antonio Paulo de Moraes; Cidade e modernidade: registros históricos do amor e da Solidão no Recife dos anos 1930. In: MONTENEGRO, Antonio Torres... et al. *História: cultura e sentimento: outras histórias do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008.

Karnak:

Na praça onde hoje se situam Hotel do Piauí, Assembléia Legislativa, Poder Judiciário, foi edificado o “palácio” do governo-Grande prédio de palha. O almoço e o Jantar do governador José Antônio Saraiva vinham do Maranhão, outro lado do Parnaíba, mandados pelo fazendeiro português Manuel Domingues Gonçalves Pedreira, da fazenda Boavista, em canoa. Depois o palácio passou a ser um sobrado construído no lugar da atual Delegacia Fiscal. Posteriormente, novo Palácio- o atual prédio do Poder Judiciário, comprado de dona Lina Almendra. Finalmente, Karnak, até hoje. Mas a história de Karnak é a outra história, é a história de cem contos de reis, de barões e baronesas.²¹⁰

Maria Stella Bresciani define como a quarta porta de entrada²¹¹ da cidade a formação de uma nova sensibilidade e a reeducação dos sentidos do habitante da cidade. Os escritores que trazem a cidade como tema de seus livros, são catalisadores dessas novas sensibilidades, “um olhar armado, ou seja, ensinado a decifrar, a variedade díspare das imagens urbanas”²¹². Podemos observar essa sensibilidade de olhares nos textos de A. Tito Filho, aqui destacaremos o que ele intitulou por “tempos de memória”, no qual ele faz um comparativo dos primeiros anos em que veio morar na capital e todas as singularidades de uma Teresina ainda provinciana, poucas ruas calçadas, trilho para bonde sem o bonde, os dois cinemas e o dois cabarés, faz um percurso entre os anos de 1932 (quando chegou à cidade), 1939 (quando foi embora para estudar no Rio de Janeiro) e 1973 (data da primeira edição de *Teresina meu amor*):

Em 1932- dois cinemas um tipo *poeira*, o Roial, de bancos compridos, sem encosto-especialista em banguê-banguê- era cinema de artista e de bandido- cinema da molecada do meu top; o outro, o Olímpia, estava destinado à alta-roda, ao soçaite de hoje. Ambos de filmes mudos- e lá ia me esquecendo- mudos mas gesticulados, como se os gestos fossem a linguagem e às vezes é, ou pelo menos a transmite, até mais expressivamente. Cinema falado, musicado e sincronizado só em 1933. E dois cabarés famosos, no campo da vida airada: o “Cai Náguas”, de madeira, perto do rio, mulhério de segunda categoria, quase *bofe*, e o da Rosa do Banco, de *pegas vistosas*, frequentado por gente alta, como magistrados, comerciantes abastados, filhinhos-de-papai. Ainda em 1937, de longe eu olhava o “Cai Náguas”, que já não era um mistério para a minha buliçosa pouca idade, mas era permanente convocação. A elegância da cidade, de noite, estava na praça Rio Branco- andança na praça, rapazes num sentido, moças noutro sentido. Namoro de olhos, olhares que falavam e diziam tudo. Tomava-se, e muito, refresco de pega-pinto, diziam que era bom para os rins. Muita garapa de cana, também. Boa de ver e de morar a Teresina de rodas na calçada, de noite, até que a usina elétrica apitasse ou que a polícia militar corneteasse: nove horas. Hora de dormir. Casados e solteiros. Mulher casada e mulher donzela. Exceto nos dias de baile e de forró...

²¹⁰ TITO FILHO, 1973, p.13.

²¹¹ BRESCIANI, 1991, p.10.

²¹² BRESCIANI, 1991, p. 10.

Continua sua narrativa sobre a cidade, destacando suas experiências e vivências na cidade, com destaque para as “bolinações” no cinema. Observamos que, em mais de um texto, a imagem da mulher morena de cabelos cumpridos que o “iniciou” nas práticas amorosas se faz presente. Temos aqui uma narrativa do ponto de vista da memória como caracteriza Edgar Salvadori de Decca²¹³, quando se relata uma experiência, tem-se como intenção encurtar a lembrança e o sentimento que se está vivendo, ter a perspectiva de sua própria experiência, “a memória é algo que a gente quer reter para gente, compartilhar com os outros e fazer com que os outros repitam esse ato de memorização, com a mesma intensidade, com a mesma força e com a mesma potência com que você tem no momento da sua lembrança”.²¹⁴ Neste ato de lembrar, observamos a narrativa de A. Tito Filho sobre a cidade:

De 1938 em diante, vi, com os olhos que a terra há de comer, *bolinação* em cinema. Pares agarradinhos. Mãos em permanente atividade. Gente alta. Foi um morenã bonito, de cabelos cumpridos, que me iniciou nas práticas amorosas em salão de cinema. Deixei assim Teresina em 1939. A roda na calçada, o carnaval sem porre de lança-perfume, o mercadão repleto de vendeiros e vendeiras, namoro de olhos e de bolinação, avião que baixava n'água, o hidroavião, quermesses em patamar de igreja, jornal de apelidos e descomposturas, quintas e pomares por toda parte, enterro de gente pobre sem banda de música e de gente rica com a respectiva, tocando um troço que espantava e fazia que a gente tivesse mais medo do enterro do que a morte- uma cidade tranquila, afetiva e pitoresca, em que do meio-dia até uma da tarde quem quisesse fazia pipi no meio da rua, idem depois das nove da noite; ; de velórios de defuntos com mulheres desfiando terços e homens bebendo cachaça ou tiquira, para aguentar o amiudar do galo e a hora da partida do saudoso- *mas uma cidade que encontrei na volta, uns dez anos depois, em busca de transformações-transformações em tudo-* embora sempre afetiva, tranquila e pitoresca...²¹⁵

A cidade passa a ser “uma máquina de narrar”,²¹⁶ expressão utilizada por Roland Barthes, ao discutir a possibilidade de se construir uma semiologia urbana, observando a cidade enquanto símbolo complexo, capaz de exprimir a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas. Para Barthes, o ponto de partida para se estudar os signos da cidade, seria compreender o poder gerativo da linguagem, que impede que a cidade seja cristalizada em seus emblemas. Os discursos construídos em favor da cidade geram algo que Barthes intitula por “grafias urbanas”, que servem para detectar e decifrar o fio condutor desses discursos, seus códigos internos.

Identificar a imagem da cidade que se forma a partir dos leitores da cidade, criando assim uma consciência perceptível, tendo consciência das funções dos símbolos urbanos.

²¹³ DECCA, Edgar Salvadori de. História, acontecimento e narrativa. In: *Cidade, história e memória*. Teresina: EDUFPI, p. 20.

²¹⁴ DECCA, p. 21.

²¹⁵ TITO FILHO, 1973. p. 27.

²¹⁶ BARTHES, Roland . *Semiologia e urbanismo*, Hill and Wang, Nova York, 1988. Tradução de Murillo Mendes.

Aqui, utilizamos a escrita de A. Tito Filho como ponto chave para a discussão sobre a cidade e seus símbolos a partir do olhar do escritor-habitante. Para Barthes, todo espaço humano em geral sempre foi espaço de significação, a cidade ocupada por seus habitantes e leitores gerando imagens e impressões. A. Tito Filho sendo ao mesmo tempo criatura da cidade e criador de discursos, depois de ter elencado símbolos e memórias de uma Teresina do passado, chama para si a cidade do seu presente:

1973- tantos anos depois dos brincos juvenis- eu ainda a sinto e a estimo como a mais afetiva, a mais tranquila, a mais pitoresca de todas as cidades do mundo. E tenho razão. Quem aqui chega para o exercício de deveres, ou para serviços de emprego fixado, não quer mais deixá-la. Só se retira o gancho, depois de esgotar os recursos das amigadas protetoras, dos padrinhos, dos pistolões. Aqui não *há estrangeiros*. Há teresinenses. Poucos meses de assento- e o sujeito está dono da cidade. E merecendo homenagem. E casando por aqui mesmo. E fabricando menino na chapada do corisco. E menino nascendo na Maternidade Evangelina Rosa. Uma jóia- Teresina. Vem vê-la, brasileiro e a aclamarás comigo²¹⁷.

Essas experiências narradas por A. Tito Filho vão ganhando novos significados, “o tempo vivido era recriado a partir do modo particular pelo qual entendia o seu presente”²¹⁸. A. Tito Filho tornou-se narrador e personagem, assumiu o lugar de homem-memória,²¹⁹ podemos observar que não só a cidade é celebrada, a sua figura também é foco das narrativas:

Escritores têm-na definido e revelado: poetas têm-na cantado e exaltado. E são tantos. *De mim, quero-lhe um bem permanente e não a troco por riqueza alguma, por paisagem outra, que seja melhor do que a paisagem teresinense*. Conhecendo-a como conheço, nas suas virtudes e desvirtudes, e por considerá-la tão original nas suas virtudes e desvirtudes- em razão disto desejo que todos a conheçam, que venham vê-la no seu afeto permanente, na sua tranquilidade espiritual, no pitoresco das suas cousas e da sua gente.²²⁰

Para A. Tito Filho, existiam ainda pessoas que eram consideradas como símbolo da história e da memória da cidade. Em muitos de seus textos, ele rememora a figura de Maria Preá, uma prostituta muito conhecida na década de 1940. Quando Ítalo Calvino fala da cidade invisível Tamara, chama atenção para os símbolos que dão significados à cidade, “a prisão, a casa de moeda, o bordel... o olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas...”²²¹ é

²¹⁷ TITO FILHO, 1973, p. 27.

²¹⁸ BALABAN, Marcelo. Memórias de um demônio aposentado: literatura e vida literária em Bastos Tigre. In: CHALOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2005.

²¹⁹ BALABAN, 2005, p. 368.

²²⁰ TITO FILHO, 1973, p. 27. Grifo do autor.

²²¹ CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.18

este olhar que procuramos despertar, a cidade que passou a ser texto escrito:

Teresina lembra a Maria Preá. Quem não conheceu, anos atrás, alguns anos atrás, aí pela década de quarenta, a Maria Preá?, bem sacudida, passeava as ruas, olhares provocantes como as carnes. Era uma tentação, uma provocação, uma danação. DE Nápoles se diz: ver Nápoles e depois morrer. De Maria Preá se diria: passar uma noite no aconchego do seu calor de vida, já era a própria vida. Não se morria, vivia-se. Popularíssima a divina Preá. Chamariz de desembargadores, também de operários e estudantes sem dinheiro. Um dia Maria Preá foi-se embora. Cada dia mais esbelta, mais desejada eram, porém, poucos os dinheiros para o futuro. E assim foi que arrumou os vestidos berrantes no baú de couro, pegou trem para São Luís, meteu-se na segunda classe do navio da Ita- e deu às praias do Rio de Janeiro. No Rio, Maria Preá era uma festa. Cada dia mais enfeitada, mais cobiçada. Usava chapéu de penacho. Carnes gordas, apetitosas. Jóias em todos os dedos. Pó de arroz, ruge, batom- tudo a enfeitava...

Ainda sobre a personagem Maria Preá, A. Tito Filho elenca algumas das características que faziam daquela senhora uma teresinense:

Alguns anos de Rio deram boa situação financeira a Maria Preá. Sofisticou-se no trajar, no andar, no falar. O coração, porém, era o coração de Teresina, que não desconhecia os *quebrados*, o operário de salário pequeno e os estudantes de mesada paterna raquítica. Preá tinha nascido para o *amor* da humanidade. Por mais que se enfeitasse, que se sofisticasse, que enriquecesse, que se cobrisse de miçangas e de chapéus espalhafatosos, por mais que forçasse requebros, que se *estrangeirasse*, Maria Preá não escondia o ar brejeiro, o olhar que todos admiravam em Teresina, aquele jeitinho faceiro de gente da cidade pacata.²²²

Para Michel de Certeau, a cidade é lugar praticado, a condição da vida urbana é a ação, “à *vita activa*”,²²³ o homem urbano não se limita apenas a trocas comerciantes ou consumo de símbolos, “praticar um lugar qualificado como urbano é levar em consideração um “tipo de homem”, e lembrar que para os gregos, o espírito da cidade não passa necessariamente por uma inscrição territorial”,²²⁴ a cidade ultrapassa as condições territoriais, possibilitando assim experiências singulares, que desenvolvem outros níveis de saberes, outras linguagens.

Ao classificar a cidade como o teatro da vida ativa, Olivier Mogin caracteriza a experiência urbana enquanto uma encenação que permite aos urbanos “se expor”, se exteriorizar. A cidade não cede lugar a uma oposição entre sujeito individual -desfrutador de uma experiência corporal sempre reinventada- e uma ação pública organizada, ela gera uma experiência que entrelaça o individual e o coletivo, “ela se coloca, ela própria, em cena, deitando palcos nas praças”.

²²² TITO FILHO, 1973, p. 33.

²²³ MONGIN, 2009, p. 36.

²²⁴ MOGIN, 2009, p. 36.

A cidade é capaz de orquestrar relações entre termos aparentemente antagônicos, uma dialética interminável, a exemplo do que é público e privado, e os escritores constroem seus discursos em favor dessa dialética. Para Olivier Mogin, a primeira linguagem que permite qualificar a experiência urbana é a do poeta e a do escritor, “a das palavras e de sua rítmica”,²²⁵ A. Tito Filho, procura criar roteiros da cidade dentro da sua escrita, evidenciando os bairros, as praças e a própria experiência da dimensão corporal que o habitante vivencia, “a cidade vista como um corpo e a cidade vista como um tecido de trajetórias corporais infinitas”.²²⁶ A. Tito Filho constrói um roteiro a partir do aeroporto, no momento em que o visitante desce do avião e se depara com “a pracinha bem cuidada, onde a noite os namorados se beijam...”, a seguir:

De avião, como é óbvio, descerás, brasileiro ou brasileira de outras plagas- no aeroporto de Teresina. Alegre e festivo. Um encanto para visitação. Dois andares. Defronte a pracinha bem cuidada, onde de noite os namorados se beijam, sem nenhum receio. Do aeroporto, tomando rumo da esquerda, alcanç ar s o bairro proletário Poti Velho- com a igreja mais do que centenária e o Poti de boa pescaria. Asfalto em todo o percurso pintado de casinhas humildes, em que mora gente acolhedora. Tomando o rumo da direita, comprida avenida- habitada de classe média- e os dois velhos cemitérios superpovoados. O Instituto de Educação. Aqui seguir s pela esquerda- para que atinjas a zona militar, a estação da estrada de ferro, a Avenida Frei Serafim- e poder s seguir pela esquerda, até que encontres o Poti e alcances bairros novos, o do J quei Clube e o São Cristovão, nos quais habita uma pequena burguesia quase classe média. Caso não queiras, cortar s a Av. Frei Serafim para novos bairros- a Piçarra, a Catarina, Cristo Rei, Monte Castelo, onde se ergue a majestosa TV- Rádio Clube. E poder s prosseguir para o encontro com a Vermelha, com o Estádio Albertão, com a monumental ponte sobre o Parnaíba que te levará a Timon (Maranhão), Caxias, São Luís. Se não quiseres cortar a Frei Serafim, poder s dobrar   direita, e percorrer essa Avenida de beleza. Estar s no coração de Teresina, igrejas, Karnak, praças, zona bancária, zona comercial, cinemas, gente que se acotovela, que ruma problemas, *que às vezes caminha para espai ecer...*²²⁷

A. Tito Filho, traz em sua escrita a experiência de existir na cidade, em uma época em que os “homens entrecortados pelas sutilezas de uma vida urbana, matizados pelas forç s do cotidiano, vivendo a experiência do choque frente a um mundo em efervescente transformação”,²²⁸ fazendo com que a cidade seja exaltada e vivenciada por seus habitantes, tendo nas suas narrativas a valorização deste espaço. Símbolos da cidade, como a Praça Rio Branco, a Praça da Bandeira, os Rios Parnaíba e Poti e suas lavadeiras, a Igreja São Benedito, a Rua Paissandu- conhecida como a zona de meretrício da cidade, fazem parte do que A. Tito

²²⁵ MONGIN, 2009, p. 41.

²²⁶ MONGIN, 2009, p. 41.

²²⁷ TITO FILHO, 1973, p. 45.

²²⁸ ANDRADE, José Maria Vieira de. Fantasmagorias do tempo e da cidade: história e experiência urbana na produção intelectual de O. G. Rêgo de Carvalho. In: OLIVEIRA, Marylu Alves; SILVA, Mairton Celestino da. (Org.). *Histórias: do social ao cultural, do cultural ao social*. Teresina: EDUFPI, 2015. p.264.

Filho intitula de “roteiro de Teresina”:

Aqui tens a praça Rio Branco, o coração comercial da cidade. De manhã, mulatas, morenas, louras, casadas e solteiras, brotos, coroas e matronas circunspectas, praticam o entra e sai, visitando as dezenas de casas comerciais, existentes na praça e nas ruas vizinhas. Senhores sisudos, estudantes, gente de todo naipe- paqueram, conversam, trocam dedos de prosa e contam as últimas sempre com um aumentozinho- o aumentozinho maledicente. Há encontro de poetas, jornalistas, de intelectuais. DE tarde, a partir das 16 horas, a movimentação, é intensa. De noite a praça fica deserta, como cidade abandonada de cinema de bandido norte americano. No rumo do rio Parnaíba, saindo-se da Praça Rio Branco, chegarás ao Parque da Bandeira- bem cuidado, bem cercado, paraíso da criançada e convite ao descanso. Pares de namorados, nos bancos, dão mais graça à festiva paisagem verde. Defronte do parque, o Hotel Piauí, linhas modernas, elegante, luxuoso. Um dia percorri todos os seus aposentos, mostrando-os a um casal amigo que se acompanhava de uma senhora viajada, recém-chegada com o esposo, para habitar a cidade. E ela me disse: - Nem em Paris vi hotel como este.²²⁹

A narrativa de A. Tito Filho é perpassada por elementos tanto estruturais quanto temáticos que fazem da cidade e espaço de confronto entre “um mundo inserido na temporalidade, sujeito à mutabilidade e à destruição, e a busca pela a constituição de um espaço ideal... associado a eternidade”.²³⁰ É nesse confronto entre o mutável e o permanente que A. Tito Filho faz de Teresina “afetiva, tranquila e pitoresca”, a cidade de ontem e a cidade de hoje, vividas na sua escrita:

Haverá de ver o bas-fond da rua Paissandu, perto da beira do rio Parnaíba. Bem sabes que beira de rio fabrica geração de *mariposas, ou pegas, ou horizontais, ou prostitutas*. A prostituição da bisavó na avó, na filha, na neta, na bisneta, da forma que Assis Brasil contou. A rua Paissandu é mais conhecida aqui do que pai-de-santo na Bahia. Basta que perguntes: -onde fica a *zona*? E do menino ao barbado obterás resposta: -Moço, vá por ali que não se perde. DE dia quase todos dormem ou repousam esperando a noite, como se faz Las Vegas. DE noite, começa o espetáculo nos botequins, nos *freges*, que vendem cachaça e comida, nos *cabarés* que são muitos e quase grudados uns nos outros. Homens e mulheres de todos os feitios- mulheres que vivem o drama humano e social de ingressar nessa profissão de que a bíblia dá conta. Uma reprodução de Casabah, de Casablanca. Dança-se e bebe-se muito antes do pecado final. Pistões derramam sons estridentes repetindo sambas de amor e recordando a ingratidão dos homens e das mulheres. Boêmios, cáftens, caftinas, gigolôs se misturam e se baralham. Um saxofone vomita a dolência de músicas que falam de amor. Cantores mambembes arrancam do peito versos de saudade de outros tempos. Ébrios cambaleiam. As meninas, sentadas nos batentes, postadas nas esquinas, *convocam*, mas quase sempre são desprezadas . AS mais felizes se *casam* na mesa da bebida e no aconchego dos quartos mal iluminados, ainda que por alguns instantes. Com a madrugada, o cansaço da espera , ou o cansaço da noite de álcool e de comércio . Muitos pagam a *mercadoria* com a ceia madrugadina. Olhos e corações mortos- o sono mal dormido, o acordar sem horizontes- mas o dia seguinte será sempre outro dia...²³¹

²²⁹ TITO FILHO, 1973, p. 50.

²³⁰ ANDRADE, 2015, p. 265.

²³¹ TITO FILHO, 1973, p. 54.

A. Tito Filho traz a cidade e suas sensibilidades, “lidar com a sensibilidade é tarefa difícil, mas, sobretudo, instigante, pois não se trata de algo que se situe no domínio do explícito, mas das insinuações, dos silêncios, dos recursos metafóricos da linguagem, das dimensões implícitas no jogo do social”²³². Ao falar das mulheres de Teresina, A. Tito Filho diz que estas se comunicam com os olhos, são virtuosas e não gostam de futilidades:

Não te falei da mulher teresinense. Da mulher virtuosa, plena, de dedicação à coletividade. Sincera. Compreensiva e justa. Mas devo falar-te notadamente das mulheres que, como mulheres, buscam as delícias do flerte e do namoro, as que ainda não se casaram. Não gostam de homens fúteis. Admiram a inteligência masculina, os gestos de delicadeza, o desprendimento. Não se encantam com riquezas materiais. Pelo contrário, escravizam-se ao espiritual, à grandeza de sentimento. As exceções confirmam a regra. E uma característica de nossas meninas: começam a revelar o amor, o sublime sentimento do amor, com o olhar- com a linguagem que as garotas de Teresina inventaram. Com os olhos dizem tudo. É necessário que com os teus olhos sintas a mensagem que vem dos olhos delas. Nunca te declares a garota de Teresina sem que tenhas recebido a aprovação do seu olhar, pois os seus olhos sabem falar a linguagem que vai direto ao coração, para depor o que o coração de cada uma está sentindo. A teresinense tem olhos de querer e de não querer...²³³

A. Tito Filho finaliza *Teresina meu amor* falando do processo de “Teresinação”, verbo que ele cria para aqueles que visitam ou habitam a cidade de Teresina, relembra os nomes de alguns bairros antigos e fala de saudade:

Deste preferência ao regresso. Não pudeste ficar. Mas participaste de um processo de *teresinação* dos teus sentimentos. Estiveste no patamar da igreja São Benedito? Com certeza... Saudade dos bairros velhos, -a Barrinha, a Vermelha, o Mafuá, o Buraco da Velha, o Barracão, os Cajueiros, a Baixa da Égua, São Raimundo, Piçarra, Poti Velho, Teso Duro, Poções, Noivos, Catarina, São Joaquim, Matadouro, Pirajá, Estrada Nova, Pacatuba- saudade das ruas de outros nomes- Amparo, Glória, Estrela, Negros, Fio, Grande, Bela- nomes que se transformaram em homenagem- uma saudade- uma saudade sem lágrimas, a pior de todas, parada na garganta...²³⁴

Fala ainda sobre as noites na cidade, seus divertimentos “os pares agarradinhos”, a noite é o momento onde os sons ecoam pelas ruas, tem o aspecto romântico, os conquistadores, as experiências boêmias, os encontros populares, a *Teresinação* e a cidade dos estrangeiros e dos teresinenses:

As noites aqui foram feitas para o amor- e na quase escuridade dos cinemas, nas esquinas estratégicas, nos bancos das pracinhas de encanto, verás os pares agarradinhos, arrulhando afeto, cheirando-se, polícia distante, gente que passa

²³² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 223.

²³³ TITO FILHO, 1973, p. 57.

²³⁴ TITO FILHO, 1973, p. 72.

fazendo que vê. Juca Chaves costuma dizer no Rio de Janeiro: -se peito fosse buzina ninguém dormia em Teresina. Se já a viste, brasileiro de paisagens tantas, ou irmão de outras terras, da Oropa, França e Bahia, Teresina viverá em teu coração. SE não quiseste ficar, porque assim foi tua determinação, volta- e se ainda não conviveste com este trecho de grandeza humana- vem, Teresina te espera, buliçosa, mas sempre afetiva, tranquila e pitoresca.²³⁵

Toda cidade possui marcos de memórias peculiares, diferenciadas, multifacetadas²³⁶ neste capítulo, falaremos ainda da cidade que A. Tito Filho citou e recitou manifestando aspectos da vivência cotidiana, urbana e particularmente das suas experiências afetivas.

4.1 Tempos de memória

1932, encontrei toda a vida social artística em torno do Teatro 4 de setembro, era uma casa de espetáculo que vivia no coração da família teresinense, desconfortável, cadeira de pau, pouca circulação de ar, muito quente, mas ainda assim o teatro vivia constantemente pleno de assistentes, pleno de plateia, eu diria que o teatro tinha um público certo, um público que o lotava, quando vinham aqui as grandes companhias teatrais de humorismo, humorismo até sadio, meio brincalhão, humorismo jocoso. Quando o nosso grande Pascoal Carlos Magno representou o Charles P. no Teatro 4 de setembro ou Macbeth ou Otelo, o teatro esteve praticamente seco de gente, não houve ninguém, porque não havia a mentalidade popular, não havia nem da classe média, nem das elites talvez, se não de algum punhado da elite intelectual, mas não havia quem compreendesse aquele ensaio de Charles P., a vida de Teresina era, existia toda em torno desse teatro, ali houve os grandes bailes no tempo da república, bailes maravilhosos foi ali que Coelho Neto dançou em 1899 e deixou de presente à Teresina a intitulação de Cidade Verde. Todo domingo havia a hora artística familiar às dez horas da manhã, o que era essa hora artística? Gente da terra, as senhoras pianistas, os homens tocadores de flauta, era o que o teatro representava na vida da gente, toda a espiritualização de Teresina.²³⁷

O fragmento acima, a transcrição de uma entrevista rara que A. Tito Filho, concedeu ao artista e escritor piauiense Manoel da Cruz Nascimento na década de 1980. Ao ser questionado sobre a importância do Teatro 4 de Setembro, para a cidade de Teresina, A. Tito Filho recorda suas vivências e experiências relacionadas ao Teatro. Ao procurarmos compreender uma cidade, é preciso analisar os elementos que a compõem: ideias, símbolos, homens, sociedade. Cada cidade possui sua dimensão simbólica, aqui estudaremos uma Teresina a partir de um discurso literário.

Falaremos de memória, considerando que: “a memória é uma atualização permanente da experiência vivida”,²³⁸ aqui, analisaremos os textos em que A. Tito Filho traz o Teatro como ponto central de cultura na cidade de Teresina. Tendo como ponto de partida o livro

²³⁵ TITO FILHO, 1973, p. 79.

²³⁶ MATOS, 2007, p. 164.

²³⁷ 100 ANOS DE TEATRO 4 DE SETEMBRO. Direção: Grupo Harém de Teatro. Produção: Maneco Nascimento. Teresina, 1994.

²³⁸ CATROGA, Fernando. Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história. Coimbra, Almedina, 2009.

Praça Aquidabã, sem número, datado de 1975, que foi encomendado pelo governador Alberto Tavares Silva, para ser distribuído na reinauguração do Teatro, conta a história do Teatro 4 de Setembro “o antigo casarão da Praça Pedro II deve tornar-se palco de leitura, de observação, de comunicação...”²³⁹

O prefácio do livro foi escrito por Alberto Tavares Silva, governador do Estado no período, dando destaque à importância do Teatro 4 de Setembro para vida cultural da cidade afirma então que: “o Teatro 4 de Setembro entregue ao público em 1894, foi, durante longos anos, o ambiente festivo da vida teatral e literária da cidade”.²⁴⁰

A. Tito Filho inicia sua narrativa dedicada a história do Teatro 4 de Setembro com a seguinte explicação:

Estas páginas são resultado de pesquisas feitas em um mês, apenas. Como se vê, pouco tempo houve para registro completo de todos os episódios que constituem a história do Teatro 4 de Setembro, inaugurado em Teresina nos últimos anos do século passado...De modo especial, por razão de justiça, dedico este livro a Alberto Tavares Silva, governador dos piauienses no período de 15-03-1971 a 15-03-1975. Se lhe falecessem os méritos do administrador de visão objetiva, que tanto construiu, com um conjunto de homens capazes- em seu favor estariam o extraordinário impulso ao desenvolvimento do processo cultural piauiense e o ressurgimento do Teatro 4 de Setembro, depois de longo período de inatividade e de seu quase estado de ruína.²⁴¹

É importante perceber a relação entre o lugar de fala de A. Tito Filho, o livro foi feito por encomenda do governador, com a intenção de se construir um documento que contasse a história do Teatro. A. Tito Filho havia sido nomeado secretário de cultura nos últimos meses de mandato de Alberto Silva. No texto a seguir, observamos a história de como o livro foi produzido, os detalhes e a “autopromoção” que o próprio A. Tito Filho, faz de si mesmo, ao escrever sobre as noites mal dormidas devido as pesquisas e devido a escrita e ainda destaca como a sua obra foi pioneira:

Era o último mês de 1974, quando Alberto Silva me nomeou Secretário da Cultura do Piauí. Pela Frente, eu contava com os meses de janeiro, fevereiro e a quinzena de março, pois a 15 deste último mês, ano de 1975, a administração do Estado passaria a Dirceu Arcoverde. Enfrentei problemas, ajudado de competentes e corretos auxiliares. Chegava ao fim a recuperação do Teatro 4 de Setembro, um dos notáveis serviços de Alberto Silva. Primeiros dias de fevereiro, Armando Basto, hoje o grande ausente, exigia da minha pequenez a história do Teatro. Encontrei tempo suficiente, nas noites indormidas. Nada existia sobre o assunto. Ao menos se sabia o motivo de ser chamado **4 de Setembro** a querida casa de espetáculos de Teresina. Mergulhei em velhos jornais. Em dez dias pude levantar dados e cumprir a severa

²³⁹ TITO FILHO, A. *Praça Aquidabã, sem número*. Teresina: Artenova. 1975.

²⁴⁰ TITO FILHO, 1975, p. 8.

²⁴¹ TITO FILHO, 1975, p. 17-18.

incumbência. Passado o carnaval, segui para o Rio de Janeiro e editei o livro na gráfica do poeta Álvaro Pacheco. Nenhum tostão me foi pago. Hoje o Teatro tem dez mil historiadores. Todos me copiam e ao menos dizem de onde copiaram. E copiam mal. Teresina e as instituições possuem nos dias atuais uns vinte mil historiadores, quarenta mil poetas, e raros são os que citam as fontes verdadeiras da vida da capital piauiense: Clodoaldo Freitas, Monsenhor Chaves, Celso Pinheiro Filho, Romão da Silva e Josias Carneiro da Silva. **De mim, comecei a divulgar Teresina no seu passado romântico, feliz, alegre, bendito.** Volto ao Teatro. Com muito esforço e dedicação se organizou o belíssimo programa de reinauguração: Orquestra Sinfônica Nacional, corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, peça teatral de José Gomes Campos e atrações, como o cantor Gilberto Gil e o Madrigal Palestrina, do Rio Grande do Sul. Na bonita solenidade, cada convidado recebeu o livrinho **PRAÇA AQUIDABÁ, SEM NÚMERO**, resultado de minhas pesquisas noturnas e madrugadinas. Consegui a nomeação de Tarciso Prado como primeiro diretor da nobre casa, centro de imensas belezas do passado teresinense.²⁴²

A. Tito Filho relembra a Teresina de outros tempos, da infância, construindo símbolos sensíveis da cidade. Para a pesquisadora Ana Cristina Brandim, as lembranças são capazes de criar suas próprias cidades: “cidades submersas na memória... Mas estas estão a mercê do tempo e das mudanças empreendidas na materialidade do espaço, principalmente aquelas oriundas de projetos e propostas que visam à substituição de uma cidade por outra ou a reformulação/adaptação do espaço”²⁴³. No texto a seguir, A. Tito destaca o período em que o Teatro 4 de Setembro foi transformado em cinema:

Na meninice vadia, em 1933, comecei a frequentar o 4 de setembro, transformado em cinema. Novembro daqueles anos, Alfredo Ferreira, velho e bom amigo que o segredo da morte arrebatou, inaugurava o filme falado no velho casarão da atual Praça Pedro II. Se me lembro e quanto dos famosos seriados, dos primeiros filmes de Tarzan, dos terríveis padecimentos daquele que a imaginação de Dumas transformaria no rico, poderoso e vingativo conde de Monte Cristo, - e parece que ainda se fixam na memória, com nitidez espantosa, as **gags** de Oliver Hardy e Stan Laurel (o Gordo e o Magro) e o humorismo permanente do homem que não ria, Buster Keaton. Heróis e heroínas da infância, da adolescência e da mocidade, dum tempo que o tempo sepultou mas impossível que a lembrança possa sepultar.²⁴⁴

O historiador Antônio Paulo Rezende afirma que a história é a construção da possibilidade, para ele, presente, passado e futuro misturam-se na tentativa de se construir nossas narrativas. Na história, não existe tempo linear e, sim, um profundo diálogo entre os três tempos, uma “simultaneidade avassaladora”.²⁴⁵ Desta forma, temos aqui uma tentativa de utilizar as lembranças evidenciadas pelo autor como narrativas literárias da cidade em conexão com o seu tempo. A experiência literária traduzida nos textos de A. Tito Filho é

²⁴² TITO FILHO, 1989, p. 33.

²⁴³ BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. A crônica como escrita autobiográfica: A. Tito Filho e a invenção de si. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho, 2011.

²⁴⁴ TITO FILHO, 1975, p.18.

²⁴⁵ REZENDE, Antônio Paulo. *Ruídos do efêmero*: histórias de dentro e de fora. Recife: Ed. UFPE 2010. p.25.

compreendida como registros de uma vivência, social e coletiva; imagens e pensamentos que trazem referências efetivas de um tempo. No texto a seguir, A. Tito Filho recorda sobre como burlava a entrada no teatro, no ato em que ele nomeia “varar”, entrar o Teatro sem pagar:

Bem vivas as recordações dos dias em que o castigo paterno recusava o dinheiro semanal da diversão. Que fazer? Bolsos vazios, surgiria o moleque, igual aos outros pela mesma forma personificados: falta dos tostões para o reencontro dominical com artistas e bandidos cinematográficos de Hollywood. O jeito estava em **varar** o cinema e **varar** correspondia a atitudes de acrobata de circo: a gente saltava a grade de ferro do 4 de Setembro. Chegava-se à área arborizada. Daí a parede lateral eram poucos passos- e subia-se com a ajuda das saliências da construção até atingir as janelas do andar superior- sempre abertas por necessidade de ventilação- e facilmente se transpunha a grade. O cinema adquiria mais um frequentador sem pagamento dos 1 \$100 (mil e cem réis) de entrada. Tempo bom de meninice irresponsável.²⁴⁶

O pesquisador Alessandro Portelli, ao dialogar sobre o uso da memória e da história oral, chama atenção sobre o respeito que devemos ter em relação fonte pesquisada, ao objeto pesquisado e sobre o ator principal da pesquisa. Neste caso, temos os textos escritos por A. Tito Filho e suas recordações sobre a cidade, sobre as vivências no Teatro. Portelli, afirma que “pessoas não livros, não podem ser estudadas como livros nem sequer podem ser *colocadas* nos livros. Há uma relação complexa entre as pessoas, as histórias que contam, e os livros que lemos, que estudamos e que escrevemos”.²⁴⁷ No texto a seguir, A. Tito Filho continua suas recordações sobre as entradas burladas no teatro e evoca novos personagens em suas lembranças, destacando a bondosa madrinha que o acobertava nas “varações” e seu encontro amoroso com “um morenã bonito, de cabelos negros e seios empinados”:

Alfredo Ferreira, o proprietário, mantinha fiscais para surpreender os **varadores**, e estes, quando pegados com a boca na botija, eram expulsos pela porta principal. Mas comigo sucedia, às vezes, de modo diferente, pois eu tinha madrinha de excelsa bondade, justamente a madrinha que se encarregava, alguns instantes, da porta de entrada dos frequentadores- D. Farisa, esposa de Alfredo Ferreira, coração de afeto e de virtude. Pois quando surpreendiam em varação e me levavam a saída, D. Farisa, quase a piscar-me um dos olhos atestava: - Esse, não. Pagou a entrada. Eu vi. - Quando na portaria não se encontrava D. Farisa, o jeito era deixar o cinema. Foi no quatro de setembro que um morenã bonito, de cabelos negros, seios empinados, sem sutiã, me iniciou nas práticas amorosas de bolinação de virgem. E ainda, no 4 de Setembro assisti, no governo de Leônidas Melo, a notáveis representações teatrais- e muito me recordo da companhia Álvaro Pires, que o governante trouxe do Rio de Janeiro para divertir e educar a comunidade teresinense.²⁴⁸

²⁴⁶ TITO FILHO, 1975, p. 19.

²⁴⁷ PORTELLI, Alessandro. Ensaio de história oral/[seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e voz, 2010.

²⁴⁸ TITO FILHO, 1975, p. 19.

Se, como advertiu Fernando Catroga, a memória individual é formada pela coexistência de várias memórias que estão em permanente construção “devido a incessante mudança do presente em passado e às alterações ocorridas no campo das *re-presentações* (ou *re-presentificações*) do pretérito. Significa isto que a recordação, enquanto presente-passado, é a vivência interior...”,²⁴⁹ temos nas recordações de A. Tito Filho, a construção de uma memória individual, marcada por nomes e experiências vividas na cidade, no Teatro. No texto a seguir, A. Tito Filho destaca a importância das manifestações artísticas que marcaram a existência do teatro e da sociedade teresinense, as representações dominicais “que a memória não pode esquecer”:

Era bom. Eu não havia nascido ainda e no Teatro 4 de Setembro teve início a HORA ARTÍSTICA FAMILIAR; uma beleza de programa, aos domingos. A 31 de julho de 1921, nessa última e mais gentil manifestação da arte entre nós, como dirigia Higinio Cunha, a talentosa Durcila Batista, entre outras senhoras ilustres, interpretou A TRAVIATA no bandolim. Muitos outros espetáculos se seguiram. Depois outra denominação teve essa magnífica convivência espiritual da sociedade Teresinense: HORA DA ARTE, cujas representações dominicais, pelas dez da manhã, eu aplaudia e delas a **memória não pode esquecer**, tamanha a graça das garotas e a segura direção das senhoras participantes. Momentos impagáveis deixaram na gente saudades que só a morte tem o condão de apagar. Na minha lembrança permanente se encontram Maria Lúcia Pereira da Silva, Rolsida Brito, Amariles Carvalho, Aurora Fonseca...em 1934 dançaram e cantaram no Teatro meninas educadas e esbeltas...O velho Teatro ouviu a flauta de Agripino Oliveira, o violão de Alcides Gomes da Silva e o violino mágico de Moura Rego. Nele declamou Celso Pinheiro e Higinio Cunha fez oratória de homem culto. Era bom. A sociedade Teresinense possuía preocupações com a arte. A diversão de todos tinha o lado alegre, sadio, decente.²⁵⁰

Para Jeanne Marie Gagnebin, rememorar é ter uma atenção precisa ao presente, “em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente”²⁵¹, este agir sobre o presente aparece com frequência nos textos de A. Tito Filho, no texto a seguir, observamos um passeio pela memória histórica do Teatro, a sua fundação, o seu abandono pelos poderes governamentais e a sua reforma na década de 1970:

Faz muitos anos vivo em Teresina. Para esta cidade vim nos meus oito anos de idade. Comecei a frequentar o Teatro 4 de Setembro em 1933, quando pelos esforços do interventor Landri Sales, teve início o cinema falado na capital piauiense, confiado aos irmãos Ferreira, Alfredo e Miguel. Adolescente, a velha casa de espetáculos representava a minha diversão predileta, os filmes de caubói e os de

²⁴⁹ CATROGA, 2009, p. 98.

²⁵⁰ TITO FILHO, José de Arimathéa. Crônicas. Organização de José Elias Arêa Leão. Teresina: Gráfica e Editora Júnior/Secretaria de Cultura do Piauí, 1989.

²⁵¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006. p. 55.

aventura. Nunca li cousa alguma sobre a história do Teatro, nem jornal, revista ou livro. Eram desconhecidos os fatos sobre essa entidade querida, dos Teresinenses, aqui e ali aleijada pelo desamor de alguns e ambições de outros. Inaugurado em 1894, o 4 de Setembro tinha, de ambos os lados, áreas arborizadas e cercadas de grades de ferro. Serviam à ventilação e facilitariam o escoamento das pessoas, em caso de incêndio. Pois bem. No primeiro centenário da cidade, em 1952, arrendou-se a área da direita, que, derribada, cedeu lugar a um restaurante, transformado em boteco de cachaças com o andar do tempo. Liquidou-se a área do outro lado e nela se ergueu uma construçãozinha de dois pavimentos: no de baixo, venda de guloseimas, no superior, jogatina dia e noite. Ô Progresso, quantos crimes se cometem em teu nome? Em 1970, já que não era possível frequência ao Teatro. Dele se afastaram senhoras e senhoritas. Insuportável fedentina. Cadeiras quebradas. Desrespeitos da molequeira presente aos filmes constantes de faroeste. O primeiro governo de Alberto Silva enfrentou o problema. Havia necessidade de que o velho Teatro voltasse a ser o centro da vida artística dos teresinenses. Retornar-se-ia passado, numa meritória homenagem aos antepassados, aos que alegraram as inesquecíveis noites teresinenses de outrora.²⁵²

A história enquanto estudo, produção de conhecimento e análise é capaz de desvendar marcas e significados, tendo a diversidade de fontes como principal intermediário “há, entretanto, um conjunto de especificidades relativas ao trabalho com cada uma dessas fontes, indissociáveis de uma série de problemas técnicos e mesmo teóricos que remetem o historiador a um constante diálogo interdisciplinar”²⁵³, desta forma, trabalhamos com a relação entre cidade e literatura, empregando como elemento mediador, a produção escrita de um homem das letras, que se autoafirma enquanto produtor de conhecimento e cultura.

Para Roger Chartier “é no testemunho da memória, na recordação da testemunha, que a história encontra a certeza na existência de um passado que foi, que já não é mais e que a operação historiográfica pretende representar adequadamente no presente”²⁵⁴. Utilizamos textos escritos por A. Tito Filho que trazem a memória como ponto de partida para vivenciar a cidade, o teatro, a Teresina que também é literatura.

Adentrando na Teresina descrita por A. Tito Filho, podemos compreendê-la de uma maneira literária, uma cidade descrita de forma mais delicada e poética, fazendo o leitor sentir vontade de conhecê-la e habitá-la. Ítalo Calvino observa: “de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá as nossas perguntas”.²⁵⁵

²⁵² TITO FILHO, 1989, p. 32.

²⁵³ MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: combates pela história. In: História oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, v. 10, n. 1, jan-dez. 2006. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de história Oral. p.27-42.

²⁵⁴ CHARTIER, Roger. A força das representações: história e ficção. João Cezar de Castro Rocha (Org.) Chapecó, SC: Argos, 2011. p.117.

²⁵⁵ CALVINO, 1990.

A. Tito Filho expôs as sensações, foi revelador de sentimentos e sensibilidades e depositário da memória,²⁵⁶ a cidade de Teresina é fonte de memória e suas imagens interagem numa teia de relações cotidianas. Toda cidade possui suas imagens e suas metáforas. Observamos o teatro como um dos símbolos da cidade pulsante e vivenciada por A. Tito Filho, traçando assim as trilhas que redefiniram suas relações sociais, o cotidiano, que revela como o habitante da cidade se vê e como se organiza para viver. Antônio Paulo Rezende afirma que a cidade é vítima dos desatinos dos que se perdem na dimensão do tempo,²⁵⁷ A. Tito Filho ao trazer o Teatro como símbolo de Teresina, também se perde no tempo ao relembrar a trajetória do Teatro, enquanto cinema, enquanto espaço de abandono e espaço de reformas para novas vivências.

4.2 Vem teresinar! A. Tito Filho e a cidade literária

“Na tua terra te perguntarão por onde andaste. E dirás, cheio de saudade, com vontade de ver de novo: - Teresinei.”²⁵⁸

“Ninguém se esqueça de um terreiro de umbanda, nem das churrascarias, nem das boates e restaurantes que tanto alegram as noites teresinenses. Iguarias típicas e frutas de muito prazer a barrigas exigentes- mel de rapadura, aipim cozido, batata doce, beiju, buriti, bacurí...tudo isto dá gosto viver por cá”.²⁵⁹

Na perspectiva de caracterizar a cidade de Teresina, como cidade literária, temos como ponto de partida a discussão sobre literatura e história. Para Roger Chartier,²⁶⁰ existem duas principais maneiras de se entender essa relação, a primeira enfatiza a aproximação plenamente histórica dos textos, identificando, histórica e morfologicamente, as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e na publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção do seu sentido.

É preciso compreender que o sentido dos textos é resultado de uma negociação. A segunda maneira que Roger Chartier elenca sobre como se entender a relação entre literatura e história, é que alguns textos literários trazem uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e a transmissão do mistério estético, sendo que a escritura, o livro e a leitura são objetos da ficção.

²⁵⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista*: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 165.

²⁵⁷ REZENDE, 2008, p. 50.

²⁵⁸ TITO FILHO, 1973, p. 64.

²⁵⁹ TITO FILHO, A. *Crônica da cidade amada*. Teresina: COMEPI, 1977.

²⁶⁰ CHARTIER, Roger. Debate: literatura e história. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 197-216, 1999.

Para o pensador francês, a instituição literária possui três principais requisitos: a identificação do texto como um escrito fixado, estabilizado e manipulável; toda obra é produzida para um leitor que lê para si; a caracterização da leitura como atribuição do texto a um autor e como uma decifração do sentido. Antes de qualquer coisa é necessário um distanciamento com esses três supostos para compreender quais foram as razões da produção, as modalidades das realizações e as formas das apropriações das obras do passado, e compreender também sua própria historicidade e sua instabilidade.

Toda produção literária possui sua escritura, a estética que a governa, a forma da publicação e a figura do seu destinatário,²⁶¹ cada obra possui experiência única e um efeito sobre a sensibilidade, devemos nos aproximar das diversas formas que regem a produção de um texto, considerando como essenciais suas variações, segundo os tempos e os lugares. O que está em jogo ao se trabalhar com a literatura como fonte, não é só a historização das categorias, mas, a introdução de uma inquietação essencial no que se refere à relação do leitor com o texto. Não se podem naturalizar os discursos, e, sim, buscar a partir dos discursos particulares, a possibilidade de reconstruir os sistemas de representação.²⁶²

Desenvolvemos aquilo que Roger Chartier potencializa como “organizar uma experiência simbólica”,²⁶³ ao trabalharmos com a produção escrita de A. Tito Filho, abordando a temática da cidade de Teresina, observamos que a cidade passa a ser inscrita e descrita a partir dos seus símbolos, suas vivências, suas memórias e suas experiências.

Partindo dos livros, *Crônica da cidade amada*,²⁶⁴ datado de 1977, e *Memorial da cidade*²⁶⁵, datado de 1978, foram elaborados na intenção de se criar um memorial para a cidade de Teresina. Desenvolvem crônicas escritas pelo autor que abordam os principais fatos históricos da cidade desde a sua fundação. São fatos desenvolvidos no livro: a transferência da capital, a chegada do telégrafo, a inauguração da fábrica de tecidos, inauguração do Teatro 4 de Setembro e tantos outros fatos que marcaram a capital do Piauí. A exemplo, o que intitula como “introdução da cidade amada”:

Dia 5 de setembro de 1850. Era de noite, quando José Antônio Saraiva chegou a Oeiras, a velha Mocha- capital do Piauí, o antigo São José do Piauí, nome com que o primeiro governante da capitania, João Pereira Caldas, homenageou o rei Dom José, de Portugal A. 7, consagrado a independência do Brasil, o baiano assumiu a presidência da província. Na confluência dos rios Poti e Parnaíba, estava a Vila do Poti, que o presidente visitou ainda nesse recuado 1850. Saraiva não gostou do

²⁶¹ CHARTIER, 1999, p.3.

²⁶² CHARTIER, 1999, p.08.

²⁶³ CHARTIER, 1999, p. 10.

²⁶⁴ TITO FILHO, 1977, p. 49.

²⁶⁵ TITO FILHO, A. *Memorial da cidade verde*. Teresina: COMEPI. 1978.

lugarejo, sujeito a periódicas inundações, atacado de paludismo. Achou conveniente edificar a cidade em outro lugar, uma légua acima, entre os citados rios. Fixou-se no local chamado Chapada do Corisco, antiga fazenda de criação de gado, de muitas trovoadas e faíscas elétricas na estação chuvosa. Ainda hoje trovões de papouco e raios atormentam a população teresinense e foi aí na Chapada do Corisco que nasceu a Vila Nova do Poti. A 25 de dezembro de 1850, deu-se o lançamento da pedra fundamental da igreja de Nossa Senhora do Amparo. Mestre de obras: João Isidoro da Silva França. Antes de iniciar o edifício, construiu ele uma espaçosa casa de palha para se arrancar e por trás dela mais duas- uma como quartel dos soldados, e outra que servisse de abrigo dos escravos. No dia festivo celebrou-se missa na improvisada residência do construtor e houve comes e bebes, o primeiro banquete na futura capital do Piauí. Tocou-se muito foguete. Ao cabo de contas ia nascer uma cidade, sob os auspícios da bravura e da religião. As mulheres importantes tiraram dos baús os vestidos bonitos e se enfeitaram de jóias caras. Outro braço de Saraiva se chamou Manuel Domingues. A 20 de outubro de 1851, transferiu-se a Vila do Poti para a Vila Nova do Poti, mas o povo, bem justiceiro, não deixou que a comunidade morresse passou a denominá-la de Poti Velho, ainda agora do mesmo jeito, pobre, de casinhas modestas, povo sofrido e bom- O potí Velho de permanente simpatia, cheiroso a peixe. Com os anos tornar-se-ia o subúrbio de Teresina.²⁶⁶

A. Tito Filho faz referências à fundação da cidade, dando a esse texto características de um texto historiográfico, celebrando eventos e símbolos que para ele fazem parte da cidade, símbolos que são citados e recitados em seus textos. Para a pesquisadora Cláudia Cristina da Silva Fontineles, a citação e a recitação são instrumentos imprescindíveis na arte do fazer crer “essa arte consiste em associar imagens a lugares, delineando um cenário arquitetural, e requer duas espécies de preceitos: os primeiros regendo a seleção dos lugares e, aos outros, a das imagens mentais das coisas de que pretendemos nos lembrar e que a arte relaciona a lugares escolhidos”.²⁶⁷

O autor aproxima a cidade dos habitantes a partir do momento em que a classifica como uma Teresina baseada espiritualmente de amor. A. Tito Filho faz uma leitura da cidade a partir de uma representação feita em torno desta. Neste caso, devemos observar que A. Tito Filho foi um intelectual que pertenceu a uma classe de produtores de ideias e posicionamentos. Sandra Jatáhy Pesavento identifica alguns produtores da cidade como aqueles que trabalham no espaço urbano projetando-o e executando-o. Estes produtores podem trabalhar na cidade tanto no plano estrutural, como é o caso dos engenheiros, arquitetos, urbanistas; enquanto, no plano das representações, há os escritores, poetas, admiradores e habitantes que ajudam na construção da cidade do desejo, imaginária, literária a partir da cidade real. A. Tito Filho faz uma lista das vivências em Teresina no final do século XIX:

²⁶⁶ TITO FILHO, 1977, p. 26.

²⁶⁷ FONTINELES, 2010, p. 97.

Costumes- 1) Os festejos de N.S. do Amparo, animados de foguetório, namoricos e música; 2) As festas de aniversário nas residências modestas: os amigos fazem a surpresa, isto é, chegam sem aviso, e forma-se o baile, em que muito se bebe e se fala da vida alheia; 3) o São João festivo, com as danças tradicionais do boi, fogos de artifício, busca-pés, superstições; 4) os leilões nos adros das igrejas; 5) representações teatrais; 6) serenatas madrugalinhas. *Moda*: bengala, flor na lapela, leque, mandrião, chambre, espartilho, ceroulas. *Usanças*: moças passeando de braços dados, o acendedor de lampiões, vida noturna dos homens nos botequins, prédica dos padres nas igrejas, oratórios familiares, venda de capim em lombo de burro, venda de cargas d'água pelo meio das ruas, vício do rapé, dança da quadrilha e da polca. *Mais*: religiosidade excessiva, a intriga como processo de destruir caracteres, a vitória política pela importância familiar, jornalismo e decomposturas, ausência de atividades agrícolas, população masculina dedicada ao comércio, bacharelismo, culto das festas populares, cartas anônimas, maledicência generalizada, repúdio ao meretrício e ao adultério.

Para Antônio Paulo Rezende, a cidade também é uma casa, com seus costumes e suas vivências. Essa é uma das características que podemos perceber na escrita de A. Tito, a cidade como casa, moradia, espaço onde o público e o privado se aproximam:

A casa é moradia, mas a cidade também o é, embora isso passe quase imperceptível, quando se visualizam seus movimentos de modernização e se estabelecem suas funções mais utilitárias. Como moradia a cidade é o ninho da cultura, a sua descrição não se esgota no que é visível, nem na condenação das suas máscaras, mas exige um olhar penetrante e atento.²⁶⁸

A. Tito Filho é um intelectual, que dentre as escolhas de temas para suas obras, decidiu abordar a cidade e despertar o interesse dos leitores para a capital piauiense, por ele tão aclamada. Trazer a literatura como fonte para a pesquisa enriquece e dinamiza a associação do imaginário e do real presente na sua escrita.

Durante a década de 1970 em Teresina, as ruas estreitas são substituídas por avenidas e as casas mais simples por moradias mais atraentes. Teresina estava se apresentando como “uma cidade armada pelas melhores soluções das engenharias cordiais de nosso espírito brasileiro e pela engenharia científica das mais avançadas conquistas do urbanismo moderno”.²⁶⁹ Sobre essa Teresina moderna, Arimathéa Tito Filho escreveu:

A cidade cresceu e melhorou e vai atravessando a faixa da pequena para a média cidade. Está quase toda calçada. O nível das residências evoluiu tremendamente, no estilo, no conforto, no material com que são construídas. A casa de palha foi chutada para os subúrbios longínquos e tende a desaparecer... Teresina enveredou pela vermelha, pela Estrada de São Raimundo, antiga Estrada do Gado, pelo Porenquanto e conquistou o Poti Velho, dominando o Teso Duro do Desembargador Vaz da costa, e o Poti Novo, cuja águas atravessa para situar-se também entre babaçuais da outra margem. Já não pode ser vadiada a pé ou de bicicleta, como nos meus tempos de menino. Já não há poças e regatos nas ruas para gáudio dos moleques, nem as casinhas no fundo do quintal que **eram o sinal pungente da sua antiga pobreza rural**. Hoje, pode-se encontrar na maioria das casas o conforto moderno e as ruas

268

REZENDE, 2008, p.

269

TITO FILHO, 1977, p. 46.

calçadas dão vazão a intenso tráfego de automóveis.²⁷⁰

Ao contrário daquela Teresina que sofria com a falta de tratamento urbano, esta nova cidade de largas avenidas se mostrava mais atraente para seus habitantes. Arimathéa Tito Filho ao escrever sobre Teresina consegue transformá-la numa cidade literária, ou seja, uma cidade que é construída a partir de representações e singularidades e do olhar atento do autor como um admirador e leitor privilegiado da cidade. Como classifica Sandra Jatahy Pesavento:

Podemos afirmar que há leitores privilegiados da cidade, com habilitações culturais, profissionais e estéticas que os dotam de um olhar refinado, sensível e arguto. É o caso dos citados escritores, fotógrafos e pintores do urbano, que resgatam as sensibilidades do real vivido, estabelecendo com a cidade uma relação privilegiada de percepção.²⁷¹

Estudar Teresina a partir da ótica da literatura é dar espaço para escritores, os homens das letras, descreverem as suas experiências e impressões, as suas críticas e elogios, é ajudar na construção da memória da cidade a partir do olhar do outro. A. Tito Filho nos mostra que o estado precisa estar em total organização para enfim poder direcionar o olhar para a capital, é preciso investimento para que os cidadãos tenham condições de vida favoráveis, para que o número de mendigos e a pobreza diminuam, pois isso também cria uma imagem de atraso e destrói o sonho de uma capital moderna e bonita, aos olhos de seus admiradores e moradores.

Ao narrar sobre aspectos característicos de Teresina, Arimathéa Tito Filho, faz um convite aos cidadãos brasileiros para virem conhecer a cidade por ele caracterizada como “afetiva, tranquila e pitoresca”.

Vem, brasileiro, irmão de outras paisagens, vem TERESINAR, um verbo doce, expressivo, que se reza com carinho. O centro é uma festa permanente. Da praça Rio Branco, coração comercial da cidade, parte-se para o Parque da Bandeira, bem cuidado, convite ao descanso. Além, o rio Parnaíba, o velho monge de barbas brancas alongando...Junto às margens, lavadeiras batendo roupa, algumas de seios à mostra. Num dos lados do Parque, o antigo Palácio da Justiça. Antes, sede do poder executivo e residência de presidentes da província e governadores até que foi adquirido o Palácio de Carnaque.²⁷²

No cotidiano das cidades, as experiências são múltiplas, constituindo-se num amplo aspecto de trocas culturais²⁷³ entre sujeitos históricos, com hábitos, idiomas e sensibilidades

²⁷⁰ TITO FILHO, 1973, p. 18.

²⁷¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.

²⁷² TITO FILHO, 1973, p. 15.

²⁷³ MATOS, 2007, p. 36.

cabe observar ainda, as cidades como territórios que condicionam múltiplas experiências sensoriais pessoais e coletivas: odores, sons, sabores, imagens/visões e experiências táteis. Em relação a um dos mais importantes e movimentados espaços da cidade, o Mercado Central, A. Tito Filho relata com especificidade as comidas, os habitantes e os costumes ali presentes:

Pertinho do Parnaíba, o Mercado Velho ou Central, construído há mais de cem anos. Aí de tudo se vende: carnes, peixes, verduras, frutas, sandálias, calças, lamparinas, panelas, louças, mezinhas, beberagens eróticas como a famosa catuaba, pós mágicos. Camelôs propagam cura-tudo, literatura em cordel, alguns cegos recitam lamurientos versos de arrecadar esmolas. E dezenas de restaurantes ao ar livre, com comida sob as vistas do freguês, servem os mais variados pratos, sempre apimentados: fritos, sarapatel, buchada, panelada, mão-de-vaca, vísceras. Um arremedo dos mercadões de Fortaleza e Salvador, um colorido especial à vista da cidade. No mercadão a gente encontra o sujeito que vende maconha, o bicheiro anunciando o milho do jacaré e as mulatas mais desconfiadas do mundo, cheirando a brilhantina flor do amor. E muito chá-de-burro, o talentoso mucunzá.²⁷⁴

A cidade enquanto estrutura mutável, transportadora de “pedaços de recordações”,²⁷⁵ tanto históricas, quanto pessoais, que se relacionam com a escrita de A. Tito Filho. Sobre uma das mais importantes avenidas da cidade, a aclamada Frei Serafim, A. Tito Filho declara sua admiração, destaca a quantidade elevada de automóveis e de habitantes que circulam na mesma e ainda fala sobre a prostituição que ali se fazia presente durante a noite:

Ao lado de Carnaque, existe o lugar que antigamente se chamou Alto da Jurubeba, elevação em que um santo, Frei Serafim de Catânia, construiu e inaugurou, no século passado, imponente templo católico. Por trás da Igreja, o avenida espaçoso, que tem o nome do frade- espaçoso e comprido até alcançar o rio Poti. Avenida de trânsito intenso. Pedestre nele como fogo para a travessia. Veículos feios e bonitos, de variado formato transitam. Ciclista como praga. Talvez Teresina tenha mais bicicleta do que a capital da Suécia, onde até o rei anda de bicicleta. De noite a movimentação é a mesma- mas um novo quadro surge, a partir da 22 horas: *o trottoir*. As garotas apresentam-se para o amor, geralmente o amor começa *motorizado* e há de acabar nos *castelos* escondidos dentro dos matos que circundam os bairros, como em Brasília. Um paraíso de afeto, esta tranquila e pitoresca Teresina.²⁷⁶

A. Tito Filho teve a cidade de Teresina como um dos seus lugares de produção, pois trabalhou com a escrita nas suas mais variadas formas. Ao trazer a discussão sobre a grande Teresina, destacando o crescimento da cidade e as alterações que foram influenciando no cotidiano da mesma o autor se aproxima de Sandra Jatahy Pesavento quando esta mostra o processo de crescimento e modernização de Porto Alegre. A. Tito Filho afirma:

²⁷⁴ TITO FILHO, p. 15, 1977.

²⁷⁵ BRESCIANI, 1991, p.13.

²⁷⁶ TITO FILHO, p. 17, 1977.

Metropolitano significa pertencente ou relativo a metrópole. Que quer dizer METRÓPOLE? Palavra vinda do grego originariamente CIDADE MÃE. Diz-se da capital de país, de província, cidade principal, e por extensão, grande cidade ou cidade importante... Teresina se distribui em bairros, como a Vermelha, Piçarra, o Saci, o Porenquanto, o Poti Velho, o Jóquei Clube, São Cristovão e quantos mais. A tudo constitui Teresina. A GRANDE TERESINA compreende Timon, Demerval Lobão, Monsenhor Gil, Altos, União, José de Freitas, cidadezinhas que correspondem a verdadeiros subúrbios da cidade grande. Se a humanidade chegar ao fim do terceiro milênio, talvez todas essas comunidade interioranas das proximidades do município capital sejam uma cidade só.²⁷⁷

A relação entre literatura e cidade, faz com que outros olhares sejam despertados, singularidades sejam despertadas e o real seja transformado também em imaginário. “... Ousaríamos lançar o olhar do historiador sobre a visão literária da cidade, numa tentativa de, por sua vez, reconstruir o sonho que trabalhou a pedra”²⁷⁸ ao nos aproximarmos dos estudos das cidades, podemos desenvolver diversos questionamentos e discursos. No viés literário, a cidade é construída de forma mais sensível, pois, “o discurso literário dá uma nova existência a coisa narrada. Se é o olhar que qualifica o mundo, a narrativa literária ordena o real e lhe confere um valor, exercendo uma espécie de pedagogia da imaginação”²⁷⁹.

A narrativa literária traz, para o papel, a cidade, com detalhes imperceptíveis para muitos. Serve também para despertar lembranças associadas ao espaço urbano. No texto a seguir, A. Tito Filho nos fala da cidade do passado que ainda permanece nas lembranças e ao mesmo tempo de um novo espaço de sociabilidade que dá a cidade uma oportunidade de lazer:

[...] a gente revive o passado recente, em grande parte e à lembrança chegam pedaços da infância, da adolescência e da mocidade. Desenrola a obra da penitenciária, a velha cadeia o medonho casarão mofento que as picaretas derrubaram. O parque da Bandeira, que se embonitou e hoje é uma das melhores áreas de lazer do teresinense... O Clube dos Diários, de tanta fama, onde se davam os bailes mais animados da urbe.²⁸⁰

O cidadão-escritor A. Tito Filho trouxe suas lembranças e percepções sobre a cidade de Teresina para seus escritos, dando significados à capital do Piauí, estabelecendo associações entre a literatura, a memória e a cidade. O autor faz um relato das lembranças que ficaram presentes na memória, da cidade de Teresina do final da década de 1930, de suas transformações, de sua aclamação por poetas e escritores e descrita por A. Tito Filho com

²⁷⁷ TITO FILHO, 1977, p. 20.

²⁷⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. A pedra e o sonho: os caminhos do imaginário urbano. In: *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*: Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. 2. ed. Rio Grande do Sul: Ed. da UFRGS, 1999.

²⁷⁹ PESAVENTO, 1999, p.11.

²⁸⁰ TITO FILHO, A. Caderno de anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, 5 fev. 1979.

tantos detalhes. É importante perceber que o autor mostra as transformações dos costumes e como o ambiente citadino está relacionado aos mesmos.

Arimathéa Tito Filho ao transformar a cidade de Teresina em literatura oferece espaço para novas apropriações em torno do espaço urbano, imaginário e físico. Disse o autor: “se ainda não conviveste com este trecho de grandeza humana, vem! Teresina te espera, buliçosa, mas sempre afetiva tranquila e pitoresca. Deus não nasceu. Mas sonhou com uma cidade que fosse exemplo de bondade divina”.²⁸¹

Neste capítulo, trabalhamos com a produção escrita de A. Tito Filho sobre a cidade de Teresina, procurando evidenciar as sensibilidades, a memória, os símbolos, o cotidiano e todas as singularidades que foram fonte do que intitulamos de cidade literária. Este trabalho, partiu de um projeto que tinha como principal objetivo trabalhar com a cidade das sensibilidades, a cidade poética e a cidade como página escrita. Ítalo Calvino ao caracterizar a cidade de Irene, uma de suas cidades sensíveis afirma: “a cidade de quem se passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali, uma é a cidade à qual se chega a primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente; talvez eu já tenha falado de Irene sob outros nomes; talvez eu só tenha falado de Irene.”²⁸², A. Tito Filho ao convidar os estrangeiros e os habitantes de Teresina para conjugar o verbo “teresinar”, faz com que a cidade alcance vários nomes e significados, temos a compreensão de que esses textos não tiveram suas leituras esgotadas e a intenção é essa, que as Teresinas de A. Tito Filho despertem sempre novos olhares, discursos e análises.

²⁸¹

TITO FILHO, 1973, p.15.

²⁸²

CALVINO, 1990, p. 115.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se em cada Estado houvesse um Tito Filho, com essa percuciente visão histórica, com esse sendo didático, com esse interesse pela formação da juventude brasileira, dentro de pouco tempo teríamos a História do Brasil totalmente levantada de norte a sul de leste a oeste.²⁸³

As cidades são os territórios do sagrado e do profano. No que um se revela, noutro se esconde, às vezes os confundimos, encantados com os seus símbolos. Não, há portanto, como pretender esgotar as cidades e as suas histórias.²⁸⁴

Talvez é o que, no mais íntimo, busquemos sempre numa cidade, estados de ânimo, estados de graça, elegias.²⁸⁵

Todo habitante é capaz de traçar trajetórias exploratórias da cidade²⁸⁶, neste trabalho ao passo que somos habitantes-exploradores da cidade e traçamos nossos trajetos, somos também habitados pelos discursos e imagens que o literato-intelectual-jornalista-escritor José de Arimathéa Tito Filho construiu sobre a cidade de Teresina.

Neste trabalho fizemos o seguinte percurso: primeiramente analisamos e elencamos quem foi e qual a trajetória pessoal, profissional e intelectual, daquele que produziu discursos sobre a cidade, quem foi A. Tito Filho, quais os seus lugares de fala, sua relação com as instituições de poder, à exemplo da sua permanência enquanto presidente da Academia Piauiense durante vinte e dois anos e por quais motivos teve durante a primeira década de 1970 uma vasta produção bibliográfica. Nesta primeira parte do percurso procuramos mostrar quem falava e de onde falava, para em seguida trazer a cidade como ponto chave deste trabalho, levando em conta que A. Tito Filho passou a ser conhecido como “o enamorado da cidade”, aquele que produziu obras literárias sobre a cidade de Teresina, evocando seus símbolos, suas memórias e seus trajetos.

A segunda parte deste trajeto trata de explorar o espaço da cidade, enquanto cidade física, cidade estrutural e para A. Tito Filho, a cidade das críticas. Enquanto a cidade de Teresina passava por uma série de transformações no sentido de modernizar, embelezar e se tornar a mais bela capital da federação, A. Tito Filho utiliza seu lugar de fala para criticar as obras e gastos desnecessários do governo. Porém, no final do mandato do governador Alberto Silva, A. Tito Filho é nomeado como secretário de cultura e percebe-se assim uma mudança

283

Clóvis Ramos. Carta endereçada a A. Tito Filho, Caderno de Anotações. 22 jun. de 1975.

284 REZENDE, 1997, p. 24.

285 PELBART, Peter Pal. Cidade, lugar do possível. In: *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000. p. 49.

286 PELBART, 2000, p. 44.

no discurso, a cidade das críticas passa a ser espaço para a divulgação de seus feitos enquanto secretário.

A terceira e última parte deste percurso tem a cidade de Teresina transformada em escrita literária, utilizando como referências os livros produzidos por A. Tito Filho que fizeram da cidade espaço de vivências, passeamos pela “afetiva, tranquila e pitoresca”, ou como define Peter Pal Belbart, a cidade com uma camada virtual que recobre o concreto e que está numa relação de troca permanente de coalescência, de indiscernibilidade.²⁸⁷ Aqui estabelecemos uma relação direta entre história, cidade e literatura, Walter Benjamin e sua célebre indagação sobre o homem que habita a cidade real é ao mesmo tempo habitado por uma cidade de sonho (memórias, coletividade, símbolos, corpo coletivo, esperanças abortadas), e é isso que propomos aqui, a cidade que prolifera objetos, signos e vestígios e que “remete a um passado”²⁸⁸, o real e o imaginário vivendo de maneira superposta.

“Teresinamos” em A. Tito Filho, na sua escrita, nos seus lugares de fala e em Teresina, a cidade que continuou a multiplicar seu repertório de imagens,²⁸⁹ é a cidade unidade e também trama urbana, mas é também construção coletiva. A. Tito Filho delineou o pulsar de Teresina, transformando-a em literatura, em imaginária e real.

²⁸⁷ PELBART, 2000, p.44.

²⁸⁸ PELBART, 2000, p.45.

²⁸⁹ CALVINO, 1990, p.97

FONTES E REFERÊNCIAS

1 Fontes hemerográficas

100 ANOS DE TEATRO 4 DE SETEMBRO. Direção: Grupo Harém de Teatro. Produção: Maneco Nascimento. Teresina, 1994.

A. TITO FILHO, o enamorado da cidade. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 4, 3 set. 1974.

BASÍLIO, Armando. Caderno de anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 4 set.1974.

BRITTO, Bugyja. Águas perigosas. *O Dia*, Teresina, 1 abr. 1971.

BRITTO, Bugyja. Automóveis. *O Dia*. Teresina, 8 jan. 1972.

Cadernos de Comunicação, Sindicato dos Jornalistas do Piauí, Teresina, p. 13, nov. 1994.

FERNANDES JÚNIOR, Raimundo Itamar. Falar de A. Tito Filho. *O Dia*, Teresina, p. 2, 30 jun. 1992.

Inocência Candelária, carta endereçada a A. Tito Filho, Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. x, 19 mar. 1975.

MATOS, João Miguel. *Jornal do Piauí*, Teresina, 28 nov. 1974.

PEREIRA, Geraldo Ramon. A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 20 jan.1975.

PIAUI, Francelino. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 4 fev.1975.

RAMOS, Clóvis. Carta endereçada a A. Tito Filho, Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. x, 22 jun. 1975.

REGO, José Expedito. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina. p. 2, 1 maio 1974.

SILVA, Cunha e. Correição na cidade. *O Dia*, Teresina, 11 jan. 1971.

SILVA, Cunha e. Alto-Falantes. *O Dia*, Teresina, 18 mar. 1971.

SILVA, Cunha e. Correição na cidade. *O Dia*, Teresina, 25 mar. 1971.

SILVA, Cunha e. In médio virtus. *O Dia*, Teresina, 20 mai. 1970.

SILVA, Cunha e. Teresina. *O Dia*, Teresina, 15 jun. 1970.

SILVA, Cunha e. Teresina. *O Estado do Piauí*, Teresina, 25 jul. 1972.

TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 28 mar. 1970.

- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 3 jun. 1970.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 10 jun. 1970.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 2 set. 1970.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 1 nov. 1970.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 24 nov. 1970.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 3 dez. 1970.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 6 dez. 1970.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 9 jan. 1971.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 13 jan. 1971.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 29 jan. 1971.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 20 mar. 1971.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 24 mar. 1971 .
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 31 mar. 1971 .
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 4 dez. 1971.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 5 jan. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina. p. 3, 5 jan. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina. p. 3, 6 jan. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 9 jan. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 1 fev. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 3 fev. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 4 fev. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 9 fev. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 5, 26-27 mar. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina. p. 3, 3 maio 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina. p. 3, 8 jun. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 2 de jul. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, ? set .1972.

- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 1 nov. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 4 nov. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 27 nov. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 28 nov. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 2 dez. 1972.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 5 out. 1973.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 13 jan.1974.
- TITO FILHO, A. Caderno de Anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 3, 19 de jan.1975.
- TITO FILHO, A. Caderno de anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, 5 de fev. 1979.
- TITO FILHO, A. Entrevista: A. Tito Filho: um homem polêmico. *Revista Impacto*, Teresina, ano 3, n. 13, p. 6, jul. 1991.

2 Referências

- AFONSO, Alcília. Arquitetura milagrosa: a adoção do brutalismo como linguagem do milagre econômico na arquitetura piauiense: 1969-1974. In: AFONSO, Alcília; MARQUES, Rômulo. (Orgs.). *Teresina em aquarelas*. Teresina: EDUFPI, 2014.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. *Trajetos*, Revista de História da UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005.
- ANDRADE, José Maria Vieira de. Fantasmagorias do tempo e da cidade: história e experiência urbana na produção intelectual de O. G. Rêgo de Carvalho. In: OLIVEIRA, Marylu Alves; SILVA, Mairton Celestino da. (Orgs.). *Histórias: do social ao cultural, do cultural ao social*. Teresina: EDUFPI, 2015.
- BALABAN, Marcelo. Memórias de um demônio aposentado: literatura e vida literária em Bastos Tigre. In: CHALOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2005.
- BARTHES, Roland. Escritores e escreventes. In: BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BARTHES, Roland. *Semiologia e urbanismo*. Tradução de Murillo Mendes. Nova York: Hill and Wang, 1988.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: ZOUK, 2008.

BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. Masculinidades plurais: a construção das identidades de gênero em obras literárias. *Revista de História Unisinos*, São Leopoldo, v. 9, n. 2, p. 85-95, maio-ago. 2005. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6413>>. Acesso em: 20/05/2014

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. A crônica como escrita autobiográfica: A. Tito Filho e a invenção de si. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH* – São Paulo, jul. 2011.

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. Escrita dos movimentos interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992). Recife: UFPE, 2012. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste do Brasil). UFPE. 2012.

BRESCIANI, Maria Stella. As sete portas da cidade. *Espaço e Debate*, São Paulo, n. 34, p. 10-15, 1991.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. O escritor e o público. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

CATROGA, Fernando. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história*. Coimbra: Almedina, 2009.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. I. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

CHARTIER, Roger. Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. A força das representações: história e ficção. João Cezar de Castro Rocha (Org.) Chapecó, SC: Argos, 2011.

CHARTIER, Roger. Debate: literatura e história. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 197-216, 1999.

CHAVES, Monsenhor. Teresina: subsídios para a história do Piauí. In: CHAVES,

Monsenhor. *Obra completa*. Prefácio de Teresinha Queiroz. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

DECCA, Edgar Salvadori de. História, acontecimento e narrativa. In: *Cidade, história e memória*. EDUFPI.

FERREIRA, Jordan Bruno Oliveira. *Literatura, história e memória nas crônicas de A. Tito Filho*. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014. Disponível em: <>. Acesso em: 10/06/2015

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. 2009. 374 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Cidade, 2009.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. Estádio Albertão entre a memória recitada e o apagamento dos rastros. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do (Org.). *Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras*. Teresina: EDUFPI; Imperatriz: Ética, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GOMES, Renato Cordeiro. A cidade, a literatura e os estudos culturais, do tema ao problema. *Ipotesi*, Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora, v. 3, n. 2. p. 19-30, 1999. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/12/A-CIDADE-A-LITERATURA-E-OS-ESTUDOS1.pdf>>. Acesso em: 16/05/2015.

GONÇALVES, Luiz Mendes Ribeiro. *Cartas a A. Tito Filho*. Organização Kenard Kruel. Teresina: Zodíaco, 2010.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê, 2001.

LIMA, Nilsângela Cardoso. Cultura jornalística e identidade profissional dos jornalistas teresinenses (1951 a 1954). In: OLIVEIRA, Marylu Alves; SILVA, Mairton Celestino da (Orgs.). *Histórias: do social ao cultural, do cultural ao social*. Teresina: EDUFPI, 2015.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa*. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

MONGIN, Olivier. A condição urbana: a cidade na era da globalização. Tradução de Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (res)sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. 2010. 237 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: combates pela história. *História*

oral, Revista da Associação Brasileira de História Oral, Rio de Janeiro v. 10, n. 1, jan-dez. 2006.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda. *Historiografia piauiense: relações entre escrita histórica e instituições político-culturais*. 2010. 237 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vista pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 195-214, 2007.

PEREIRA, Jaira Nádia Carvalho. Em defesa da moralidade e do civismo: trajetória e escrita de Simplício de Sousa Mendes. 2011. 106 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

PELBART, Peter Pal. Cidade, lugar do possível. In: *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000. p. 49.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A pedra e o sonho: os caminhos do Imaginário Urbano. In: *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. 2. ed. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A pedra e o sonho: os caminhos do imaginário urbano In: *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. 2. ed. Rio Grande do Sul: Ed. da UFRGS, 1999.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. Teresina: COMEPI, 1972.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco, 1997.

PORTELLI, Alessandro. Ensaio de história oral. Seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago; tradução de Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O milagre brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. (O Brasil Republicano, 4).

QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura e sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

QUEIROZ, Teresinha. *História e Literatura*. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa; RANGEL, Maria do Socorro (Org.). *Entre línguas: movimento e mistura de saberes*. Fortaleza: UFC, 2008. p. 200-214.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sade. São Paulo: Brasiliense, 1985.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARTE, 1997.

REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. *Cidade e modernidade: registros históricos do amor e da Solidão no Recife dos anos 1930*. In: MONTENEGRO, Antonio Torres... et al. *História: cultura e sentimento: outras histórias do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008.

REZENDE, Antônio Paulo. *Ruídos do efêmero: histórias de dentro e de fora*. Recife: Ed. UFPE 2010.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Tradução de Sérgio Góes de Paula; apresentação Francisco C. Weffort. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SILVA, Antônio Ozaí da Silva. *Os intelectuais diante do mundo: engajamento e responsabilidade*. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 29, out. 2003.

SIRINELLI, Jean-François. *Os Intelectuais*. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 254-255.

TÔRRES, Gislaine Cristiane Machado. *Escritas marginais: cidade e cotidiano teresinense em obras da geração mimeógrafo*. In: BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. *História e ficção*. Imperratriz, MA: Ética, 2009.

TITO FILHO, A. *Esmaragdo de Freitas, homens e episódios*. COMEPI, 1973.

TITO FILHO, A. *Deus e a natureza de José Coriolano*. COMEPI, 1973.

TITO FILHO, A. *Zito Batista, o poeta e prosador*. COMEPI, 1973.

TITO FILHO, A. *Lima Rebelo, o homem e a substância*. COMEPI, 1973.

TITO FILHO, A. *Teresina, meu amor*. Teresina: COMEPI, 1973.

TITO FILHO, A. *Governos do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1975.

TITO FILHO, A. *Sermões aos peixes*. Teresina: ARTENOVA, 1975.

TITO FILHO, José de Arimathéa. *Crônicas*. Organização de José Elias Arêa Leão. Teresina: Gráfica e Editora Júnior/Secretaria de Cultura do Piauí, 1989.

TITO FILHO, A. *Praça Aquidabã, sem número*. Teresina: Artenova, 1975.

TITO FILHO, A. *Gente e humor*. Teresina: COMEPI, 1975. 85 TITO FILHO, 1975.p.12.

TITO FILHO, A. *Crônica da cidade amada*. Teresina: COMEPI, 1977.

TITO FILHO, A. *Memorial da cidade verde*. Teresina: COMEPI, 1978.